



Departamento de História

O Estado Novo e o mundial de futebol de 1966

Luís Pedro Marques Lourenço

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em

História Moderna e Contemporânea: Relações Internacionais

Orientador:

Doutor Luís Nuno Rodrigues, Professor Associado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientador

Doutor Marcos Cardão, Investigador Integrado

IHC-FSCH – Universidade Nova de Lisboa

Setembro, 2015

AGRADECIMENTOS

Não podia deixar de começar por agradecer aos meus orientadores, o Professor Doutor Luís Nuno Rodrigues e o Doutor Marcos Cardão por toda a ajuda, conselhos, sugestões e orientações que me ajudaram a desenvolver este trabalho, sem os quais dificilmente este veria a luz do dia.

Seguidamente, manifesto um agradecimento a toda a minha família, especialmente aos meus pais, a Fátima e o Francisco, por todo o apoio, incentivo e compreensão prestados não só durante a elaboração deste trabalho, como também ao longo de toda a minha vida. Para eles, é dedicada esta tese.

Tenho também uma menção especial para a Inês Correia, a Miriam Sousa, o Luís Antunes, a Amandine Duarte, o João Rente, o João Jerónimo e todos os outros colegas e amigos pelos momentos de companhia, diversão e amizade, tão importantes nos dias de hoje. Sem eles, a elaboração desta tese teria custado muito mais.

Um reconhecimento ainda a todos os funcionários da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e do Arquivo Histórico Diplomático, pela sua competência, ajuda e simpatia prestada durante todos os momentos da minha investigação.

Por fim, um agradecimento especial a todos os membros da equipa nacional de futebol portuguesa que participou no mundial de 1966 e que obteve aquela que é, ainda hoje, passados quase 50 anos, a melhor prestação portuguesa de sempre em mundiais de futebol. Todos eles estão de parabéns pela excelente prova realizada.

RESUMO

A temática deste trabalho centra-se na prestação da seleção nacional de futebol portuguesa no mundial de 1966 e na forma como esta foi utilizada para efeitos políticos e de propaganda por parte do Estado Novo. Para compreendermos a importância dessa participação é necessário entender primeiro a forma como o futebol pode ser utilizado pelas elites políticas, com especial ênfase nos regimes ditatoriais, para ajudar a divulgar as suas ideologias e como forma de controlo das massas populares. Por outro lado, é também necessário compreender como era visto e como evoluiu o futebol durante o Estado Novo, além de entendermos qual a situação política, nacional, internacional e, sobretudo, colonial, do regime durante a década na qual decorre a competição. Esta será a primeira parte do trabalho. Após isso, entrar-se-á nas questões principais da tese, nomeadamente: Como se desenrolou a participação portuguesa durante o mundial? Qual o aproveitamento que o Estado Novo retirou dessa prestação? Como o conseguiu? Em que áreas mais se notou o impacto do mundial?

Penso que, com esta tese, se irá ficar a compreender melhor a importância da prestação portuguesa no mundial para o Estado Novo, o modo como esta foi usada em termos propagandísticos e quais os meios e formas em que foi usada. Para a sua realização, os principais métodos utilizados na recolha de informação foram a consulta de jornais da época, a visualização dos discursos na Assembleia Constituinte, alguns documentos oficiais de arquivo e também a leitura de bibliografia sobre as diversas áreas desta temática.

Palavras-chave: *Estado Novo, Futebol, Propaganda, Ideologia Colonial*

ABSTRACT

The topic of this thesis focus on the performance of the Portugal national football team in the world cup of 1966 and how it was used for political and propaganda purposes by the New State. To understand the importance of that campaign, first it's necessary to comprehend how football may be used by the political elites, with a special emphasis on the dictatorial regimes, to help promote their ideologies and as a way to control the popular masses. On the other hand, it's also necessary to understand how football was seen, and how it evolved during the New State. Beyond that, we also need to realize the political situation, national, international and, especially, colonial, of the regime during the decade when the competition took place. This will be the first section of this thesis. After that, we will analyze the main questions of this dissertation, such as: How did the Portuguese team fare during the world cup? What were the benefits the New State took of that performance? How did it do it? In which areas was the impact of the world cup more visible?

I think that, with this thesis, we will have a better understanding of the importance of the Portuguese campaign in the world cup to the New State, how it was used for propaganda and the means in which it was used. The main methods used to accomplish this were the research of newspapers of 1966, the visualization of the interventions of the Constituent Assembly, some archival records and also reading the bibliography about the various areas of this theme.

Key words: *New State, Football, Propaganda, Colonial Ideology*

ÍNDICE

Capítulo 1: INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo 2: O FUTEBOL E A HISTÓRIA.....	5
Capítulo 3: O ESTADO NOVO E O FUTEBOL.....	15
A luta pelo profissionalismo.....	17
O futebol e a política portuguesa antes de 1960.....	20
As inaugurações de estádios no Estado Novo.....	21
O futebol e a política portuguesa a partir de 1960.....	25
O futebol nas colónias portuguesas.....	28
Capítulo 4: O ESTADO NOVO E O MUNDIAL DE FUTEBOL DE 1966.....	31
O Estado Novo na década de 1960.....	31
A prestação portuguesa no mundial de futebol de 1966.....	39
Análise aos discursos dos jornais.....	53
Capítulo 5: O IMPACTO DO MUNDIAL DE FUTEBOL DE 1966.....	59
A chegada dos jogadores a Portugal.....	60
O impacto político do mundial.....	63
O rescaldo da competição nos jornais portugueses.....	72
O impacto cultural do mundial e a visão do país no estrangeiro.....	80
O impacto do mundial na situação colonial.....	88
Capítulo 6: CONCLUSÃO.....	95
FONTES.....	101
BIBLIOGRAFIA.....	103

INDÍCE DE IMAGENS

Imagem 1: Cartaz de propaganda sobre a política desportiva do Estado Novo, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.....	23
Imagem 2: Cartaz de propaganda sobre o império colonial português, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.....	37
Imagem 3: A condecoração de Américo Thomaz aos jogadores portugueses, <i>Diário de Lisboa</i> , 2 de Agosto de 1966.....	66
Imagem 4: Eusébio e Salazar na receção feita após o mundial de 1966, <i>Diário de Lisboa</i> , 3 de Agosto de 1966.....	67
Imagem 5: Eusébio a chorar após o jogo frente aos ingleses, http://www.abola.pt/nnh/ver.aspx?id=451322	89

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

C.E.E. – Comunidade Económica Europeia

E.F.T.A. – European Free Trade Association

E.U.A. – Estados Unidos da América

F.I.F.A. – Fédération Internationale de Football Association

F.N.A.T. – Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

F.P.F. – Federação Portuguesa de Futebol

O.N.U. – Organização das Nações Unidas

P.A.I.G.C. – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

P.C.P. – Partido Comunista Português

P.I.D.E. – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

R.F.A. – República Federal Alemã

S.N.I. – Secretariado Nacional de Informação

S.P.N. – Secretariado de Propaganda Nacional

T.A.P. – Transportadora Aérea Portuguesa

U.R.S.S. – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Portugal e o futebol têm uma ligação intrínseca e profunda. Além de ser, com larga distância, o desporto mais popular do país, o futebol é também pertença da identidade coletiva do povo português. Ou seja, é muito difícil não associar Portugal ao futebol. Este tem um papel muito importante na constituição da chamada identidade nacional do país.¹ Em termos internacionais, a associação entre Portugal e futebol também está muito presente, dado que, especialmente nos últimos anos, o país é notoriamente reconhecido pelas suas figuras futebolísticas (das quais se podem destacar primeiro Luís Figo e, depois, Cristiano Ronaldo e José Mourinho). Se essa ligação é hoje mais visível, devido, entre outros fatores, à evolução da cobertura mediática, ao sucesso continuado da seleção nacional portuguesa a partir de inícios da década de 90 (com as vitórias da chamada “geração de ouro” nos mundiais de sub-20 em 1989 e 1991) e ao grande fervor e entusiasmo patriótico vivido aquando do Euro 2004, esta já existia desde meados do século XX. No entanto, dadas as dificuldades do futebol em evoluir durante o Estado Novo e correspondentes maus resultados, o entusiasmo que este conseguia provocar na população portuguesa era ainda relativamente diminuto. Apenas na década de 1960 é que o futebol consegue dar grandes momentos de alegria à população portuguesa, primeiro com as vitórias europeias de Benfica e Sporting e depois com o terceiro lugar da seleção nacional no mundial de futebol de 1966. Estes sucessos levaram às maiores celebrações nacionalistas e patrióticas relacionadas com delegações desportivas que Portugal alguma vez tinha visto até então, pelo menos, de acordo com a imprensa da época. Todavia, os sucessos portugueses não viriam a ser repetidos nos anos seguintes. Pelo contrário, durante toda a década de 1970, os resultados da equipa nacional portuguesa foram bastante negativos, sem qualquer participação numa grande prova internacional. O mundial de 1966 parecia assim ter sido fruto de uma conjuntura de fatores excecionais que, tão depressa, não se voltariam a repetir. Apenas em 1984 Portugal volta a participar numa grande competição internacional, no caso o europeu de futebol, onde viria a terminar também num terceiro lugar. Dois anos depois, Portugal viria a classificar-se para o mundial de 1986, tendo sido eliminado logo na fase de grupos no meio de muita polémica e controvérsia. Apesar dos já referidos êxitos das seleções sub-20, Portugal apenas se voltaria a classificar para outra grande competição

¹ Coelho, João Nuno; Tiesler, Nina Clara, (2006), “O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios”, *Análise Social*, Vol. XLI, (179), pp. 522
Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721849K5aJJ4wj8DI59TJ3.pdf>

internacional em 1996. Após falhar o mundial de 1998, Portugal tem participado em todas as grandes competições (europeus e mundiais) desde 2000, com graus de sucesso distintos.

Apesar de, como já referido, o período de maior nacionalismo desportivo se situar a partir de 2004, o caso do mundial de futebol de 1966 reveste-se de um especial interesse. Durante toda a vigência do Estado Novo, este foi o único grande êxito desportivo da seleção nacional de futebol. Dada a popularidade do desporto no país, ainda mais presente devido aos êxitos anteriores dos clubes portugueses, e da capacidade deste em potenciar os nacionalismos, seria exetável que o Estado Novo tentasse tirar algum aproveitamento político e de propaganda do acontecimento. Acresce a isso a situação política nacional e internacional do país durante a década de 1960. Nacionalmente, embora demonstrando algumas melhorias em termos de crescimento económico, o país continuava a estar atrasado em relação ao resto da Europa ocidental. Internacionalmente, Portugal vivia um período de relativo isolamento, provocado pela guerra colonial. Esta centrava em si todas as atenções do Estado Novo, que defendia a sua necessidade de forma intensa e inflamada, mesmo perante as críticas e pressões internacionais que exigiam o fim imediato da guerra e a independência dos territórios portugueses em África. É portanto neste contexto político que ocorre a competição. Uma participação medíocre de Portugal na prova não traria significativos prejuízos ao país, embora pudesse contribuir ainda mais para a deterioração da imagem da nação no estrangeiro. Por outro lado, uma participação positiva podia contribuir para melhorar a imagem e reputação de Portugal, além de conseguir desviar as atenções, mesmo que temporariamente, dos problemas que assolavam o país. Ao mesmo tempo, também o contexto colonial podia sair reforçado. Numa época onde se defendia o luso-tropicalismo e o carácter “multirracial” da política colonial portuguesa, onde alegadamente não existiriam diferenças entre todos os habitantes de Portugal, independentemente do seu local de nascimento, género ou “raça”, a equipa portuguesa poderia, em caso de sucesso, ser um excelente exemplo demonstrativo das ideias defendidas pelo Estado Novo. Isto porque a equipa portuguesa era composta por muitos jogadores provenientes dos territórios portugueses em África, incluindo as suas grandes estrelas, como Eusébio ou Coluna. A participação portuguesa na prova acabou por superar todas as expectativas. Não só os jogadores deixaram uma excelente imagem no campo, como também fora dele, demonstrando um enorme desportivismo e simpatia que seriam muito elogiados nacional e internacionalmente. Além disso, o seu espírito de equipa e camaradagem foram também muito referidos, especialmente pela imprensa nacional que, desta forma,

tentava mostrar, de forma mais ou menos subtil, que a apregoada união e unicidade do império português era verdadeira.

Nesta tese pretende-se então saber se o sucesso da equipa portuguesa nesta competição foi utilizado e politizado por parte do Estado Novo para efeitos de propaganda e de que forma isso se sucedeu. Para tal, ela está dividida em cinco partes. Na primeira, abordar-se-ão as ligações entre o futebol e a política e as formas como o primeiro é utilizado pela segunda, recorrendo-se a alguns exemplos históricos, principalmente através das ligações de alguns regimes ditatoriais ao desporto. Na segunda parte irei analisar a ligação entre o Estado Novo e o futebol e a forma como este evoluiu ao longo do regime. Na terceira parte explicar-se-á a situação política do país durante a década de 1960 e o modo como esta ajuda a explicar a importância que o mundial poderia ter em termos de propaganda e de defesa ideológica do regime. Seguidamente, irei descrever a campanha da equipa portuguesa ao longo da prova. Na quarta parte, analisarei o impacto que a boa prestação da seleção nacional teve na situação política, cultural e social do país e de que forma esse sucesso foi aproveitado pelo Estado Novo, tanto através de forma oficial (discursos políticos e recepções aos jogadores) como informal (discursos de jornais e outros meios não-oficiais de apoio às políticas do governo). Por fim, na quinta parte, sintetizar-se-á tudo o que foi dito anteriormente e mostrar-se-ão as conclusões obtidas com a realização desta tese.

CAPÍTULO II: O FUTEBOL E A HISTÓRIA

Apesar de não ser uma área exaustivamente estudada, foram já bastantes os historiadores, cientistas sociais e outros académicos que se debruçaram sobre o papel e importância do desporto, principalmente do futebol, na sociedade. Também no caso português, são já alguns os estudos e análises académicas sobre o assunto, como os *dossiers* temáticos das revistas *Etnográfica* «Futebol, ciências sociais e imagens²» e *Análise Social*, «Futebol globalizado³». Destacam-se também algumas obras que abordam a ligação entre futebol e política, que serão examinadas com maior detalhe no capítulo seguinte. Todas estas análises sucedem porque o desporto, na sua generalidade, já provou ser um meio capaz de aproximar ou separar nações, além de também já ter demonstrado ser extremamente popular em quase todos os pontos do mundo.

Assim, várias figuras reconheceram a importância do desporto em geral e do futebol em particular (devido à sua enorme popularidade em quase todo o mundo), como factor social, cultural e político. Gerald Ford, ex-presidente dos Estados Unidos, afirmou em 1974: “Um triunfo desportivo pode ser tão moralizador para o espírito de uma nação como uma vitória no campo de batalha”⁴. Por sua vez, Peter Ueberroth, presidente do comité organizador dos jogos olímpicos de Los Angeles, afirmou em 1984: “Temos de enfrentar a realidade de que os jogos olímpicos constituem não só um evento desportivo mas também um evento político”⁵. O mesmo poderá ser dito sobre os mundiais de futebol. Como o historiador Eric Hobsbawm afirmou:

“Aquilo que tem tornado o desporto um meio tão unicamente eficaz de inculcação de sentimentos nacionais, pelo menos para os homens, é a facilidade com que até mesmo os indivíduos menos políticos ou menos públicos podem identificar-se com a nação simbolizada por jogadores que se distinguem naquilo em que praticamente todos os homens querem, ou queriam em algum momento da sua vida ser capazes. A imaginada comunidade de milhões parece ser mais real com uma equipa de onze

² *Etnográfica*, volume IX, 2, 2005

³ *Análise Social*, volume XLI, 2.º trimestre, 179, 2006

⁴ Kissoudi, Penelope (2008), “Sport, Politics and International Relations in the Twentieth Century”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 25, (13), pp. 1693

Díspnível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523360802367281>

⁵ *Ibidem*

pessoas nomeadas. O indivíduo, mesmo aquele que apenas aplaude, torna-se, ele próprio, um símbolo da sua nação”⁶.

Neste sentido, foram vários os regimes políticos que também se aperceberam da dimensão política do futebol e usaram-no para ajudar na propagação das suas políticas. Isto foi especialmente visível durante todo o século XX. De facto, a politização do futebol tornou-se mais forte na década de 1920⁷ e cresceu exponencialmente com o aparecimento dos regimes ditatoriais. Neste período conturbado e de grandes rivalidades entre os países, as equipas nacionais passaram a representar todo o país e os jogos tornaram-se numa espécie de confronto internacional, onde as equipas trariam a vitória ou derrota ao Estado. Antes disso, os jogos de futebol tinham uma fraca, ou até mesmo inexistente, conotação política. Uma das razões para isso terá a ver com a fraca mediatização do jogo até essa altura. A popularidade do futebol dá-se de maneira autónoma, sendo adquirida pelas massas através do seu contato com ele ou seja, o gosto pelo jogo não é incutido às populações pelos regimes políticos. Pelo contrário, estes é que o viriam a utilizar mais tarde, ao perceberem a sua popularidade e impacto na população. De qualquer forma, desde essa altura, a politização do futebol e a ligação entre a equipa nacional e o país mantiveram-se até aos dias de hoje, existindo inúmeros casos onde é visível uma união entre a política e o futebol.

Um dos mais famosos exemplos e, porventura, o mais bem-sucedido, terá sido o de Mussolini e da seleção italiana que venceu os mundiais de futebol de 1934 e 1938. O regime de Mussolini teve uma grande influência nessas vitórias (principalmente em 1934, visto o mundial ter sido realizado em Itália). Por outro lado, o sucesso da equipa foi aproveitado pelo governo italiano para evidenciar as qualidades do fascismo em geral e da liderança de Mussolini em particular. Além do sucesso da seleção nacional, o regime fascista italiano usou também o futebol para efeitos propagandísticos através da inauguração de estádios, alguns deles emblemáticos, como o Olímpico de Roma ou o San Siro em Milão. Estes foram construídos na década de 1930 e a sua inauguração proporcionou grandes espetáculos que

⁶ Hobsbawm, Eric (2004), *Questão do Nacionalismo. Nações e Nacionalismo desde 1780*, Lisboa, Terramar, apud Maranhão, Tiago (2006), “«Apolíneos e dionisíacos» - o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro»”, *Análise Social*, Vol. XLI, (179), pp. 442

Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721721E2nAF2ru5Xh45XE4.pdf>

⁷ Kissoudi, Penelope (2008), “Sport, Politics and International Relations in the Twentieth Century”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol.25, (13), pp. 1690

elogiavam e destacavam o fascismo e a figura de Mussolini⁸. Por sua vez, isso iria inspirar Hitler e Franco a tentar seguir o seu exemplo, com sortes distintas. A seleção alemã, sob a égide de Hitler, faliu estrondosamente nas grandes competições internacionais, tendo sido eliminada logo na primeira ronda no mundial de 1938. Isto sucedeu após a anexação da Áustria, uma das melhores equipas da época, e da integração de alguns dos seus melhores jogadores na seleção alemã. Já a equipa espanhola, embora sem grandes feitos nos mundiais, acabou por vencer o europeu de futebol de 1964 (realizado no próprio país).

O caso do regime nazi é paradigmático de como o desporto pode ser um importante meio de propaganda, mesmo que grande parte das tentativas de o usar como meio de demonstrar a superioridade ariana tenham fracassado. O caso mais emblemático não se liga ao futebol, mas sim aos jogos olímpicos de 1936 e ao sucesso do atleta afro-americano Jesse Owens, que com as suas quatro medalhas de ouro em atletismo, quebrou o mito da supremacia ariana⁹. Também o futebol teve um papel importante em vários aspetos políticos e de propaganda no regime nazi. Para além disso, servia muitas vezes para tentar apaziguar as relações internacionais. Num jogo entre Inglaterra e Alemanha disputado em Berlim, os jogadores ingleses viram-se obrigados a fazer a saudação nazi antes da partida, de modo a não prejudicar mais as tensas relações entre Inglaterra e Alemanha. Por outro lado, o futebol também sofreu com as políticas anti-semitas do regime nazi. Muitos jogadores judaicos foram assassinados ou presos e alguns clubes judaicos, como o Hakoah Viena da Áustria, foram fechados¹⁰. Este clube foi igualmente usado como meio de propaganda nazi. Para mostrar ao mundo que os relatos das suas atrocidades eram falsos, foi feito um documentário (*Der Führer Schenkt den Juden Eine Stadt*¹¹) sobre um campo de concentração checo, onde se mostrava os judeus (muitos deles ex-jogadores do Hakoah) a jogarem futebol e sem qualquer sinal de violência. Outro uso que o partido nacional-socialista dava ao futebol era o de pacificação dos países ocupados. Na realidade, os alemães até encorajavam esses países a praticarem o futebol e a seleção nacional alemã realizou vários jogos nos territórios ocupados

⁸ Benoit, Macon (2008), “The politicization of football: The European game and the approach to the Second World War”, *Soccer and Society*, vol. 9, (4), pp.536-541

Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970802257606>

⁹ Kissoudi, Penelope (2008), “Sport, Politics and International Relations in the Twentieth Century”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol.25, (13), pp. 1691

¹⁰ Benoit, Macon (2008), “The politicization of football: The European game and the approach to the Second World War”, *Soccer and Society*, vol. 9, (4), pp.533-535

¹¹ Poder-se-á traduzir para: O Führer dá uma cidade aos judeus.

até 1942. Contudo, essas tentativas tinham, por vezes, o efeito oposto. Um exemplo disso ocorreu após a invasão da União Soviética, mais concretamente na ocupação da cidade de Kiev. Para seguir com o seu programa de pacificação e normalização do território, os alemães organizaram um jogo entre o Rukh FC, um clube nacionalista alemão e o Start FC (ex Dínamo Kiev). Os ucranianos ganharam 6-0 e foram realizando mais jogos frente a equipas alemãs, vencendo-os todos. A sua história chega ao fim após dois jogos efetuados contra a equipa de futebol da *Luftwaffe*. Desobedecendo a ordens alemães, os ucranianos venceram os germânicos nos dois jogos realizados. Uma semana depois, todos os seus membros foram enviados para campos de concentração e mortos.

Por sua vez, o regime de Franco também tentou usar o futebol como meio de propaganda e como arma política. Como se referiu anteriormente, o seu maior sucesso foi a vitória no Europeu de futebol de 1964, realizado em Espanha. Mais satisfatório para Franco, foi o facto de a vitória ter sido contra a União Soviética. Curiosamente, quatro anos antes, Franco impediu a seleção espanhola de viajar para a União Soviética num jogo de qualificação para o Europeu de 1960¹². As razões para tal atitude são discutíveis, mas talvez as ações de Franco se expliquem melhor se tivermos em conta que o Europeu de 1964 foi realizado em Espanha. Provavelmente, Franco viu uma hipótese de demonstrar a superioridade do futebol espanhol e, por consequência, do seu regime, sobre a URSS e o comunismo, tendo por isso permitido a realização do jogo no seu território. Além disso, durante o regime franquista, foi ordenada a militarização e “hispanização” do futebol espanhol, sendo os jogadores obrigados a fazer a saudação fascista antes do início dos jogos. A influência do regime franquista no futebol notava-se ainda através da enorme cobertura dada ao desporto e do seu carácter nacionalista e propagandístico (a taça de futebol deixou de ser a Taça do Rei para passar a chamar-se Taça do Generalíssimo). Apesar disso, as tentativas de usar o futebol para ganhar apoios ao regime e defender a ideia de uma Espanha unida não tiveram sucesso, mesmo apesar dos êxitos do Real Madrid (clube com mais sucesso na Europa nos finais da década de 1950, inícios de 1960) e da inauguração de dois grandes estádios, ainda hoje reconhecidos por todo o mundo (Santiago Bernabéu e Camp Nou). As fortes divisões regionais continuaram a notar-se e Franco nunca conseguiu usar totalmente o

¹² Gaillard, William (2013), “Football, Politics and Europe”, *The Hague Journal of Diplomacy*, vol. 8, pp.337

Dísponível em: <http://booksandjournals.brillonline.com/content/journals/10.1163/1871191x-12341261>

futebol para criar a ideia de uma identidade nacional espanhola¹³. De facto, ainda hoje se notam as fortes divisões regionais, com o Futbol Club Barcelona a defender a identidade cultural da Catalunha¹⁴, o mesmo fazendo o Athletic Bilbao para o País Basco, mantendo ainda a sua política de só fazer jogar atletas nascidos ou descendentes de habitantes da região.

Também a U.R.S.S. usou o futebol e o desporto como meio de propaganda e defesa do regime político. Embora sejam mais famosas as suas disputas com os americanos nos jogos olímpicos (de verão e de inverno), o futebol soviético, mesmo não sendo tão popular como noutros países, também teve os seus casos políticos. Em termos da equipa nacional soviética, os seus maiores momentos de sucesso foram a vitória no europeu de futebol de 1960 e o quarto lugar alcançado no mundial de 1966. Como nas restantes delegações desportivas, a equipa nacional de futebol soviética representava toda a nação e todo o Estado, encontrando-se dependente deste. Em todos os desportos, a União Soviética era obrigada a ganhar, como se depreende das palavras de Nikolai Romanov, presidente do comité para a cultura física e o desporto no período a seguir à segunda guerra mundial: “Assim que decidíamos participar em competições estrangeiras, éramos forçados a garantir a vitória, caso contrário a imprensa burguesa «livre» aviltaria não apenas os nossos atletas, como também toda a nação [...] Para obter autorização para participar nos torneios internacionais eu tinha de enviar uma nota pessoal a Estaline garantindo-lhe a vitória.¹⁵” Apesar destes êxitos, o futebol soviético nunca conseguiu alcançar um nível de topo, não tendo vencido um mundial e com as suas equipas de futebol a estarem alguns níveis abaixo dos grandes clubes mundiais. Por outro lado, um dos casos mais conhecidos de interferência política no futebol soviético terá sido o de Nikolai Starostin. Este era o capitão de equipa do Spartak Moscovo em finais da década de 1930¹⁶.

¹³ Kassimeris, Christos (2012), “Franco, the popular game and ethnocentric conduct in modern Spanish football”, *Soccer and Society*, vol.13, (4), pp. 559-560

Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2012.677228#.VVVs5RrlViko>

¹⁴ Mais que um clube, in FC Barcelona

<http://www.fcbarcelona.com.br/clube/diretoria/detail/card/mais-que-um-clube> (15/07/2014)

¹⁵ Romanov, N. (1987), *Trudnye dorogi k Olimpiu*, Moscovo, Fizkultura I sport, apud Riordan, Jim (2006), “«Entrar no jogo»: pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder”, *Análise Social*, XLI, (179), pp. 481

Dísponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721785K3jQR4oe5Sa38ER8.pdf>

¹⁶ Starostin fez também uma interessante reflexão sobre o papel do futebol para as massas, afirmando: “Creio que no período anterior à guerra o papel social e a importância do futebol nasceram da relação especial que o público tinha com esse desporto. As pessoas pareciam separá-lo de tudo o resto que acontecia à sua volta (...) Para a maioria das pessoas, o futebol representava a única, e

Esta equipa venceu a liga e taça russas em 1938 e 1939 contra o Dínamo Moscovo, clube presidido por Lavrenty Béria, líder da polícia secreta soviética. Como castigo, ele e outros jogadores da equipa foram enviados para gulags durante 10 anos, apenas sendo libertados após a morte de Estaline. O caso de Starostin está longe de ser o único, dado que foram várias as pessoas ligadas ao mundo do desporto que foram perseguidas pelo regime estalinista, desde ministros do desporto, chefes de ligas de futebol, até a diversos desportistas.¹⁷

Fora da Europa, o futebol também era usado como fator de aproveitamento político. Analisando o caso brasileiro, vemos que o futebol teve um importante papel na discussão do que deveria ser a nação brasileira, no período da ditadura militar de Getúlio Vargas. Numa época onde os “mulatos” eram vistos como inferiores pelas “teorias científicas” da época, que defendiam a superioridade rácica da população branca, Gilberto Freyre apresentou a sua obra *Casa Grande e Senzala*, onde reconhece virtudes ao “mulato” e ao mestiço”, dando um novo papel à miscigenação, que, graças à sua obra, passa a ser vista de forma positiva. Por sua vez, estas ideias foram fortemente propagadas através do futebol. Freyre defendia a superioridade desportiva dos mulatos, pois, para ele, estes possuíam o melhor das duas “raças” (europeia e africana). O sucesso da seleção brasileira de futebol no mundial de 1938 (a primeira a levar jogadores brancos, negros e mulatos) serviria para mostrar a validade da sua tese. Freyre defendia também que o futebol brasileiro se destacava do europeu por ser mais espontâneo e brilhante, ao contrário do último, considerado excessivamente organizado.¹⁸ Estas ideias viriam também a ser aproveitadas para o caso português, nos anos 1960, como se verá mais à frente.

Mas não foi só em países sob jugo de regimes ditatoriais que se verificou o uso do futebol como propaganda. Também a Inglaterra usou o futebol como arma política. Primeiramente, através de jogos contra as equipas alemã e italiana, jogos esses que tinham como objetivo pacificar as relações entre os países. Por outro lado, durante a guerra, os ingleses tentaram usar o futebol para manter a moral da população elevada. A liga inglesa continuou funcional

por vezes a última, hipótese de esperança de preservarem nas suas almas uma minúscula ilha de sentimentos sinceros e de relações humanas.” Starostin, Nikolai (1989), *Futbol skvoz gody*, Moscovo, Sovetskaya Rossiya, apud Riordan, Jim (2006), “«Entrar no jogo»: pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder”, *Análise Social*, Vol. XLI, (179), pp. 479

¹⁷ Riordan, Jim (2006), “«Entrar no jogo»: pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder”, *Análise Social*, XLI, (179), pp. 480-481

¹⁸ Maranhão, Tiago (2006), “«Apolíneos e dionisíacos» - o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro»”, *Análise Social*, Vol. XLI, (179), pp. 436-441

durante o conflito, como meio de manter as pessoas motivadas e fazê-las esquecer, mesmo que temporariamente, as agruras da guerra. Podemos assim interpretar a manutenção da liga inglesa como uma forma de tentar mostrar que, apesar dos ataques alemães, os ingleses não se deixariam intimidar e iriam tentar manter a normalidade na sua vida, dentro dos possíveis.

Após a segunda guerra mundial, continuaram a ser frequentes os casos de manipulação do futebol para fins políticos. Um exemplo conhecido é o mundial de futebol de 1978 na Argentina. Na altura, o país era governado por uma ditadura militar, conhecida pela sua forte repressão social e política. O regime tentou usar o sucesso da equipa para demonstrar uma imagem de normalidade e união entre os argentinos. No entanto, acabou por não ter grande êxito. Apesar da vitória da Argentina, a imprensa internacional publicou durante o mundial inúmeras histórias negativas sobre o regime, dando-lhe uma má imagem a nível global.¹⁹ Um outro exemplo bastante famoso é a sequência de jogos de qualificação para o mundial de 1970, entre Honduras e El Salvador. Este conjunto de jogos foi o ato que despoletou todas as tensões já existentes e que transformou o clima de hostilidade entre os dois países numa guerra.²⁰ Todos eles foram disputados num clima de intimidação e violência de parte a parte, com as Honduras a vingarem-se da derrota na eliminatória perseguindo os salvadorenhos no seu território e com El Salvador a responder invadindo as Honduras, numa guerra que durou quatro dias. Como é óbvio, e há que frisar isso, não podemos associar a guerra apenas ao jogo de futebol. Isso é algo que não faz sentido, até porque os dois países tinham divergências que já vinham de antes e que se exacerbaram após os jogos, sendo essa a verdadeira causa do conflito.

Um exemplo semelhante ocorreu na Jugoslávia. Um dos primeiros sinais de divisão no país ocorreu após um jogo entre o Dínamo Zagreb e o Estrela Vermelha de Belgrado, disputado a 13 de Março de 1990. Este jogo foi marcado por violentos confrontos entre os adeptos. Mais tarde, essas diferenças tornaram-se ainda mais visíveis quando, após um jogo entre o Hadjuk Split (da Croácia) e o Partizan Belgrado, adeptos do primeiro entraram em campo e queimaram a bandeira jugoslava. Dois anos depois, já em plena guerra dos Balcãs, a

¹⁹ Boniface, Pascal (1998), “Football as a Factor (and a Reflection) of International Politics”, *The International Spectator*, Vol. XXXIII, (4), pp. 96

Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03932729808456836>

²⁰ Kissoudi, Penelope (2008), “Sport, Politics and International Relations in the Twentieth Century”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 25,(13), pp. 1699

Jugoslávia foi proibida de participar no Europeu de Futebol de 1992, como castigo por ser considerada responsável pela guerra nos Balcãs.²¹

Por fim, um dos mais recentes exemplos de politização do futebol foi o jogo entre Sérvia e Albânia realizado em Belgrado no dia 14 de Outubro de 2014. Este jogo, de classificação para o Europeu 2016 de futebol, foi interrompido após um drone (alegadamente comandado pelo irmão do primeiro-ministro albanês) com a bandeira da grande Albânia (projeto político para criar uma área que reúna as comunidades albanesas da Albânia, Kosovo, Montenegro, Macedónia e do sul da Sérvia) sobrevoar o campo. Um jogador sérvio retirou a bandeira, o que acabaria por desencadear protestos dos jogadores albaneses. Consequentemente, os adeptos sérvios invadiram o campo e obrigaram os jogadores albaneses a retirar-se para o balneário após ameaças e agressões. O jogo acabaria por ser cancelado²². O presidente da FIFA, Joseph Blatter, mostrou-se descontente e afirmou que política e futebol não se deviam misturar, mas sem sucesso. Albaneses e sérvios trocaram acusações mútuas e o incidente serviu para aumentar o vigor nacionalista de ambas as nações.

Por outro lado, o futebol nem sempre é usado de forma negativa pela política. Pelo contrário, pode ser usado como veículo de resistência, contrapoder e de união entre pessoas e países. Possivelmente, o exemplo mais conhecido será o jogo de futebol disputado na véspera de Natal de 1914, em pleno campo de batalha da primeira guerra mundial. Em Ypres, na Bélgica, os soldados ingleses e alemães fizeram uma trégua de 24 horas, trocaram alimentos e recordações e, de seguida, fizeram uma partida de futebol. Apesar de a trégua só ter durado um dia, a história perdura no tempo.²³ Um outro exemplo de resistência ao poder instalado pode ser visto nalgumas equipas coloniais. Foi o caso da associação indonésia de futebol, fundada em 1930, que disputou e venceu alguns jogos contra equipas holandesas, ou de uma equipa que representava o movimento de resistência argelino e que fez vários jogos pelo país, dando esperança e alento aos seus conterrâneos. Por outro lado, na África do Sul, o futebol teve um importante papel na luta contra o Apartheid, sendo um veículo de ideias e informação

²¹ Boniface, Pascal (1998), “Football as a Factor (and a Reflection) of International Politics”, *The International Spectator*, Vol. XXXIII, (4), pp. 93-94

²² Confrontos cancelam jogo entre Sérvia e Albânia, in Jornal Record
http://www.record.xl.pt/Futebol/Internacional/europeu2016/interior.aspx?content_id=909676
(24/11/2014)

²³ Raab, Alon K. (2014), “The Universe is Shaped like a Football: Football and Revolution”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 31, (7), pp.795

Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2014.909964#.VV6P7IViko>

contra o regime. Por fim, podemos ver o lado bom do futebol quando um país com fortes divergências culturais e raciais tem uma prestação de sucesso. A Croácia no mundial de 1998 será um bom exemplo disso, tal como o Iraque em 2007, quando venceu a taça da Ásia. Após a vitória, todos os grupos étnicos e religiosos celebraram e esqueceram, mesmo que por breves momentos, a sua situação conflituosa. A vitória da selecção nacional deu-lhes uma nova esperança para um futuro mais unido e solidário²⁴.

Concluindo, podemos perceber que apesar dos responsáveis pelas instituições que controlam o futebol quererem separá-lo da política, essa separação, dada a sua dimensão popular, foi sempre muito difícil. O futebol ultrapassa o âmbito do meramente desportivo e é um meio capaz de unir ou separar populações, de promover ou denegrir a imagem de um país, de controlar a insatisfação popular ou, pelo contrário, aumentá-la exponencialmente. O futebol é, hoje em dia, um fenómeno globalizado, vivido de forma apaixonada por milhões de pessoas em todo o mundo. Assim, desempenha um papel muito importante a nível mundial e o sucesso de um determinado país no futebol é muitas vezes associado a uma imagem mais positiva e simpática sobre esse país. O desporto e o futebol têm assim um forte papel de identificação nacional e são importantes elementos de construção do nacionalismo. Por outro lado, também não podemos sobrevalorizar o papel do futebol. Este, por si só, não é capaz de provocar ou acabar uma guerra. Também não é o futebol que define as grandes políticas internacionais. No entanto, pode ajudar a despertar tensões latentes ou dar sinais positivos de melhoria. De acordo com Boniface, “O futebol é um meio simbólico (e daí, importante) que pode influenciar a situação internacional. Não será o fator decisivo, mas terá a sua importância”.²⁵ Assim, podemos ver que se torna muito difícil separar o futebol da política, porque, apesar de o futebol ser um campo autónomo, a política apropria-se muitas vezes dele. Como nos diz Kissoudi: “Desporto e política colidem um com o outro. O desporto cria recursos que podem ser usados politicamente, enquanto nos tempos modernos, os governos têm visto o desporto como um importante agente de socialização política”²⁶. Por fim, torna-se ainda necessário referir que, apesar de o futebol ser muitas vezes utilizado em discursos nacionalistas e de poder potenciar conflitos entre as populações e ser usado como arma de propaganda e manipulação política, ele também pode ser catalisador de bons sentimentos. O

²⁴ Ibidem, 799- 811

²⁵ Boniface, Pascal (1998), “Football as a Factor (and a Reflection) of International Politics”, *The International Spectator*, Vol. XXXIII, (4), pp. 97

²⁶ Kissoudi, Penelope (2008), “Sport, Politics and International Relations in the Twentieth Century”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 25,(13), pp. 1692

futebol consegue unir pessoas de todas as etnias, religiões e ideologias em torno de um simples jogo. Consegue dar alegria e fazer esquecer temporariamente as dificuldades, ajudando a criar novas identidades e laços sociais e fomentando novas sociabilidades, alimentando os sonhos e esperanças de milhões de pessoas em todo o mundo. Ou seja, o futebol tem aspetos positivos e negativos. O que não podemos negar é a influência e importância que ele teve e continua a ter no mundo inteiro. O futebol é um fenómeno não apenas desportivo, mas também cultural e político importantíssimo, essencial para compreendermos muitos dos aspetos do mundo onde vivemos. Como tal, o futebol não pode ser visto como um objeto de estudo acessório e irrelevante. Pelo contrário, tem de ser visto como uma área de investigação importante, capaz de moldar e influenciar configurações sociais e culturais, que pode (e deve) ser alvo de um maior número de estudos e críticas.

CAPÍTULO III: O ESTADO NOVO E O FUTEBOL

A relação entre o Estado Novo e o futebol só começou a ser estudada recentemente. Todavia, existem já algumas abordagens sobre este tema. Um dos pioneiros terá sido Nuno Domingos, que elaborou vários artigos sobre o futebol nas colónias portuguesas, especialmente em Moçambique, durante o período do Estado Novo. Além disso, escreveu e coordenou várias obras sobre o futebol português e a sua história²⁷. Um outro académico que aborda a temática do futebol e o seu uso político é Ricardo Serrado. Este escreveu, juntamente com Pedro Serra, uma história do futebol português²⁸, além da sua tese de mestrado analisar especificamente a ligação entre o Estado Novo e o futebol²⁹. Mais recentemente, Rahul Kumar, na sua tese de doutoramento³⁰, também aborda a relação entre o desporto, com grande destaque para o futebol, e o Estado Novo. Identicamente, Marcos Cardão deu um contributo importante para a discussão sobre este tema na sua tese de doutoramento³¹. Apesar de não se centrar diretamente no futebol, uma parte significativa da sua obra aborda o uso e importância deste, principalmente através da figura de Eusébio, para a política luso-tropicalista do regime. De referir ainda o trabalho de João Nuno Coelho, que aborda a forma como a seleção portuguesa de futebol foi vista e analisada pelos jornais durante o último século.³² Ou seja, existem já diversas abordagens sobre as várias áreas da ligação entre o futebol e a política, umas mais abrangentes, outras mais específicas. Também as conclusões a que estas obras chegam são, por vezes, divergentes.

Seja como for, há um aspeto onde todos estão de acordo. Salazar não era apreciador de futebol e o Estado Novo, durante grande parte da sua existência, não deu grande importância à

²⁷ Destas, podemos destacar, em colaboração com José Neves, o livro *A Época do Futebol: O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais* e, também, o livro *Uma História do Desporto em Portugal*. Além disso, em colaboração com Nina Clara Tiesler, coordenou a obra *Futebol Português: Política, Género e Movimento*.

²⁸ Serrado, Ricardo; Serra, Pedro (2014), *História do Futebol Português: Uma Análise Social e Cultural*, São Pedro do Estoril, Prime Books

²⁹ Serrado, Ricardo (2009), *O jogo de Salazar: A política e o futebol no Estado Novo*, Alfragide, Casa das Letras

³⁰ Kumar, Rahul (2014), *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*, Lisboa, Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade de Lisboa - Instituto de Ciências Sociais

³¹ Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

³² Coelho, João Nuno (2001), *Portugal: A equipa de todos nós: Nacionalismo, futebol e media, a reprodução da nação nos jornais desportivos*, Porto, Afrontamento

modalidade. De facto, a crescente popularidade do desporto dá-se de forma autónoma e não através de qualquer ajuda do regime político. Pelo contrário, este tentou conter, durante vários anos, o crescimento do futebol, pois não o via como um bom representante dos ideais do Estado Novo. Ocasionalmente, o futebol era discutido nas sessões da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa. Apesar destas discussões não serem muito frequentes, há, ainda assim, um número apreciável de intervenções de deputados que nos permitem ver não só a opinião do Estado Novo em relação ao futebol, como também os casos onde este terá sido instrumentalizado politicamente.

Um exemplo dessas intervenções foi a do deputado da Assembleia Nacional, Furtado de Mendonça, que, na sessão de 20 de Janeiro de 1955, reafirmou ser contra a realização de jogos de futebol nos meios rurais, nas manhãs de domingo, por estes desviarem os menos crentes da sua obrigação moral de ir à missa (estendendo as críticas às corridas de bicicletas, que também começavam a ser disputadas por esse horário).³³ Observa-se neste caso, um discurso de subordinação do futebol e do desporto àquilo que, para o Estado Novo, era verdadeiramente importante, ou seja, os valores e tradições cristãs. Ocasionalmente, também se discutiam e criticavam os atos violentos ocorridos em jogos de futebol, como se pode ver no debate parlamentar de 26 de Fevereiro de 1953, onde o deputado Santos Bessa crítica as arbitragens, acusando-as de incendiar os ânimos do público, o que leva depois a casos e atos de violência.³⁴ Mais tarde, a 12 de Dezembro do mesmo ano, voltava-se a discutir a indisciplina no futebol. O deputado Santos da Cunha afirmava que o futebol português vivia um clima de grande indisciplina e desordem, onde surgiam grandes conflitos com facilidade, que eram resolvidos pelas autoridades competentes, não por justiça, mas por amizades e favoritismos. O mesmo deputado afirmava depois ser necessária uma grande reforma nas instituições que organizavam o futebol.³⁵

³³ Mendonça, Furtado de (1955), Sessão Parlamentar de 20 de Janeiro de 1955, in Debates Parlamento <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl6sl2n70-0380&type=texto&q=futebol> (02/01/2015)

³⁴ Bessa, Santos (1953), Sessão Parlamentar de 26 de Fevereiro de 1953, in Debates Parlamento <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl5sl4n208-0720&type=texto&q=futebol> (02/01/2015)

³⁵ Cunha, Santos da (1953), Sessão Parlamentar de 12 de Dezembro de 1953, in Debates Parlamento <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl6sl1n7-0076&type=texto&q=futebol> (02/01/2015)

Para o Estado Novo, o desporto deveria ter uma função regeneradora e melhorar a condição física e mental dos seus praticantes.³⁶ O desporto que melhor serviria estas funções, para o regime, era a ginástica. Como tal, a prática desta era fortemente incentivada. A FNAT, que tinha como função ocupar os tempos livres dos trabalhadores, oferecia várias aulas desta modalidade. Os seus objetivos eram o de preparar fisicamente os operários portugueses e, simultaneamente, reduzir o seu descontentamento com as condições de trabalho. Por esta altura, o futebol é ainda associado às tabernas e às fugas do local de trabalho, além de, como referido, proporcionar ocasionais momentos de indisciplina e violência, sendo portanto malvisto. Era também associado ao individualismo e ao espetáculo, ou seja, um grande fenómeno de massas, que incentivava à participação popular massiva. Isto ia contra o código ideológico do Estado Novo, que não era apologista da participação das massas populares, preferindo antes um regime mais fechado e corporativista. É apenas a partir de 1950 que a FNAT oferece aos seus operários a oportunidade de praticar desportos de equipa, embora sem grandes efeitos práticos, pois grande parte dos trabalhadores não participava nesses jogos.³⁷

A luta pela profissionalização

Um dos assuntos mais discutidos durante um longo período de tempo foi o processo de profissionalização do futebol, muito desejada pelos seus intervenientes, mas sempre atrasada pelo Estado Novo, que apenas a promulgou já muito tardiamente. De facto, enquanto nos outros países do mundo, a profissionalização já era aceite há vários anos (em Inglaterra a partir de 1895, Espanha a partir de 1926, apenas para dar dois exemplos), em Portugal ela apenas foi legalizada no início da década de 1960.³⁸ Ao longo de décadas, foram vários os clubes e personalidades que lutaram pela implementação do profissionalismo, na qual se pode destacar a figura de Cândido de Oliveira.³⁹ No entanto, o processo de profissionalização do

³⁶ Kumar, Rahul (2014), *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*, Lisboa, Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade de Lisboa - Instituto de Ciências Sociais, pp.113-116

³⁷ Domingos, Nuno (2004), “O futebol e o trabalho” em José Neves e Nuno Domingos (orgs.), *A Época do Futebol: O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*, Lisboa, Assírio e Alvim, pp.307-313

³⁸ Kumar, Rahul (2014), *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*, Lisboa, Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade de Lisboa - Instituto de Ciências Sociais, pp.227

³⁹ Cândido de Oliveira foi uma das personalidades mais importantes para o desenvolvimento do futebol em Portugal. Nascido em 1896, viria a ser selecionador de Portugal durante 1935 e 1945, além de um curto período em 1952. Foi também um dos fundadores do jornal *A Bola* e, frequentemente, dava a sua opinião sobre o futebol português. Era um grande defensor do profissionalismo e um forte crítico da política desportiva do Estado Novo, afirmando que esta

futebol em Portugal foi, como já referi, extremamente lento. Durante a década de 1930, grande parte dos jogadores já se dedicava em exclusivo ao futebol, embora sob um regime legal muito dúbio. Os jogadores não possuíam muitos direitos, estando praticamente dependentes da vontade dos clubes. Ao mesmo tempo, além de jogadores de futebol, os atletas estavam também inscritos em diversas empresas e ofícios, pois, oficialmente, não podiam dedicar-se apenas ao futebol. Por outro lado, os salários recebidos pelos jogadores estavam longe de serem altos. No meio de tudo isto, existia ainda um grupo de pessoas que beneficiava deste regime legal dúbio. Eram conhecidos como “carolas” e mais não eram do que agentes que contribuía com dinheiro para os clubes comprarem jogadores ou pagarem salários. Arranjavam também empregos (verdadeiros ou fictícios) para manter as aparências do amadorismo, ao mesmo tempo que criavam uma rede de contactos para facilitar o desenvolvimento dos clubes.⁴⁰ Apesar da evolução do futebol, o Estado Novo recusava-se a vê-la e continuava a defender os valores do desporto amador. Assim, a discussão entre o desporto profissional e o desporto amador prosseguiu durante várias décadas. Numa tentativa de terminar esse debate e controlar o avanço do futebol, o Estado Novo definiu uma política desportiva em 1942. Passou a controlar a Federação Portuguesa de Futebol (até 1951)⁴¹ e, através do Decreto-Lei 32 946 de 1943, controlava também o regime de transferências. Estas decisões tiveram um impacto negativo para o futebol, pois as tentativas de controlar o mercado apenas aumentaram os negócios obscuros e clandestinos. Por outro lado, esta ilegalização do mercado de transferências, permitiu aos clubes terem um maior controlo sobre os seus jogadores. Assim, existia a situação algo contraditória de o futebolista ser amador, mas não poder abandonar o seu clube. Um jogador apenas se poderia transferir para outro clube se: mudasse de residência para outra localidade; apresentasse um motivo legítimo de incompatibilidade com o meio; mostrasse ser impossível de progredir por falta de recursos do clube onde pertencesse. Isto em teoria, pois, na prática, esta norma foi muitas vezes contornada e violada por agentes e organizações desportivas. A lei não se aplicava da mesma forma em todos os casos, o que provocou várias polémicas, como o provam os inúmeros

contribuía para o grande atraso do futebol português em relação aos outros países. As suas opiniões críticas do regime levaram ao seu aprisionamento no Tarrafal entre 1942 e 1944.

⁴⁰ Kumar, Rahul (2014), *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*, Lisboa, Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade de Lisboa - Instituto de Ciências Sociais, pp.243-244

⁴¹ Serrado, Ricardo (2014), “Profissionalização do futebol português” em Ricardo Serrado e Pedro Serra (orgs.), *História do Futebol Português: Uma Análise Social e Cultural 1^ov*, São Pedro do Estoril, Prime Books, pp.377

casos de transferências controversas e fraudulentas, que desrespeitavam, de forma clara, a lei em vigor.⁴²

É apenas a partir de 1950 que as organizações desportivas começam a exercer uma maior pressão para a adoção do profissionalismo. O primeiro passo é dado através do Estatuto do Jogador do Sporting Club de Portugal, em 1951, onde se reconheciam os direitos e deveres dos jogadores e onde se instituíam os primeiros passos para a criação de um mercado de transferências. O passo definitivo dá-se com a chegada do treinador Otto Glória ao Benfica, em 1954. Este instaurou um novo modelo de organização do futebol no clube, que excluiu deste todos os atletas que não fossem profissionais. Ao mesmo tempo, em 1949, passou a ser permitido aos jogadores que quisessem transferir-se dos clubes coloniais para os clubes da metrópole, fazê-lo sem qualquer formalidade. O impacto da medida foi imediato, com os clubes portugueses a adquirirem um número significativo de jogadores dos territórios ultramarinos. A luta pela profissionalização no futebol português durou toda a década de 1950, num processo lento e moroso. Em 1956, é elaborado um estudo intitulado “Estatuto do Jogador” da autoria de uma comissão federativa, que representava uma tentativa de enquadrar o profissionalismo, embora mantendo ainda vários princípios do amadorismo. As reações dos clubes a este estatuto foram mistas. Por um lado, os grandes clubes, que vinham defendendo o profissionalismo há já alguns anos, mostraram-se satisfeitos. Por outro lado, os pequenos clubes manifestaram a sua insatisfação e descontentamento, pois consideravam que isso poria em risco a sua própria existência, pois seriam incapazes de suportar os custos do profissionalismo. Os seus protestos não surtiram efeito e o estatuto do jogador avançou. Após mais alguns anos de debate, foi finalmente promulgada a lei que legalizava e definia o profissionalismo no dia 30 de Maio de 1960. No entanto, como nos mostra Rahul Kumar, essa legalização, mais do que fruto da vontade do Estado Novo, foi antes uma inevitabilidade, que o governo não poderia mais ignorar. Ou seja, o Estado Novo, apesar de continuar a preferir o regime de amadorismo, foi forçado a adotar o profissionalismo, dadas as circunstâncias.⁴³

A obstinação do Estado Novo em ver o desporto como algo puro, que só o amadorismo podia representar, atrasou o desenvolvimento do futebol português. Foi um dos fatores, ao qual podemos acrescentar as fracas condições para a prática desportiva e o atraso das infraestruturas desportivas a nível nacional, para a fraca prestação da seleção portuguesa de

⁴² Kumar, Rahul (2014), *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*, Lisboa, Tese de

Doutoramento em Sociologia, Universidade de Lisboa - Instituto de Ciências Sociais, pp.264-280

⁴³ *Ibidem*, 282-309

futebol até à década de 1960. É só a partir daqui, já com o profissionalismo adotado no futebol, que o Estado Novo começa a utilizar mais frequentemente o futebol para fins políticos. Todavia, mesmo antes disso, existiram alguns casos onde se pôde ver a ligação entre futebol e política: através da construção e inauguração de estádios e nalguns casos isolados de jogos de futebol. Irei primeiro abordar estes.

O futebol e a política portuguesa, antes de 1960

O primeiro destes casos remonta a 1937. Para demonstrar o apoio de Salazar e do Estado Novo ao franquismo, em plena Guerra Civil de Espanha, foi organizado um jogo de futebol entre Portugal e uma equipa de falangistas de Franco. No ano seguinte, realizou-se outro jogo semelhante, com o mesmo objetivo. Por sua vez, em 1945, num jogo entre as seleções de Portugal e Espanha, disputado no recentemente inaugurado Estádio Nacional, uma avioneta largou milhares de panfletos sobre as bancadas, elogiando a política de Salazar e o facto de este ter conseguido evitar a entrada de Portugal na guerra.⁴⁴ Mais tarde, em 1949, o candidato da oposição a Presidente da República, Norton de Matos, fez um comício eleitoral no estádio do Salgueiros, atraindo um número considerável de apoiantes. O clube viria depois a ser castigado, perdendo as ajudas económicas por parte do estado.⁴⁵ Por outro lado, e embora o Estado Novo ignorasse, na sua maior parte, o desenvolvimento do futebol, isso não significa que não tivesse consciência da imagem que o desporto podia dar do país. Assim, e dados os fracos resultados das equipas e seleções nacionais, as deslocações destas ao estrangeiro passaram, a partir de 1940, a estar dependentes da autorização do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Os resultados eram tão negativos que, em 1951, a Secretaria de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirma:

“Sendo infelizmente um facto inegável que, presentemente, as grandes multidões atribuem às competições desportivas deste género uma importância de tal forma grande, que se reflecte, na concepção que formam do grau de adiantamento, cultural e, até, de força internacional de determinado povo, a repartição dos negócios políticos é da opinião de que, em vista dos resultados lamentáveis que, salvo algumas raras excepções se tem verificado, de há bastante

⁴⁴ Ágoas, Frederico, Gomes, Pedro David (2011), “Contributos para uma genealogia do estádio de futebol em Portugal: arquitectura, Estado e cultura de massas” em José Neves e Nuno Domingos (coords), *Uma História do Desporto em Portugal, 1ºV*, Vila do Conde, QuidNovi, pp.179

⁴⁵ Pinheiro, Francisco (2012), “Futebol e política na ditadura: Factos e mitos”, em Nuno Domingos e, Nina Clara Tiesler (coords.), *Futebol Português: Política, Género e Movimento*, Porto, Afrontamento, pp.61-64

tempo a esta parte, nos encontros de foot-ball, quer do grupo representativo de Portugal, quer de clubes nacionais em competições com estrangeiros, só há desvantagens em consentir, tanto no estrangeiro, como em Portugal, que grupos portugueses disputem partidas internacionais desse ramo que é aquele que mais apaixona as multidões. Não parece fazer sentido que, esforçando-se o estado por, através de vários organismos, tornar conhecida no estrangeiro a obra que vem sendo realizada pelo Estado Novo, no campo da cultura, da educação, do progresso de toda a vida portuguesa e, duma forma genérica, da revalorização nacional, se esteja, por outro lado, a comprometer este trabalho com a péssima propaganda dos resultados geralmente obtidos pelas nossas equipas em competições internacionais.”⁴⁶

Ou seja, o Estado Novo compreendia, sem entusiasmo e de forma relutante, que o desporto (e especialmente o futebol) servia como uma espécie de barómetro do desenvolvimento e vitalidade do país. Dito de outra forma, a imagem internacional de um determinado país é, muitas vezes, associada à imagem do nível desse país no desporto. Assim, o Estado Novo temia que as derrotas frequentes das equipas portuguesas transmitissem para os restantes países a imagem de um país pobre e atrasado em relação à Europa. Dado o futebol não transmitir para o exterior a imagem desejada pelo Estado Novo, este confiava mais na propaganda oficial, pois esta passava a mensagem pretendida.⁴⁷

As inaugurações de estádios no Estado Novo

O aproveitamento político do futebol por parte do Estado Novo era também visível através das cerimónias de inauguração dos estádios. Em regimes ditatoriais, os estádios eram muitas vezes usados para realizar grandes celebrações para elogiar a imagem do líder e do seu regime. Assim, e tal como na Alemanha, Itália ou Espanha, é durante o período ditatorial português que são inaugurados os maiores e mais reconhecidos estádios do país, como são o Estádio Nacional, o Estádio das Antas, o Estádio de Alvalade e o Estádio da Luz. Ainda assim, o único estádio com um cariz marcadamente nacionalista e propagandista foi o Estádio Nacional, até por este se tratar de uma promessa feita por Salazar a todos os desportistas nacionais. Os restantes devem mais à vontade dos seus clubes do que à do Estado Novo. Assim, é durante a inauguração do Estádio Nacional que mais se observa uma apropriação política. Toda a cerimónia de inauguração procurou, mais do que assinalar a construção do

⁴⁶ Pereira, Victor (2011), “O desporto além-fronteiras – portugueses e desporto nos contextos migratórios”, em José Neves e Nuno Domingos (coords), *Uma História do Desporto em Portugal*, 2^oV, Vila do Conde, QuidNovi, pp.119-120

⁴⁷ *Ibidem*, 120

estádio, elogiar a figura e obra de Salazar. O estádio é inaugurado no dia 10 de Junho de 1944, sendo a cerimónia inaugural uma das maiores concentrações populares de todo o Estado Novo, com mais de 60 000 pessoas presentes. Como referido, todo o espetáculo inaugural foi encenado como uma espécie de grande agradecimento ao Estado Novo por tudo o que tinha feito até essa altura e por tudo o que ainda iria fazer pelo país. Como tal, a cerimónia estava repleta de elementos patriotas e nacionalistas, além de constantes louvores à figura de Salazar e do Presidente da República. Apesar de ser a figura central da inauguração e, de, como nos diz a curta-metragem sobre o evento, dirigida por António Lopes Ribeiro, ser “o atleta número um daquela festa de campeões”⁴⁸, Salazar não faz qualquer discurso. No entanto, o culto ao chefe esteve sempre presente, com especial destaque para o discurso de um atleta:

“Senhor Presidente da República: são para vossa excelência, símbolo da pátria ressurgida, modelo de todos os homens bons de Portugal, as nossas primeiras saudações. Sem vós, sem a continuidade da Revolução, não teria sido possível o nosso ressurgimento. Não teria sido possível, portanto, a construção do Estádio Nacional (...) Salazar, devemos-te a esperança. Devemos-te a paz. Devemos-te o presente. Mas a partir de hoje, a nossa dívida tornou-se ainda maior. (...) Em nome de todos nós, em nome de todos aqueles que hão-de vir depois de nós, mais fortes e mais saudáveis: Bem hajás, Salazar, por teres cumprido a tua promessa! Obrigado pelos séculos fora! Obrigado para sempre! Viva Salazar!”⁴⁹

No dia seguinte, a imprensa mais ligada ao regime (especialmente o *Diário de Notícias* e o *Diário da Manhã*) dão grande destaque à inauguração do estádio. O primeiro afirma que “a inauguração do Estádio Nacional constitui uma grande afirmação nacional de optimismo, disciplina e beleza”⁵⁰. Já o *Diário da Manhã* agradecia a Salazar a construção do estádio. Vemos portanto, que o discurso dos órgãos de comunicação afetos ao Estado Novo não dava grande atenção ao âmbito desportivo em si. Ao invés, procurava sempre o valor político da inauguração, elogiando a capacidade do Estado Novo em construir e realizar grandes obras e exaltando a figura de Salazar, visto como o grande responsável pelo sucesso de Portugal e da “raça” portuguesa. Ou seja, a inauguração do Estádio Nacional foi muito mais do que um simples evento ligado ao desporto. Pelo contrário, os focos de maior destaque na análise à inauguração centraram-se nos aspetos políticos. Ao mesmo tempo, a inauguração do Estádio

⁴⁸ 1944 – Inauguração do Estádio Nacional (Lopes Ribeiro) in Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=9jWdZS3ATPc> (20/01/2015)

⁴⁹ Ibidem

⁵⁰ *Diário de Notícias*, 11 de Junho de 1944, pág1, apud Serrado, Ricardo (2009), *O jogo de Salazar: A política e o futebol no Estado Novo*, Alfragide, Casa das Letras, pp. 100

Nacional é pretexto para o regime propagandear a sua política desportiva e os avanços que esta verificou durante a sua vigência. No cartaz de propaganda que se segue, o Estado Novo assinala as novas oportunidades e possibilidades que proporcionou aos desportistas com a inauguração do estádio, destacando também o centro de medicina desportivo de Lisboa, que considera um dos melhores da Europa.



Figura 2.1: Cartaz de propaganda sobre a política desportiva do Estado Novo – Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Fundo SNI, Cartazes e Gravuras

Os outros estádios inaugurados durante o Estado Novo não tiveram o mesmo impacto e apropriação política que o Estádio Nacional. Todavia, também eles foram alvo de politização. Por exemplo, a inauguração do Estádio de Braga, a 28 de Maio de 1950, também é bastante politizada. No entanto, é preciso frisar que este não é um evento único. A inauguração do estádio está inserida nas comemorações do 28 de Maio, ou seja, do aniversário da revolução nacional. Como tal, o estádio não é o centro das atenções, mas sim parte integrante das cerimónias. Salazar estava presente na cerimónia⁵¹ e toda esta centrou-se nos elogios às políticas do Estado Novo. A inauguração seguinte foi a do Estádio das Antas, também a 28 de Maio, mas de 1952. Também esta foi alvo de aproveitamento político. O discurso inaugural, além das habituais glorificações ao clube e à cidade, dá grande destaque ao Presidente da República (na altura, Craveiro Lopes) chegando mesmo a afirmar que, mais importante do que a inauguração do estádio em si, era a presença da sua figura. Ao mesmo

⁵¹ É preciso frisar que Salazar estava presente, não pela inauguração do estádio em si, mas sim pelas comemorações do 28 de Maio. Salazar não viria a estar presente em mais inaugurações de estádios de futebol, sendo o Estado Novo representado pela figura do Presidente da República.

tempo, Craveiro Lopes entregou a medalha de mérito desportivo ao clube, tendo sido fortemente aplaudido. Dois anos depois, é inaugurado o Estádio da Luz, a 1 de Dezembro de 1954. A cerimónia inaugural foi igualmente revestida de conotações políticas, contando com uma mensagem gravada de Salazar, a presença de Craveiro Lopes e o agradecimento, no discurso inaugural, à ajuda financeira dada pelo Estado Novo. Dois dias depois, num debate na Assembleia Parlamentar, o deputado Urgel Horta, elogiou muito a construção do estádio do Sport Lisboa e Benfica, destacando, ao mesmo tempo, as inaugurações anteriores:

“O mesmo facto, deveras consolador, que é preciso anotar e não esquecer, se verificou já quando da inauguração do majestoso Estádio Nacional, do estádio do Futebol Clube do Porto e do Estádio 28 de Maio, de Braga, realizações que honram quem as efectivou e honram também a causa que lhes deu origem - a causa desportiva, profunda e eminentemente patriótica e nacional”.

Elogiou também o papel do Estado Novo: “E nesta hora de triunfo não posso deixar de lembrar o valioso apoio moral e material que os altos poderes do Estado e os seus organismos técnicos sempre têm dispensado aos anseios da população desportiva”. Termina associando a inauguração do estádio a toda a pátria portuguesa: “A bandeira das quinas, orgulhosamente batida pelo vento e dourada pelo sol, na majestade e na grandeza do seu alto simbolismo, dominava o conjunto como afirmação solene da eternidade da Pátria e confiança depositada na mocidade de Portugal - esperança de hoje, certeza de amanhã”.⁵² Por fim, o último dos grandes estádios a ser inaugurado foi o Estádio de Alvalade, a 10 de Junho de 1956. Este teve também um discurso inaugural politizado, dando um maior destaque às características da raça portuguesa e entregando o estádio a toda a nação:

“No dia da lusitanidade no mundo, evocativo das virtudes ráticas e do génio português que o estilo de Camões traduziu (...) Minhotos e Transmontanos... Madeirenses, Cabo-Verdianos, gentes de Angola... de São Tomé e Príncipe, mancebos da Índia, de Macau e de Timor (...) ofereço, na pessoa de vossa excelência, Senhor Presidente da República, à nação portuguesa com a promessa que é uma jura de que tudo faremos para continuar Portugal.”⁵³

⁵² Horta, Urgel (1954), Sessão Parlamentar de 26 de Fevereiro de 1953, in Debates Parlamento <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl6sl2n55-0029&type=texto&q=benfica> (03/01/2015)

⁵³ *Diário de Notícias*, 11 de Junho de 1956, pág7, apud Serrado, Ricardo (2009), *O jogo de Salazar: A política e o futebol no Estado Novo*, Alfragide, Casa das Letras, pp. 123

Um fator comum a todas estas inaugurações é a análise feita pelos jornais, especialmente aqueles com uma maior proximidade ao regime. Por exemplo, o *Diário da Manhã* associa todas elas a Salazar, afirmando ser este o responsável por conseguir concretizar estas construções que serão muito úteis para o país. Ou seja, vemos que o Estado Novo tenta sempre tirar algum proveito político destas inaugurações, associando-as à figura de Salazar e fazendo questão de assinalar que, sem as ajudas dadas pelo estado, as obras não seriam finalizadas. Ao mesmo tempo, ao analisar as inaugurações, os jornais centravam-se quase sempre mais nos aspetos políticos do que nos desportivos. A título de exemplo, veja-se a análise do jornal *O Século* à inauguração do Estádio da Luz. Ao invés de se centrar no âmbito desportivo, destacou antes os “aplausos vibrantes” que Craveiro Lopes e a mensagem gravada de Salazar receberam.⁵⁴ Concluindo, podemos dizer que as ligações políticas estiveram sempre presentes nas inaugurações dos estádios, com uma ênfase ainda maior no caso do Estádio Nacional.

O futebol e a política portuguesa a partir de 1960

Como já referi, é a partir da década de 1960 que o Estado Novo começa a recorrer mais frequentemente ao futebol como instrumento de propaganda. Um fator muito importante para isso foram os sucessos das equipas portuguesas. Os primeiros foram as vitórias do Benfica na Taça dos Campeões Europeus em 1961 e em 1962. Graças a estes sucessos, o clube foi recebido pelo Presidente da República, Américo Thomaz, e também por Salazar, tendo recebido a medalha de mérito desportivo. Ao mesmo tempo, os jogadores foram recebidos com grande apoio popular. As vitórias do Benfica são fortemente elogiadas por jornais e políticos, pela sua equipa ser composta exclusivamente por jogadores nacionais e com representantes de todas as “raças”.⁵⁵ Numa altura em que já se tinha iniciado a guerra em Angola e em que as críticas internacionais ao colonialismo português se multiplicavam, estas vitórias serviram também para ligar os vários pontos do território português, ao mesmo tempo que criavam novos vínculos e formas de sociabilidade ou identificação, sendo uma vitória

⁵⁴ *O Século*, 3 de Dezembro de 1954, p.09 apud Domingos, Nuno (2004), “A inauguração” em José Neves e Nuno Domingos (orgs.), *A Época do Futebol: O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*, Lisboa, Assírio e Alvim, pp.419

⁵⁵ Pinheiro, Francisco (2012), “Futebol e política na ditadura: Factos e mitos”, em Nuno Domingos e, Nina Clara Tiesler (coords.), *Futebol Português: Política, Género e Movimento*, Porto, Afrontamento, pp.74

festejada não só na metrópole portuguesa como também nos territórios coloniais.⁵⁶ O próprio clube defendia de forma veemente essa imagem de clube nacional, como se pode depreender da análise feita pelo jornal *O Benfica*, após a conquista da segunda Taça dos Campeões Europeus em 1962:

“A maior vitória de sempre conseguida pelo futebol português, o triunfo total, absoluto, completíssimo, que a nossa extraordinária equipa obteve sobre esse fabuloso Real Madrid, originou um movimento excepcional de alegria que varreu Portugal de lés a lés, do Minho a Timor, em qualquer parte do Mundo onde pulse e vive um coração lusitano (...). O Benfica ofereceu – mais uma vez – o prestígio do seu prestígio à terra de Portugal. O Benfica, só COM PORTUGUESES, deu ao actual ‘comércio futebolístico’ a maior lição de como se poder organizar uma grande equipa sem transferências fabulosas nem grandes nomes de cartaz (...). Glória ao Benfica! Glória ao futebol português! Glória aos seus jogadores, seu treinador e a todos que compõe essa extraordinária secção de futebol, modelo de tudo o que é virtude no CLUBE MAIS PORTUGUÊS DE PORTUGAL.”⁵⁷

Essa defesa é também visível no discurso de Maurício Vieira de Brito, presidente do Sport Lisboa e Benfica em 1961:

“O Sport Lisboa e Benfica não receia confronto com qualquer outro clube na valorização desportiva do nosso Ultramar. Sendo, como é, o clube mais português de Portugal não pôs o prestígio do seu nome nem os poderosos meios da sua organização ao serviço de estrangeiros, ainda que naturalizados; preferimos valorizar portugueses do nosso Ultramar que por ele adquirem invejável posição social, razoável estabilidade económica – dada assim a portugueses e só a portugueses! (...) Quando na ONU se levantaram vozes de injustiça e ingratidão contra o nosso Ultramar, que é parte integrante da Pátria, logo o Sport Lisboa e Benfica se apressou a protestar e ao

⁵⁶ Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.76

⁵⁷ S/a, “Glória ao maior clube de Portugal. Bicampeões da Europa”, *O Benfica*, 5 de Maio de 1962, pp.1 apud Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.79

seu protesto juntou depois, em admirável movimento de solidariedade, o de todos os organismos do país.”⁵⁸

Curiosamente, apenas em 1969, após uma vitória por 3-1 em Amsterdão frente ao Ajax, é que os êxitos do clube são elogiados na Assembleia Nacional. Na sessão de 13 de Fevereiro, o deputado André Navarro enalteceu o prestígio dado pela equipa do Benfica ao desporto nacional.

“E fê-lo com aquela correcção e dignidade desportivas que constituem timbre dos bons filhos da nossa - amada terra. Falo desta terra portuguesa de aquém e além-mar, onde a variedade das etnias apenas tem o condão de criar a harmonia das almas. E a gloriosa equipa do Sport Lisboa e Benfica bem exprime, na sua constituição e no prestígio de que goza além-fronteiras, o profundo significado de hoje do defé portugueses, neste período tão conturbado no mundo das ideias e das acções, incluindo as desportivas, por ventos que nos vão atingindo soprados dos quadrantes mais díspares. Eis porque termino dizendo aos desportistas do Benfica: Bem hajam, por Portugal!”⁵⁹

Mais tarde, foi a vez de o Sporting vencer um importante troféu internacional, nomeadamente a Taça das Taças em 1964. Tal como nas vitórias benfiquistas, a receção foi semelhante. O clube foi recebido por Américo Thomaz e Salazar, sendo-lhe atribuída a medalha de mérito desportivo. O ciclo de grandes êxitos internacionais portugueses culminaria em 1966, com a conquista do terceiro lugar no mundial de futebol. Todos estes êxitos eram aproveitados como propaganda política para os emigrantes portugueses espalhados pelo mundo. Um exemplo será o da Associação Nacional dos Portugueses em França, que, através do seu jornal, o *Correio Português*, transmitia aos emigrantes as notícias sobre os êxitos do futebol português através de uma visão política e patriótica.⁶⁰

⁵⁸ Maurício Vieira de Brito, Presidente do SLB, “O caso Eusébio”, *O Benfica*, 23 de Fevereiro de 1961, pp.9 apud Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.57

⁵⁹ Navarro, André (1969), Sessão Parlamentar de 13 de Fevereiro de 1969, in Debates Parlamento <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl9sl4n178-3179&type=texto&q=benfica&sm=p> (03/01/2015)

⁶⁰ Pereira, Victor (2011), “O desporto além-fronteiras – portugueses e desporto nos contextos migratórios” em José Neves e Nuno Domingos (coords), *Uma História do Desporto em Portugal*, 2^oV, Vila do Conde, QuidNovi, pp.127-128

O futebol nas colónias portuguesas

Não poderia terminar esta abordagem geral sobre o futebol no Estado Novo sem abordar a situação nas colónias. Foi aqui, fruto das circunstâncias internacionais e das crescentes tensões entre os movimentos de libertação e a intransigência do Estado Novo em avançar para a descolonização, que o futebol foi mais utilizado como propaganda. No entanto, nem sempre foi assim. De facto, podemos dizer que a evolução do futebol nos territórios coloniais tem bastantes semelhanças com a evolução do futebol na metrópole. Também nas colónias o Estado Novo criou instituições especializadas para a promoção do desporto. Todavia, estas tinham uma influência restrita, pois apenas se destinavam às elites coloniais. Os chamados “indígenas” não poderiam criar associações, embora pudessem ser atletas. Apesar disso, foram várias as associações desportivas que lutaram e protestaram contra o colonialismo. O próprio desporto era muitas vezes usado como arma de protesto contra o Estado Novo. Isso sucedeu, porque, tal como na metrópole, o Estado Novo negligenciou o desporto e não lhe deu grande importância. Apenas na década de 1960, o regime tentou exercer um maior controlo, mas já tardiamente, tendo dificuldades em controlar e regular o desporto nas colónias, dado que grande parte das associações e competições locais já se tinham formado anteriormente de forma autónoma, com regulamentos próprios. Por fim, tal como na metrópole, também nas colónias africanas portuguesas, o futebol foi o desporto que mais depressa se popularizou e difundiu, num processo autónomo e, muitas vezes, contra os interesses do Estado Novo, dado que o futebol servia frequentemente como um meio de luta a favor da descolonização.⁶¹ Ao mesmo tempo, também os jogos e competições internacionais onde participassem equipas do Ultramar, estavam dependentes de autorização, nomeadamente do Ministério do Ultramar, como acordado na sessão de 20 de Janeiro de 1956 da Câmara Corporativa.⁶² Outra semelhança entre as colónias e a metrópole foi a inauguração dos estádios, nomeadamente o Estádio Nacional na metrópole e o Estádio Salazar em Moçambique. Este é inaugurado a 30 de Junho de 1968. Situado em Lourenço Marques, foi nomeado em honra do líder do Estado Novo, como forma de homenagear o seu papel na preservação do império colonial. De facto, na cerimónia, o papel de Salazar e das suas políticas coloniais é bastante elogiado. A inauguração termina com um jogo entre as seleções

⁶¹ Domingos, Nuno (2011), “O desporto e o Império Português”, em Jorge Neves e Nuno Domingos (coords), *Uma História do Desporto em Portugal*, 2ªV, Vila do Conde, QuidNovi, pp.65-82

⁶² Actas da Câmara Corporativa, 20 de Janeiro de 1956, in Debates Parlamento

Disponível em: <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.acc&diary=ccl6sl3n72-0716&type=texto&q=futebol&sm=p> (03/01/2015)

de Portugal e do Brasil. Segundo um telegrama do governo-geral de Moçambique para o gabinete dos negócios estrangeiros, cerca de 50 000 pessoas assistiram á inauguração e atividades desportivas sendo que Lourenço Marques “constituiu, toda a gente o reconhece, magnífico exemplo de ordem, disciplina, civismo e, acima de tudo, alta demonstração de convivência harmónica e fraternal entre todos os sectores da população, pois (...) em toda a cidade não se registou qualquer incidente.”⁶³

Por sua vez, a relação da selecção e dos clubes nacionais com os territórios coloniais vai evoluindo ao longo do tempo. O primeiro jogador de origem africana a jogar pela selecção nacional foi Martinho de Oliveira, em 1928, sendo que apenas em 1937 se tornaria mais frequente ver jogadores africanos a jogar por Portugal. Ao mesmo tempo, eram frequentes as deslocações de clubes portugueses às colónias. A primeira é realizada pela Académica de Coimbra em 1938, mas é a partir da década de 1950 que estas se tornam mais frequentes com vários clubes a realizar digressões pelas colónias, como o Porto, o Benfica, Sporting, Atlético, CUF, entre outros.⁶⁴ Essas digressões, mais do que desportivas, eram um meio de levar a propaganda luso-tropicalista do Estado Novo às colónias, tentando reduzir as tensões e conflitos e difundir a imagem de solidariedade e amizade entre as populações dos territórios. Alguns clubes portugueses, sob a direcção de pessoas próximas do ideário nacionalista do Estado Novo, divulgaram, nas suas publicações oficiais, discursos de teor patriótico. Veja-se, por exemplo, a reacção do Benfica após a invasão a Goa, Damão e Diu em 1961. Além de um editorial defendendo a honra da pátria portuguesa e criticando violentamente os indianos, chamando-lhes “bárbaros da nova vaga”⁶⁵, recorda também uma digressão a Goa realizada em 1960, onde o Benfica defrontou um clube de jogadores locais, fazendo questão de mencionar a bela “Índia Portuguesa”, onde reinava o saudável convívio de diferentes “raças”, antes do ataque da União Indiana.⁶⁶ Mais tarde, em 1962, o Benfica viria a fazer uma digressão a Angola e Moçambique. Mais do que uma simples digressão desportiva, esta era uma viagem destinada a fortalecer os laços entre os territórios coloniais e a metrópole. Ao mesmo tempo, o

⁶³ Arquivo Histórico Diplomático, Processo Nº E-5-10, Cota 04613

⁶⁴ Pinheiro, Francisco (2012), “Futebol e política na ditadura: Factos e mitos”, em Nuno Domingos e, Nina Clara Tiesler (coords.), *Futebol Português: Política, Género e Movimento*, Porto, Afrontamento, pp.71-72

⁶⁵ Editorial, “Viva Portugal!”, *O Benfica*, 21 de Dezembro de 1961, pp.1, apud Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.82

⁶⁶ Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.84

próprio clube aproveitava a viagem para assegurar e elogiar a unidade do império português, aplaudindo também os progressos e avanços das cidades coloniais portuguesas, reconhecendo ser um embaixador que contribuía para fortalecer a amizade entre a metrópole e as colónias.⁶⁷

Além do exemplo do Benfica, podemos ver também o caso do Sporting, cujos dirigentes nunca se coibiram de realizar discursos com elevado teor nacionalista e defendendo a “raça” e o império portugueses. Na sua digressão a África, em 1954, o clube editou uma brochura, onde não escondia o carácter objetivo da mesma: “Partiu para África a Embaixada Desportiva do Sporting! Um punhado de sportinguistas, cruzando os céus dessas terras que tanto têm arreigado o cunho da civilização lusa, vão levar aos sportinguistas e portugueses de Moçambique e Angola o abraço fraterno que há muito era desejado”.⁶⁸ Também o Guimarães, na sua digressão ao Ultramar, em 1959, seguiu o exemplo do Sporting e editou uma brochura, reconhecendo o valor “patriótico” da sua viagem ao Ultramar:

“É que não existe outra caravana desportiva continental capaz de simbolizar de melhor maneira a unidade nacional naquilo que se entende da afirmação patriótica de que Portugal é um e se espalha pelas cinco partes do mundo, que a equipa de Guimarães, da terra onde a pátria nasceu! Podem já terem ido às nossas províncias ultramarinas equipas bem engrinaldas com títulos de Campeões ou prenes de jogadores internacionais (...), mas, o que é indiscutível, é que nunca foi estabelecido um elo desportivo de Portugal mundial de maneira tão simbólica ou de tanta intuição nacional. (...) Sim, porque é o Berço da Nação que vai à África Portuguesa em jornada patriótica e desportiva!”⁶⁹

Vemos assim que foram vários os clubes portugueses a realizar digressões pelos territórios coloniais, sempre com objetivos que iam além do meramente desportivo e se centravam antes nos aspetos políticos e propagandísticos.

⁶⁷ Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.87-89

⁶⁸ Sporting Clube de Portugal (1954), *A gloriosa digressão do S.C.P. a terras de além-mar: número especial*, Lisboa: Tipografia Gráfica, s/p apud Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.91

⁶⁹ “Aqui nasceu Portugal! Número único comemorativo da viagem do Vitória de Guimarães ao ultramar”, ed. Vitória Sport Clube Guimarães, 1959, pp.5 apud Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.91

CAPÍTULO IV: O ESTADO NOVO E O MUNDIAL DE FUTEBOL DE 1966

Como já referi, a instrumentalização do futebol como objeto de propaganda por parte do Estado Novo ocorre com maior intensidade na década de 1960. Por um lado, isso deve-se à própria evolução do futebol que, contra a vontade do Estado Novo, abandona o amadorismo e entra no caminho da profissionalização. Esta evolução, aliada a uma fornada de jogadores altamente talentosos, muitos deles provenientes dos territórios ultramarinos, levou a uma grande melhoria dos resultados dos clubes e da seleção portuguesa. Se, em finais da década de 1940 e durante a seguinte, o Estado Novo tentava evitar ao máximo que equipas portuguesas participassem em competições ou jogos internacionais, temendo que isso danificasse a imagem do regime, na década de 1960 ocorre precisamente o oposto. Primeiro são os clubes portugueses, nomeadamente o Benfica e o Sporting, que vencem importantes competições europeias. Seguidamente, a seleção portuguesa obtém um meritório terceiro lugar na mais importante competição futebolística do mundo. Por outro lado, estes sucessos não podiam vir em melhor altura para o Estado Novo. A década de 1960 é particularmente complicada para o regime, que enfrenta descontentamento interno, aliado a um relativo isolamento internacional. Ao mesmo tempo, inicia-se a guerra colonial, que, além de absorver uma parte significativa dos recursos nacionais, irá aumentar a oposição nacional e internacional ao Estado Novo. Sendo este o tema mais importante e problemático para o regime, é normal que grande parte da política de propaganda se centrasse sobre a política colonial portuguesa. O futebol não foi exceção. As vitórias de Benfica e Sporting (principalmente do primeiro) são usadas para defender o valor e virtudes do império português e das apregoadas ideias do luso-tropicalismo e união plurirracial, pois ambas as equipas possuíam vários jogadores com origens nos territórios coloniais. Ao mesmo tempo, a imagem de Eusébio, natural de Moçambique e figura maior do Benfica e do futebol português, começa também a ser explorada para fins propagandísticos. Essa exploração atinge novos níveis aquando do mundial de futebol de 1966.

O Estado Novo na década de 1960

Todavia, antes de entrar no evento em si mesmo, é importante fazer uma breve abordagem à situação política do Estado Novo na década de 1960, para melhor compreendermos a utilização e necessidade da propaganda feita pelo regime. A década de 1960 é marcada por várias dificuldades e pelo acentuar das oposições ao regime. Esta começa com as sequelas da candidatura de Humberto Delgado às eleições presidenciais de 1958. A candidatura do

general colocou em sérias dificuldades o Estado Novo, que lidava pela primeira vez com um candidato que, além de ser oriundo das fileiras do regime, conseguia reunir apoio das diversas forças de oposição ao regime. Além disso, não pensava em desistir antes do processo eleitoral. De facto, na primeira conferência após ter oficializado a sua candidatura, Delgado deixou bem claras as suas intenções, respondendo a uma pergunta sobre o que faria a Salazar caso fosse eleito: “Obviamente demito-o”. A sua forte capacidade discursiva e o seu carisma atraíram a população, que depressa o começou a apoiar em massa. Podemos considerar que o movimento popular suscitado por Delgado tinha características autenticamente revolucionárias, abalando não só o regime, como todo o espectro político português⁷⁰. Com o avanço da campanha, os comícios de Delgado atraíam cada vez mais pessoas, ao mesmo tempo que aumentava a repressão e violência sobre os seus apoiantes. No entanto, dado o sistema eleitoral ser propício a fraude, os resultados oficiais deram uma vitória com mais de três quartos dos votos para o candidato do Estado Novo, Américo Thomaz. Interna e externamente, foram várias as acusações de que o processo eleitoral tinha sido claramente fraudulento.⁷¹ As principais consequências das eleições de 1958 foram um dano considerável na imagem pública e internacional do regime de Salazar e uma mudança no sistema de eleição da figura do Presidente da República, que deixaria de ser eleito por sufrágio universal e passaria a ser eleito por um colégio eleitoral.

Na entrada para a década de 60, a Europa ocidental estava a viver um período de grande recuperação económica e de estabilidade, sentindo-se um grande otimismo pelo continente⁷². Ao mesmo tempo, como nos diz o historiador Costa Pinto, apesar do crescimento, provocado entre outros factores pela adesão à EFTA, Portugal mantinha-se um país relativamente atrasado e pobre, o mais pobre do ocidente europeu⁷³. Por outro lado, era das poucas ditaduras ainda restantes em território europeu, além de continuar a defesa dos ideais do colonialismo e dos seus territórios coloniais. Apesar disso, é durante a década de 1960 que o Estado Novo dá os primeiros passos, ainda que muito tímidos, para se integrar na Europa. Primeiramente, ao

⁷⁰ Raby, David L. (1998), “O movimento popular”, em Iva Delgado, Carlos Pacheco, Telmo Faria (coords), *Humberto Delgado: As eleições de 1958*, Lisboa, Vega, pp.116

⁷¹ Para mais informação sobre Humberto Delgado, todo o processo eleitoral de 1958 e as suas consequências, ver a obra coordenada por Iva Delgado, Carlos Pacheco e Telma Faria (1998): *Humberto Delgado: As eleições de 1958*, Lisboa, Vega

⁷² Meneses, Filipe Ribeiro de (2010), *Salazar*, Lisboa, Edições D.Quixote, pp.477

⁷³ Pinto, António Costa (2001), *O fim do império português: A cena internacional, a guerra colonial, e a descolonização, 1961-1975*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.47-48

integrar-se na EFTA em 1960, uma adesão que trouxe várias vantagens e avanços para a economia portuguesa. Algum tempo depois, a Inglaterra, líder da EFTA, tentou associar-se à CEE, tendo Portugal feito o mesmo em 1961. O Estado Novo sabia que o processo ia ser longo e demorado, o que lhe era vantajoso, pois permitia-lhe tomar a decisão definitiva entre Europa e África mais tarde.⁷⁴ Nacionalmente, Portugal observa uma modernização, ainda que lenta, gradual e baseada em fatores insustentáveis a longo prazo, como eram os baixos salários dos portugueses e a matéria-prima barata proveniente dos territórios coloniais. No entanto, o avanço e modernização da indústria viriam a causar um abandono das zonas rurais, sendo a agricultura constantemente desvalorizada por parte do regime. Como consequência, os portugueses nestas zonas viviam com condições de vida muito baixas, o que fazia com que fossem muitos os que emigrassem ilegalmente, especialmente para França. Isto foi explorado pela oposição, pois, no seu ponto de vista, a fuga de milhares de portugueses do país servia para demonstrar a incapacidade e falhanço das políticas do regime. Além disso, a divulgação internacional de relatos de jornais franceses, que noticiavam as deploráveis condições em que muitos portugueses chegavam ao país, também contribuíam para a degradação da imagem do Estado Novo. Por outro lado, essa emigração era também uma importante fonte de receitas, devido às remessas financeiras dos emigrantes e ao facto de o Estado Novo não lhes ter de prestar apoio. Em simultâneo, ao longo da década, Salazar, além de lidar com os seus adversários tradicionais como o PCP, teve também de responder a novas fontes de oposição ao seu regime, nomeadamente a Igreja Católica, que entra em divergência com o Estado Novo e também as universidades, que pediam reformas políticas imediatas.⁷⁵

Seja como for, na década de 1960, é a guerra colonial que centra em si todas as atenções e que desempenha um papel fundamental na vida política do país. Esta começa em 1961, no norte de Angola. Apesar dos vários indícios e desenvolvimentos que indicavam claramente o

⁷⁴ Apesar do interesse em aumentar a cooperação económica em termos europeus, Salazar não tinha qualquer interesse em aumentar a cooperação política. No entanto, se a Inglaterra conseguisse aderir à CEE, isso deixaria Portugal sem qualquer alternativa além de também se associar à CEE. Obviamente, a aceitação plena de Portugal nesta só aconteceria se o estado português abandonasse as suas políticas coloniais, algo que, nesta altura, o Estado Novo não estava disposto a fazer, embora já se tivesse comprovado que, economicamente, a Europa era uma alternativa muito mais viável do que as colónias, que traziam mais despesas que benefícios, representando um peso negativo na despesa pública. Para mais informação sobre a integração de Portugal na EFTA, consultar o livro organizado por António Costa Pinto e Nuno Severiano Teixeira (2005): *A Europa do Sul e a Construção da União Europeia 1945-2000*, Lisboa, ICS.

⁷⁵ Meneses, Filipe Ribeiro de (2010), *Salazar*, Lisboa, Edições D.Quixote, pp.591-608

risco de um possível conflito nos territórios ultramarinos portugueses, quando este finalmente ocorreu, as forças portuguesas não estavam minimamente preparadas. Após o ataque inicial, os confrontos depressa se expandiram, sobretudo no norte do território, com alguns dos ataques realizados contra os colonos brancos a serem de extrema violência, algo que foi amplamente noticiado em Portugal, para efeitos de propaganda. A guerra viria a alastrar-se às restantes colónias portuguesas. Em finais do mesmo ano, ocorre a invasão de Goa e restantes territórios portugueses na Índia por parte da União Indiana. Apesar dos apelos à comunidade internacional para esta tentar impedir ou abrandar o avanço do ataque indiano, estes pedidos não tiveram sucesso. No dia 18 de Dezembro teve início a invasão de Goa. Esta foi rápida e eficaz, estando terminada apenas um dia depois, com a derrota das forças portuguesas. Na Guiné-Bissau, a guerra iniciou-se em 1963, sendo as forças coloniais comandadas pelo PAIGC, que defendia não só a independência da Guiné, como também a de Cabo Verde. A situação foi-se deteriorando com o passar dos anos, com os soldados portugueses a verem-se em desvantagem numérica e material, especialmente com a expansão do conflito em 1965, sendo que em 1968 a situação portuguesa no território era de grande preocupação. Por sua vez, em Moçambique, o confronto começou em Setembro de 1964, embora em pequena escala. É apenas a partir de 1968 que a situação no território começa a ficar fora do controlo das forças portuguesas e com as forças da Frelimo a ganhar território. De facto, a situação na guerra colonial portuguesa foi-se agravando com os anos, com o número de soldados mortos em combate a aumentar anualmente, assim como os gastos, superiores a quaisquer benefícios que pudessem advir dos territórios coloniais⁷⁶ e com o descontentamento popular a atingir novos níveis de insatisfação, por entenderem estar a travar-se uma guerra que não tinha uma razão justa de existir.⁷⁷

Já antes do início da guerra, mas sobretudo ao longo da década, verificamos uma mudança no discurso oficial do Estado Novo sobre as colónias e também algumas reformas na sua política. São exemplo disso as reformas coloniais feitas em 1961, onde se revogava o

⁷⁶ Diga-se, ainda assim, que os gastos poderiam ter sido ainda mais elevados. O Estado Novo procurou sempre não desequilibrar a economia portuguesa, o que fazia com que o investimento na guerra não fosse total. Ao mesmo tempo, isso foi uma das causas para o atraso e falta de meios dos soldados portugueses a combater em território africano, o que aumentava o seu descontentamento, criando, em simultâneo, vários conflitos entre o exército e Salazar. Meneses, Filipe Ribeiro de (2010), *Salazar*, Lisboa, Edições D.Quixote, pp.551

⁷⁷ Meneses, Filipe Ribeiro de (2010), *Salazar*, Lisboa, Edições D.Quixote, pp.478-499, 523-532, 545-551

Estatuto da População Indígena e onde se notava o desejo de proclamar uma nova política que demonstrasse ao mundo que os portugueses de todas as etnias, locais e religiões se sentiam parte de um projeto nacional único. Isso implicaria o fim das desigualdades entre os cidadãos da metrópole e os indígenas nas colónias, ou seja, que todos tivessem os mesmos direitos. Na prática, não foi isso que sucedeu. A esmagadora maioria dos africanos não podia votar e continuava submetida às autoridades administrativas portuguesas, ou seja, a sua situação não sofreu grandes alterações.⁷⁸ Ao mesmo tempo, foram muito poucos aqueles que se conseguiram tornar “assimilados”, ou seja, tornarem-se na prática cidadãos portugueses, com todos os direitos a que isso correspondia, sendo uma das melhores maneiras de o conseguir, como nos mostra Marcos Cardão, o futebol⁷⁹. Outra reforma aplicada pelo Estado Novo foi a criação do espaço económico português, que consistia em abolir todas as pautas alfandegárias entre Portugal continental e as colónias, ou seja, criar um espaço económico único com uma moeda comum, o escudo. Um dos principais objetivos do regime, com esta medida, era o de reduzir as tendências nacionalistas nos territórios coloniais, integrando-os numa relação mais próxima com a metrópole. No entanto, isso não foi conseguido e, além disso, esta medida viria a criar dificuldades económicas, tanto nas colónias como na metrópole.⁸⁰ No que concerne ao discurso oficial sobre a política colonial, também este se vai alterando e evoluindo com o passar dos anos. Esta evolução ocorre em simultâneo com a evolução da política de propaganda nacional. O Secretariado de Propaganda Nacional (SPN, futuro Secretariado Nacional de Informação – SNI) surgiu em 1933, liderado por António Ferro, com a finalidade de impedir a divulgação de ideias que fossem consideradas perturbadoras e dissidentes da unidade e interesse nacional, ou seja, todas as ideias que fossem contra a ideologia política do Estado Novo. Tinha também a função de exacerbar o nacionalismo e o sentimento de ser português na população. Externamente, o objetivo do SPN era o de “elucidar a opinião internacional sobre a nossa acção civilizadora e, de modo especial, sobre a acção exercida nas colónias e o progresso do Império Ultramarino”⁸¹. A sua função original não se alterou significativamente com o desenrolar dos anos, embora o conteúdo dos

⁷⁸ Valentim Alexandre (1996), “Política colonial” em Fernando Rosas, J.M. Brandão de Brito (dirs), *Dicionário de História do Estado Novo*, vol.2, Venda Nova, Bertrand, pp.754-757

⁷⁹ Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.56

⁸⁰ Meneses, Filipe Ribeiro de (2010), *Salazar*, Lisboa, Edições D.Quixote, pp.532-540

⁸¹ Artigo 5, alínea c do decreto-lei nº23054, de 25 de Setembro de 1933, apud Paulo, Heloísa (1994), *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil: O SPN-SNI e o DIP*, Coimbra, Minerva, pp.75-76

discursos tenha sofrido algumas alterações. Em 1944, o SPN passa a ser designado de SNI, que, na década de 1950, acentua a preocupação com a imagem de Portugal no estrangeiro, enquanto na década seguinte se concentra com mais intensidade na imagem do regime. Ao mesmo tempo, a partir de 1954, as atenções da propaganda centram-se, sobretudo, na defesa ideológica do império português.⁸²

Podemos considerar que a ideologia e discurso colonial português conhecem, ao longo do Estado Novo, duas fases diferentes: a primeira, que vai de 1926 até 1945, e a segunda, que abrange os restantes anos do Estado Novo (1945-1974). No primeiro caso, assinalava-se a função histórica, civilizadora, evangélica e tutelar da colonização portuguesa. Defendia-se também, de acordo com as ideias em voga na época, o “darwinismo social”, ou seja, a superioridade civilizacional dos europeus e dos povos de “raça branca” sobre os povos de “raça negra”, que seriam inferiores e, como tal, teriam sempre uma função subordinada e de obediência em relação aos colonizadores. Após a segunda guerra, com o descrédito das ideias da superioridade civilizacional e racial, o discurso colonial português sofre alterações. Desaparecem esses paradigmas e adota-se o luso-tropicalismo como teoria oficial, destacando-se a alegada capacidade dos portugueses para se relacionarem com os povos dos trópicos e assinalando as diferenças entre a presença portuguesa nesses territórios e os restantes casos de colonização europeus, que, segundo o discurso do Estado Novo, tentavam ensinar valores etnocêntricos e de superioridade europeia aos habitantes nativos, enquanto no caso português se ensinavam valores universais, como o cristianismo. Ao mesmo tempo, Portugal declarava oficialmente não possuir qualquer colónia, apenas províncias ultramarinas que faziam parte integrante do país. Em simultâneo, continuavam a defender o carácter evangelizador, educador e tutelar da sua presença nos territórios africanos.⁸³ Uma outra ideia que se manteve uma constante em toda a vigência de Salazar é a visão do império colonial como um mito coletivo que não podia ser discutido. A sua existência era resultado de uma missão histórica e questioná-lo era por em causa a própria independência e existência portuguesa. Portugal era igual do Minho a Timor, era necessário defender as províncias ultramarinas como se defenderia qualquer zona da metrópole portuguesa.⁸⁴ A ideia que

⁸² Paulo, Heloísa (1994), *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil: O SPN-SNI e o DIP*, Coimbra, Minerva, pp.80-100

⁸³ Valentim Alexandre (1996), “Ideologia colonial” em Fernando Rosas, J.M. Brandão de Brito (dirs), *Dicionário de História do Estado Novo, vol.2*, Venda Nova, Bertrand, pp.433-434

⁸⁴ Ferreira, Carolina (2013), *Os media na guerra colonial: A manipulação da emissora nacional como altifalante do regime*, Coimbra, Minerva, pp.32-43

Portugal era um território uno e indivisível, composto por metrópole e províncias ultramarinas está bem visível neste cartaz de propaganda, que tenta demonstrar que Portugal não é um país pequeno, pelo contrário, é um dos países com mais território de toda a Europa.

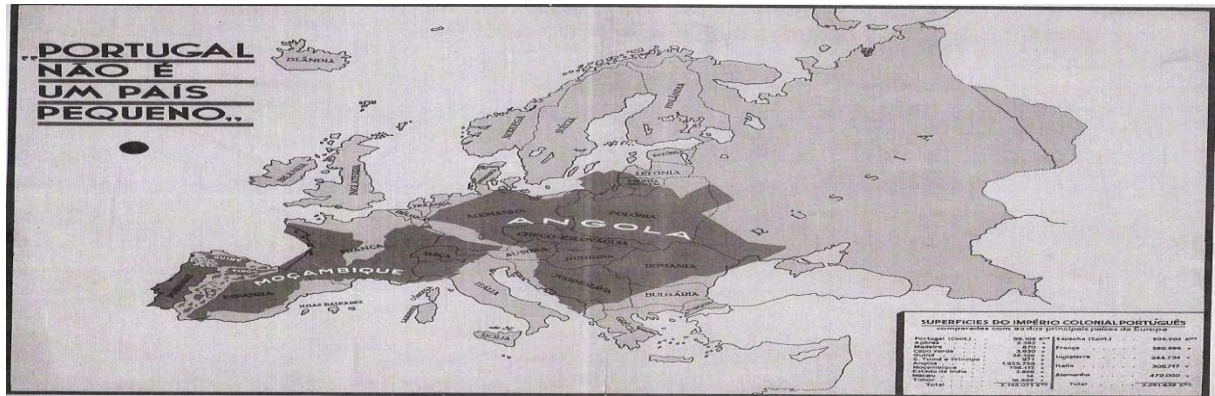


Imagem 4.1: Cartaz de propaganda sobre o império colonial Português (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Fundo SNI, Cartazes e Gravuras)

Sobre a política colonial portuguesa, Salazar afirma que o país era “uma nação compósita euro-africana e euro-asiática [que], estendendo-se por espaços livres ou desaproveitados, pretendeu imprimir aos povos conceitos muito diversos dos que depois caracterizaram outros tipos de colonização (...)”⁸⁵ Além de assinalar que o país era não só europeu, como também africano e asiático, Salazar refere que os portugueses imprimiram valores diferentes dos restantes países europeus. Como referido, isso era uma parte importante do discurso colonial português do pós segunda guerra mundial, baseado na teoria do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre. Esta teoria defendia as características únicas do povo português, que ignorava os preconceitos raciais e, pelo contrário, favorecia a união entre as “raças” africanas e europeias. Apesar de não ser inicialmente bem-recebida pelo Estado Novo, a mudança da situação internacional e conseqüente alteração da política colonial portuguesa, fez com que esta teoria se tornasse parte do discurso oficial do regime, pois oferecia uma justificação credível e científica para a sua ideologia. Ao mesmo tempo, o luso-tropicalismo generalizou-se e entrou no âmbito da cultura popular e de massas, ajudando-o a tornar-se mais visível e com uma maior repercussão mediática.⁸⁶

⁸⁵ Citado por Pinto, António Costa (2001), *O fim do império português: A cena internacional, a guerra colonial, e a descolonização, 1961-1975*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.45

⁸⁶ Ver a tese de Marcos Cardão (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Internacionalmente, o discurso político de defesa das colónias por parte de Salazar perante as Nações Unidas manteve-se sempre constante: Portugal não tinha colónias, tinha províncias, algumas fora da Europa e, dessa forma, qualquer acção da ONU que dissesse respeito a estas províncias seria considerada uma violação da soberania portuguesa e, como tal, ilegal. Ao mesmo tempo, o país não reconhecia a existência de movimentos de libertação, estes eram vistos apenas como terroristas ou mercenários comunistas.⁸⁷ Salazar afirmava também não acreditar nos processos de independência dos países africanos, duvidando da sua capacidade para se governarem, e considerava que estes processos fossem o resultado de manobras soviéticas para cercar e ameaçar a Europa.⁸⁸ Apesar de tentar passar a ideia de isolamento internacional, isso acabou por não se verificar de forma evidente. Mesmo com grande parte dos países a opor-se à sua política colonial, Portugal conseguiu sempre a neutralidade dos seus aliados mais fortes, como Inglaterra, França, RFA e, durante grande parte da década de 1960, dos E.U.A. Como tal, o célebre discurso de Salazar em 1965, onde este se afirma “orgulhosamente só” na defesa das colónias portuguesas, deve ser visto não como uma representação fiel da realidade, mas antes como uma tentativa de galvanizar as forças civis e militares para a defesa da política colonial portuguesa.⁸⁹ O único período de maior pressão internacional foi após a eleição de John F. Kennedy como presidente dos Estados Unidos da América em 1960. Este mostrou-se desde logo um feroz opositor do colonialismo e um defensor de políticas de defesa dos países africanos, pois, entre outros factores, via África como um excelente local para investimentos e queria impedir a expansão da influência soviética no continente.⁹⁰ Em 1961, a Libéria agendou uma moção sobre Angola no Conselho de Segurança para obter mais detalhes sobre a situação no território e, pela primeira vez, a administração americana vota a favor de uma moção crítica da política colonial portuguesa. A crise iria demorar todo o ano de 1961 e grande parte do de 1962. Se, inicialmente, os Estados Unidos mostram-se bastante pressionantes, pedindo por várias vezes o fim da repressão nas colónias e a independência dos territórios, no final desse ano, essa pressão era muito menor. Segundo o historiador Luís Nuno Rodrigues, isso deveu-se a vários factores, sendo o mais importante a situação da base das Lajes, que desempenhava um importante papel para a

⁸⁷ Pinto, António Costa (2001), *O fim do império português: A cena internacional, a guerra colonial, e a descolonização, 1961-1975*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.22

⁸⁸ Ferreira, Carolina (2013), *Os media na guerra colonial: A manipulação da emissora nacional como altifalante do regime*, Coimbra, Minerva, pp.34

⁸⁹ Pinto, António Costa (2001), *O fim do império português: A cena internacional, a guerra colonial, e a descolonização, 1961-1975*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.13

⁹⁰ Rodrigues, Luís Nuno (2002), *Salazar-Kennedy: A crise de uma aliança*, Lisboa, Notícias, pp.73-74

política americana. Também a intransigência negocial portuguesa, que nunca cedeu perante as pressões e exigências americanas ajuda a explicar a mudança da política dos Estados Unidos da América. Internamente, as lutas na administração Kennedy, entre os que defendiam políticas europeístas contra os que defendiam políticas africanistas, também desempenharam um papel importante. Por fim, o contexto internacional, onde os Estados Unidos se viam sem o apoio dos seus aliados em relação às suas políticas, é também um fator explicativo importante.⁹¹ Após a morte de Kennedy e a eleição de Lyndon Johnson, os Estados Unidos voltam à sua posição de neutralidade para com a política colonial portuguesa, reduzindo de forma significativa a sua pressão. Assim, podemos afirmar que a maior pressão internacional a Portugal era feita pela ONU, especialmente pelo bloco dos países africanos e asiáticos, pelo bloco soviético e pelo bloco escandinavo. No entanto, esta nunca se tornou insustentável e, além disso, a instituição nunca funcionou em pleno, devido ao clima de Guerra Fria. Em termos práticos, a ONU não fazia mais do que criticar o Estado Novo sem grandes consequências práticas para o regime, além da má imagem internacional do país.⁹²

Vemos portanto que, quando ocorre o mundial de futebol de 1966, Portugal vive um período com algumas dificuldades internas e com uma necessidade sempre presente de defender a sua ideologia colonial. Como se verá mais à frente, a prestação da equipa de futebol portuguesa, composta por vários jogadores provenientes dos territórios ultramarinos, seria utilizada pelo Estado Novo não só para procurar aumentar o sentimento nacionalista dos portugueses, como também numa tentativa de demonstrar ao mundo a união entre todos os portugueses, independentemente da sua proveniência.

A prestação portuguesa no mundial de futebol de 1966

Pela primeira vez na sua história, a equipa portuguesa iria participar na maior competição futebolística a nível internacional. A própria qualificação para o mundial pode-se considerar surpreendente. No grupo de apuramento para a competição, Portugal viu-se inserido com as equipas da Roménia, Turquia e Checoslováquia. Esta seria, em teoria, o maior adversário de Portugal para o apuramento, até por se tratar da vice finalista do último mundial. Na prática, foi o que se verificou. No entanto, Portugal venceu os seus dois jogos frente à Turquia e derrotou a Checoslováquia em Bratislava por 1-0, tendo empatado depois o jogo em território

⁹¹ Ibidem, pp.161-162

⁹² Pinto, António Costa (2001), *O fim do império português: A cena internacional, a guerra colonial, e a descolonização, 1961-1975*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.20-24

português. Entretanto, bateu a Roménia em casa, tendo no último jogo, e já estando apurado, perdido por 2-0 em Bucareste, numa derrota sem quaisquer consequências. Estando o apuramento garantido, depressa a presença de Portugal no grande evento internacional começou a despertar as atenções da imprensa. Praticamente todos os jornais acompanham a equipa portuguesa no mundial. A maior cobertura é dada, como seria de esperar, pelos jornais desportivos, mas os jornais generalistas também fizeram uma cobertura abrangente e detalhada da competição desportiva. Ao analisar vários jornais, de diversas conotações políticas, foi possível notar que a cobertura dada ao mundial e os assuntos abordados não divergiram muito. Os jornais com uma política editorial mais próxima da ideologia do Estado Novo, como o *Diário da Manhã*, *Diário de Notícias* ou *O Século* dão uma maior cobertura a assuntos de cariz mais político e nacionalista, como as receções aos jogadores por parte do Presidente da República, Américo Thomaz, à partida e à chegada destes. Todavia, as temáticas gerais abordadas ao longo da prova são semelhantes. A isso não será alheia a presença da censura⁹³, embora, sendo o mundial uma prova desportiva e de entretenimento de massas, o fervor nacionalista por ele levantado e abordado pelos meios de comunicação fosse expetável. Curiosamente, o jornal que faz uma leitura e abordagem mais nacionalista do que sucede no mundial não é um dos jornais que se associam frequentemente ao Estado Novo, mas sim o jornal *A Bola*. Tendo em conta as origens deste, fundado, entre outros, por Cândido de Oliveira, que teve as suas divergências com o Estado Novo, isto pode parecer surpreendente. De facto, nos seus primórdios, o jornal sentiu inúmeras dificuldades para se afirmar no panorama nacional, precisamente pelas divergências de Cândido de Oliveira e dos outros fundadores com as ideias do regime. No entanto, o jornal desde cedo se pautou por uma cobertura nacionalista, parcial e de grande destaque aos jogos de Portugal. A seleção nacional era vista como uma representante do país e defensora da alma portuguesa. O jornal defendia também a necessidade de uma unidade nacional e foi dos primeiros a classificar o tipo de jogo praticado pelos portugueses como um futebol latino. Por outro lado, e apesar das inúmeras derrotas sofridas pelos portugueses ao longo da década de 1950, *A Bola* preferia

⁹³ Apesar de, por vezes, esta não funcionar na plenitude das suas funções, a censura era vista como um meio essencial por parte do Estado Novo para impedir a propagação e circulação de ideias opostas à ideologia do regime, sendo que, a partir de 1936, o departamento de censura podia autorizar ou proibir a circulação de novos periódicos e livros. Com o passar dos anos, depressa os jornalistas se aperceberam do que podiam ou não publicar e passaram a escrever os seus artigos de acordo com isso, criando uma espécie de “auto-censura”: Jorge Ramos do Ó (1996), *Censura*” em Fernando Rosas, J.M. Brandão de Brito (dirs), *Dicionário de História do Estado Novo*, vol.1, Venda Nova, Bertrand, pp.140-141

destacar o desportivismo dos jogadores, não fazendo grandes críticas às derrotas. Na passagem da década de 1950 para a de 1960, a política editorial do jornal sofre alterações, passando a ter uma cobertura extremamente nacionalista e patriótica nos seus discursos, defendendo veementemente os valores portugueses e, muitas vezes, apresentando negativamente os adversários da seleção. Segundo João Nuno Coelho, isso ter-se-á dado por duas razões. A primeira, a morte dos fundadores do jornal, que foram substituídos por outros, que adotaram a nova abordagem mais nacionalista. A segunda, a situação do país, cada vez mais isolado internacionalmente e com a guerra colonial prestes a ter início. Devido às várias críticas internacionais, o jornal sentia-se na necessidade de reforçar e defender o valor da nacionalidade portuguesa.⁹⁴

Um exemplo disto ocorre durante um jogo entre Itália e Portugal, disputado em 1957. A *Bola* começa por classificar a equipa italiana como um misto de italianos, uruguaios e argentinos, devido ao número de jogadores nacionalizados nesta equipa. Os jornais italianos respondem afirmando que Portugal não joga com jogadores portugueses mas sim com jogadores das colónias. Por sua vez, na sua análise pós-jogo (que Portugal perdeu 3-0), fortemente marcada por referências belicistas que comparavam alegoricamente o jogo a uma guerra, o jornalista José Olímpio afirmou que esses jogadores eram “onze atletas nascidos e criados em terras portuguesas, filhos de pais portugueses (...) falando português, sentindo português. A Itália apresentou um conjunto em que havia italianos e oriundos. Oriundos pagos a peso de ouro.”⁹⁵ Em simultâneo, o jornal, que raramente criticava as exibições da seleção portuguesa, passa agora a adotar uma perspetiva bastante mais crítica quando os resultados eram mais negativos. A mudança de discurso do jornal nota-se também nos inúmeros apelos que este faz aos portugueses para serem patriotas e apoiarem a equipa portuguesa em todos os jogos. Toda esta visão patriótica e nacionalista atinge o seu auge aquando da realização do mundial de 1966. Aqui, o jornal acaba por, consciente ou inconscientemente, reproduzir grande parte do discurso propagandístico do Estado Novo sobre o país e as colónias. É curioso verificar a evolução do discurso do jornal e compará-lo à propaganda política, pois, se inicialmente se falava do “Portugalzinho”, um país estreante nestas andanças e pouco reconhecido internacionalmente, tanto na política como no futebol,

⁹⁴ Coelho, João Nuno (2001), *Portugal: A equipa de todos nós: Nacionalismo, futebol e media, a reprodução da nação nos jornais desportivos*, Porto, Afrontamento, pp.101-111

⁹⁵ José Olímpio, *A Bola*, 23 de Dezembro de 1957, apud Coelho, João Nuno (2001), *Portugal: A equipa de todos nós: Nacionalismo, futebol e media, a reprodução da nação nos jornais desportivos*, Porto, Afrontamento, pp.109

depressa se começou a falar no “Grande Portugal”, país esse que ia do Minho a Timor e que demonstrava ser uma das melhores equipas da prova, ao mesmo tempo que, politicamente, se destacava a extensão territorial do território português e das suas colónias, como forma de demonstrar que Portugal estava longe de ser um país insignificante.⁹⁶

Antes da partida para Inglaterra, no dia 6 de Julho, os jogadores foram recebidos por Américo Thomaz, Presidente da República. Este desejou boa-sorte aos jogadores e disse esperar que estes honrassem o nome do país. Os jornais destacaram o ambiente de simpatia e informalidade da receção, com a presença dos netos do presidente, que aproveitaram para pedir autógrafos aos jogadores. O *Diário de Notícias* transcreve ainda o discurso do diretor da F.P.F, Gomes da Silva, que afirmou que os jogadores portugueses “iriam bater-se com raça, determinação e arrebanho próprios da gente lusa, de modo a prestigiarem em toda a medida dos seus esforços e do seu valor de futebolistas o desporto nacional e o nome do país”.⁹⁷ No dia 8 do mesmo mês, os jogadores partiram para Manchester. Começa-se também a verificar-se algum discurso de defesa da multiracialidade portuguesa. O *Diário de Notícias* afirma que os jogadores estão unidos, independentemente do seu clube ou cor de pele⁹⁸, enquanto *A Bola* apresenta a ideia do “tipo português” de futebol, que o jornalista Vítor Santos classifica como “uma estranha maneira euro-latina-africana”, afirmando também que os portugueses são “os europeus menos europeus do Velho Continente”. Ele defende que o espírito cultural português lhe permite recorrer ao negro e ao mestiço de África, o que faz com Portugal escape ao futebol excessivamente disciplinado do resto das equipas europeias, afirmando ainda que este tipo de futebol português poderá opor-se a qualquer outro, embora Portugal deva manter sempre a humildade.⁹⁹ A partida dos jogadores e a sua chegada a Manchester são também destacadas nos diversos jornais. O *Diário da Manhã* refere a “afectuosa despedida”¹⁰⁰ feita no aeroporto, enquanto *A Bola* diz que a equipa recebeu um apoio nunca antes visto e que todos

⁹⁶ Coelho, João Nuno (2001), *Portugal: A equipa de todos nós: Nacionalismo, futebol e media, a reprodução da nação nos jornais desportivos*, Porto, Afrontamento, pp.112-125

⁹⁷ S/a, “O Chefe do Estado e o Ministro da Educação Nacional receberam ontem os dirigentes e jogadores da equipa representativa do País, que amanhã seguem para Inglaterra” *Diário de Notícias*, 7 de Julho de 1966, pp.13

⁹⁸ S/a, “A equipa nacional de futebol segue hoje tranquila e confiada”, *Diário de Notícias*, 8 de Julho de 1966, pp.12

⁹⁹ Vítor Santos, “Road to Manchester”, *A Bola*, 7 de Julho de 1966, pp.9

¹⁰⁰ S/a, “Partiu para Inglaterra a selecção nacional de futebol”, *Diário da Manhã*, 9 de Julho de 1966, pp.7

os portugueses torciam agora apenas pelo clube de Portugal,¹⁰¹ algo também referido no jornal *Record*, onde Artur Agostinho afirma que os lusos iriam torcer pelo “grande e verdadeiro clube chamado Portugal”¹⁰², num óbvio apelo aos leitores para abandonarem os clubismos e se unirem todos em torno da seleção nacional.

O mundial teve início no dia 11 de Julho, com um empate a zero entre a Inglaterra, país organizador, e o Uruguai. Na cerimónia inaugural da competição, o representante e porta-estandarte da bandeira de Portugal era um rapaz africano, algo destacado por alguns jornais. No entanto, nenhum deles dava um significado político ao acontecimento. Todavia, o simples facto de o destacarem mostra que não foi ocasional a sua escolha, embora, para o jornal *A Bola*, isso não passasse de uma maneira de homenagear Eusébio.¹⁰³ Já para *O Século*, essa homenagem estendia-se a todos os jogadores ultramarinos portugueses.¹⁰⁴ Portugal apenas jogaria dia 13, com os jornais a aproveitarem para fazerem várias previsões ao jogo. O *Diário de Lisboa* dá destaque ao grande entusiasmo que o mundial gerava nos portugueses, não só por ser a primeira vez que a equipa portuguesa participava na prova, mas também pelo facto de todos os jogos da seleção nacional serem transmitidos pela televisão.¹⁰⁵ O *Mundo Desportivo* afirmava ser a hora mais bela do futebol português,¹⁰⁶ enquanto o *Diário de Luanda* e o *Notícias da Tarde* sublinhavam o apoio de Angola e Moçambique, respetivamente, á equipa portuguesa. Por sua vez, o *Diário de Notícias*, destaca um telegrama proveniente dos combatentes em Angola, no qual estes desejavam aos jogadores uma boa campanha no mundial. Segundo o jornal, estes ficaram muito emocionados.¹⁰⁷

Finalmente, no já referido dia 13 de Julho, Portugal estreia-se no mundial frente à Hungria, vencendo o jogo por 3-1. As análises ao jogo dos diversos jornais são muito semelhantes. Os jornalistas afirmam que Portugal fez um jogo convincente, talvez um pouco abaixo do seu nível, mas suficiente para ganhar, embora contando com alguma sorte. Ao

¹⁰¹ Vítor Santos e Carlos Pinhão, “Meridiano de Manchester – Meridiano de esperança”, *A Bola*, 9 de Julho de 1966, pp.1

¹⁰² Artur Agostinho, “Vai começar a grande aventura”, *Record*, 9 de Julho de 1966, pp.11

¹⁰³ Carlos Pinhão, “Honras de rainha para o desporto-rei”, *A Bola*, 14 de Julho de 1966, pp.12

¹⁰⁴ Francisco Mata, “Uma homenagem aos nossos bons jogadores do Ultramar”, *O Século*, pp.7

¹⁰⁵ Carlos Camilo, “Lisboa viu, sentiu e «gozou» o início do «Mundial»”, *Diário de Lisboa*, 12 de Julho de 1966, pp.25

¹⁰⁶ Couto e Santos, “Na hora mais bela do futebol português”, *Mundo Desportivo*, 11 de Julho de 1966, pp.5

¹⁰⁷ Manuel Mota, “Militares a combaterem em Angola pela soberania de Portugal saúdam a equipa e pedem-lhe uma boa classificação”, *Diário de Notícias*, 12 Julho de 1966, pp.7

mesmo tempo, os jornais ingleses atribuem as causas da derrota húngara aos erros do seu guarda-redes e à falta de eficácia dos seus avançados, não dando grande ênfase à exibição portuguesa. Em termos de público, a opinião dominante na imprensa portuguesa é que houve uma maior falange de adeptos húngaros, embora os adeptos ingleses apoiassem as duas equipas de forma imparcial. O jornal *Record* assinala também a dureza dos jogadores húngaros, em contraste com o desportivismo português¹⁰⁸, algo que será uma constante ao longo de toda a competição. Em Lisboa, a esmagadora maioria dos portugueses juntou-se nos locais onde existisse uma televisão para acompanharem o jogo, tendo saído à rua em grande festa após a vitória portuguesa.¹⁰⁹ O mesmo se verificou nos territórios coloniais, com as pessoas a saírem à rua a festejar a vitória portuguesa e as boas prestações dos jogadores ultramarinos¹¹⁰, sendo que, de acordo com a imprensa, o jogo foi seguido com a “maior atenção e entusiástico patriotismo”.¹¹¹

O segundo jogo de Portugal foi contra a Bulgária, no dia 16 de Julho. Este terminou com a vitória portuguesa por 3-0. Ao contrário do primeiro jogo, a exibição portuguesa foi elogiada por todos os jornalistas e a vitória foi considerada justa. Ao mesmo tempo, o optimismo é cada vez mais visível entre os portugueses. O melhor exemplo disso será a capa do *Record* de 19 de Julho onde é possível ver uma foto com os jogadores portugueses a saudar o público, com a seguinte legenda: “Salvé público de Inglaterra! Os que vão vencer te saúdam.”¹¹² Por sua vez, *A Bola* volta a destacar a singularidade do futebol português, ou seja, o futebol “latino-europeu-africano”, como a causa da vitória.¹¹³ É também por esta altura que se começa a notar mais uma tendência que se irá verificar até ao fim do mundial, nomeadamente uma espécie de ideia de “contra tudo e contra todos” seguida pela maior parte dos jornais analisados. Segundo o *Diário de Lisboa*, a maior parte dos ingleses apoiava os búlgaros, apenas tendo aplaudido os portugueses já perto do fim do jogo. Também os jornalistas internacionais davam os parabéns aos lusitanos, mas apenas de maneira tímida e quase

¹⁰⁸ Artur Agostinho, “Portugal – Hungria”, *Record*, 16 de Julho de 1966, pp.11

¹⁰⁹ S/a, “Lisboa deserta. O povo «esteve» em Manchester”, *Diário de Notícias*, 14 de Julho de 1966, pp.9

¹¹⁰ ANI, “A vitória de Portugal sobre a equipa da Hungria foi vivamente festejada no Ultramar”, *O Século*, 15 de Julho de 1966, pp.9

¹¹¹ S/a, “Portugal 3 – Hungria 1”, *O Namibe*, 16 de Julho de 1966, pp.1

¹¹² Artur Agostinho, “Frente a um Brasil «desesperado» Portugal «joga» a classificação”, *Record*, 19 de Julho de 1966, pp.1

¹¹³ Vítor Santos, “Uma «Académica de gala»... Encarnada e verde”, *A Bola*, 18 Julho de 1966, pp.6

forçada, pois esperavam que estes perdessem o jogo.¹¹⁴ O *Diário de Luanda* leva mais longe essas acusações, insinuando que o apoio dos ingleses aos búlgaros se devia a um desejo destes em quererem agradar aos países de leste, além de preferirem um adversário mais fraco que a equipa portuguesa.¹¹⁵ Já o *Diário de Notícias* prefere destacar o apoio dos cerca de dois mil portugueses que assistiram ao encontro no estádio de Old Trafford e o orgulho e honra que sentiram ao ver o jogo.¹¹⁶ Seja como for, a exibição portuguesa já é mais elogiada pelos jornais ingleses. Ao mesmo tempo, é noticiado na imprensa nacional a chegada de telegramas de todo o mundo à delegação portuguesa em Inglaterra, dando os parabéns pelas exibições portuguesas até ao momento. Tal como no primeiro jogo, em Portugal acompanhou-se intensamente a partida.

O terceiro encontro seria contra o Brasil. Frente a frente iriam estar as duas surpresas do mundial, Portugal pela positiva, Brasil pela negativa. A equipa portuguesa apenas precisava de um empate para seguir em frente no grupo, enquanto os brasileiros precisavam de ganhar com, pelo menos, dois golos de vantagem. A antevisão do jogo assinalava o respeito mútuo entre os países e o clima de fraternidade entre estes, com a maior parte dos jornais a afirmarem que preferiam que o jogo fosse disputado noutras circunstâncias, onde ambas as equipas pudessem passar para a fase seguinte. O jornalista Francisco Mata afirmava que, mesmo na improvável eventualidade de Portugal ser eliminado, os jogadores portugueses já tinham dado muitas alegrias e entusiasmos a Portugal, além de, através do seu jogo limpo, terem conquistado as simpatias e admiração de milhões de pessoas, estando a “fazer uma propaganda doida de Portugal”.¹¹⁷ O jogo teve lugar a 19 de Julho e terminou com a vitória portuguesa por 3-1. Este resultado e a correspondente exibição fizeram disparar o entusiasmo com a prestação portuguesa, tendo quase todos os jornais dedicado algum espaço na primeira página à vitória da equipa nacional. Todos são unânimes em considerar a vitória de Portugal como inequívoca e dizem que, contra todos os prognósticos, Portugal se superiorizou claramente ao Brasil. Elogiam também o desportivismo com que foi disputado o jogo. Ao mesmo tempo, esta vitória demonstrava a evolução do futebol português, que deixou de ser um alvo fácil e era agora cotado como um dos melhores do mundo. O *Diário de Lisboa* chama à vitória portuguesa o “Grito de Liverpool”, afirmando tratar-se do momento da

¹¹⁴ Fernando Soromenho, “Serenidade na alegria”, *Diário de Lisboa*, 17 de Julho de 1966, pp.15

¹¹⁵ S/a, “Portugal, 3 – Bulgária, 0”, *Diário de Luanda*, 16 de Julho de 1966, pp.1,16

¹¹⁶ Alberto de Freitas, “Segunda vitória de Portugal”, *Diário de Notícias*, 17 de Julho de 1966, pp.8

¹¹⁷ Francisco Mata, “Os portugueses poderão ditar a tática que melhor entenderem no jogo de hoje contra o Brasil”, *O Século*, 19 de Julho de 1966, pp.5

independência do futebol português e o fim do espírito derrotista que acompanhava a seleção nacional, além de terminar com o sentimento de inferioridade em relação ao futebol brasileiro.¹¹⁸ Volta também a destacar a hostilidade do público inglês que preferiu apoiar os brasileiros em vez de Portugal. Já o *Diário de Notícias* chamou-lhe “a grande hora do futebol português”.¹¹⁹ Por outro lado, *A Bola* é especialmente vigorosa na análise ao jogo. Diz tratar-se de uma vingança contra os brasileiros, que há anos gozavam com o futebol português, afirmando que os lusitanos jogavam com uma bola quadrada.¹²⁰ Ao mesmo tempo, era também uma resposta às afirmações do treinador brasileiro, Gentil Cardozo, que tinha afirmado que Portugal não tinha as condições biológicas e morfológicas para vencer. Carlos Pinhão afirma que Portugal apenas precisava de entrar no profissionalismo para vencer qualquer equipa internacional, destacando, em simultâneo, a importância das colónias, declarando que estas trouxeram incontáveis vantagens ao futebol português, incluindo os jogadores com as referidas capacidades morfológicas para o futebol, sendo que alguns dos atletas mais destacados da seleção (como Eusébio, Coluna, Vicente ou Hilário) provinham, justamente, dos territórios ultramarinos¹²¹. Já Vítor Santos assinala o declínio do futebol brasileiro e a ascensão do futebol português, que apelida de “futebol total”.¹²² Após a partida, também os elogios internacionais chegam à seleção, com jornalistas de vários pontos do mundo a elogiarem a equipa portuguesa e o seu futebol dando, ao mesmo tempo, um grande destaque à surpreendente eliminação precoce do Brasil. Simultaneamente, Portugal passa a ser o principal favorito das bolsas de apostas. A delegação portuguesa recebe milhares de telegramas, provenientes de todos os pontos do mundo, segundo o noticiado pela imprensa nacional. Um pouco por todo o país, os adeptos festejaram a vitória com grande alegria, sendo possível ver grandes multidões em muitas localidades. Segundo o *Diário de Notícias*, pessoas faltaram ao trabalho para ver o jogo e até aqueles que não gostavam de futebol assistiram emocionados à partida.¹²³ De acordo com os relatos do *Diário de Luanda* e o *Notícias da Tarde*, nos territórios coloniais a situação era semelhante, com estes jornais a relatarem o entusiasmo e euforia da população em Luanda e Lourenço Marques, respetivamente. Nos dias

¹¹⁸ S/a, “O Grito de Liverpool”, *Diário de Lisboa*, 20 de Julho de 1966, pp.1

¹¹⁹ Alberto de Freitas, “A grande hora do futebol português” *Diário de Notícias*, 20 de Julho de 1966, pp.1

¹²⁰ Carlos Pinhão, “A terrível vingança da «bola quadrada»”, *A Bola*, 21 Julho de 1966, pp.1

¹²¹ Carlos Pinhão, “Que equipa de Portugal”, *A Bola*, 21 Julho de 1966, pp.6

¹²² Vítor Santos, “Portugueses – Futebol total”, *A Bola*, 21 Julho de 1966, pp.7

¹²³ ANI, “Durante hora e meia, todo o país interrompeu a sua vida normal para viver o grande jogo com o Brasil”, *Diário de Notícias*, 20 de Julho de 1966, pp.10

seguintes, a cobertura nacional e internacional do mundial foca-se na equipa portuguesa, com os jogadores a receberem incontáveis elogios e uma maior cobertura mediática de jornalistas de vários países. Os “magriços” passam de desconhecidos a estrelas internacionais. A popularidade dos jogadores atinge níveis muito elevados, principalmente entre os adeptos ingleses, de tal forma que a Casa de Portugal em Londres organizou uma campanha especial de propaganda inspirada pelos sucessos da equipa, como forma de tentar atrair mais turistas a Portugal.¹²⁴ Eusébio merece um destaque especial por parte dos jornalistas e adeptos. É ele a grande figura da equipa portuguesa e os jornais nacionais e internacionais dão-lhe grande destaque, com a maior parte dos jornalistas a considerá-lo um dos melhores jogadores da competição.

Após o término da fase de grupos, fica definido o adversário de Portugal nos quartos-de-final. O seu opositor seria a outra equipa sensação da prova, a Coreia do Norte. Apesar do teórico favoritismo, os jornalistas portugueses alertam para um possível excesso de otimismo, avisando que os asiáticos são uma equipa misteriosa, da qual pouco ou nada se conhece, e perigosa, não podendo ser subestimada. *A Bola* refere ainda que os portugueses são o único representante do futebol “latino-europeu”¹²⁵, estando a defender a sua honra e voltando a associar o sucesso da equipa portuguesa ao seu tipo de futebol “europeu-latino-africano”.¹²⁶ Destacam também algumas dificuldades no local de estágio dos portugueses, como campos ocupados e caldeiras rebentadas, insinuando que estas se trataram de manobras desleais por parte dos ingleses, devido ao seu receio da equipa portuguesa. O jogo é disputado a 23 de Julho, com a vitória portuguesa por 5-3, após ter recuperado de uma desvantagem de três golos. Esta vitória, e a forma como foi alcançada, merecem um amplo destaque nos jornais nacionais. A capacidade de reação da equipa portuguesa é fortemente elogiada. Como habitualmente, *A Bola* é o jornal com o discurso mais efusivo, dando um grande destaque à vitória portuguesa frente aos “diabinhos amarelos” da Coreia do Norte. Volta, mais uma vez, a destacar o estilo de futebol “europeu-latino-africano” e elogia a mentalidade, coragem, modéstia e desportivismo dos portugueses. Afirma também que a seleção portuguesa era agora a coqueluche do momento em todo o mundo português.¹²⁷ Ao mesmo tempo, crítica

¹²⁴ ANI, “As vitórias de Portugal ajudam a propaganda turística da casa de Portugal em Londres”, *Diário de Notícias*, 23 de Julho de 1966, pp.9

¹²⁵ Vítor Santos, “Eram setenta e um – estão oito”, *A Bola*, 23 de Julho de 1966, pp. 5

¹²⁶ Vítor Santos, “E o jogo com o Brasil disse...” *A Bola*, 23 de Julho de 1966, pp. 6

¹²⁷ Vítor Santos, “Portugal nas meias-finais do campeonato do mundo”, *A Bola*, 25 de Julho de 1966, pp.1,6

violentamente o público inglês, que acusa de assobiar os jogadores portugueses durante o jogo inteiro, o que leva Vítor Santos a utilizar palavras proferidas por Oliveira Salazar a propósito do momento político internacional, afirmando que “também no futebol estamos sós, orgulhosamente sós, em terra inglesa”, insinuando ainda haver razões políticas para os assobios.¹²⁸ Essa ideia é corroborada pelo *Diário de Lisboa* que considera o comportamento do público inglês como vergonhoso e inaceitável, asseverando que os jogadores portugueses venceram não só o jogo, como também o público inglês.¹²⁹ Os restantes jornais criticaram o apoio efusivo¹³⁰ e descarado¹³¹ dos ingleses aos norte-coreanos. Após o jogo, continuam os elogios à equipa portuguesa, não só nacionais como internacionais. O *Diário da Manhã* considera a vitória não só uma lição de futebol, como também uma lição de vida, pois demonstra que quem continua a lutar perante as adversidades e não perde o ânimo, acabará por sair vitorioso. Refere ainda que todos os portugueses, independentemente da idade, género ou proveniência, vibraram com o triunfo dos onze jogadores “bem representativos na variedade de raças da unidade de alma deste povo.”¹³² Em Luanda e Lourenço Marques também se verificaram grandes festejos, tal como em Liverpool, com os portugueses a festejarem durante “horas extraordinárias de fervor patriótico”.¹³³ Em simultâneo, a imprensa portuguesa refere que chegam aos jogadores telegramas de todo o Portugal e do Ultramar a felicitá-los pela campanha. Recebem também a notícia de que irão receber a Taça de Turismo 66, que premeia o agrupamento desportivo que mais prestigia o nome de Portugal no estrangeiro.¹³⁴ Internacionalmente, os elogios à equipa portuguesa e, em especial, a Eusébio são cada vez mais comuns, tendo os portugueses passado do desconhecimento a uma das equipas mais populares do momento, com as bolsas de apostas a considerarem a equipa portuguesa como a principal candidata à vitória.

O jogo seguinte seria contra o anfitrião da competição, a Inglaterra. Nos jornais portugueses são várias as notícias sobre a desconfiança reinante para esse jogo, provocadas, entre outras coisas, pelos jogos de bastidores dos ingleses e pela mudança do local do jogo de

¹²⁸ Vítor Santos, “Uma equipa de Portugal em «dia não»”, *A Bola*, 25 de Julho de 1966, pp.1,4

¹²⁹ Fernando Soromenho, “Incorrecção inqualificável”, *Diário de Lisboa*, 24 de Julho de 1966, pp.23

¹³⁰ Vários, “Os ingleses «torceram» pelos norte-coreanos”, *Diário de Notícias*, 24 de Julho de 1966, pp.8

¹³¹ Artur Agostinho, “Questão de... «Maneiras»”, *Record*, 26 de Julho de 1966, pp.2

¹³² S/a, “Uma lição do futebol”, *Diário da Manhã*, 24 Julho de 1966, pp.1

¹³³ Alfredo Maria Freire, “Portugal – Coreia do Norte”, *Notícias da Tarde*, 25 de Julho de 1966, pp.9

¹³⁴ S/a, “A taça Turismo 66 para a selecção”, *Diário da Manhã*, 24 de Julho de 1966, pp.8

Liverpool, onde estava inicialmente previsto, para Wembley, onde a seleção inglesa tinha disputado todos os jogos até ao momento. No primeiro caso, temia-se a nomeação de um árbitro extremamente favorável e tendencioso para a equipa da casa. O sucedido no jogo anterior dos ingleses¹³⁵ contribuía para aumentar o receio. São várias as notícias sobre os alegados favores e favoritismos dados à equipa britânica. Quanto à mudança do local, são muitas as queixas portuguesas, que questionam o “fair-play” e desportivismo dos ingleses. A *Bola* noticia que, aquando da partida dos jogadores de Wilmslow, onde estavam alojados, para Londres, grande parte dos locais foi-se despedir deles em lágrimas, agradecendo a sua simpatia e afirmando-se muito tristes pelos portugueses terem de abandonar a localidade.¹³⁶ Ao mesmo tempo, o *Diário de Lisboa* noticiava as palavras do chefe de imprensa de Manchester, que elogiou os jogadores portugueses, afirmando que estes, além de grandes jogadores, eram também muito simpáticos e amáveis.¹³⁷ Esperava-se, portanto, um jogo muito complicado para os portugueses. No *Século* destacava-se a presença de Portugal entre gigantes, não só do futebol, mas também da política mundial e afirmava-se que algo deveria ir mal na velha aliança, pois os ingleses apenas tinham mostrado desprezo pelos portugueses, numa clara tentativa de criar um paralelismo entre a situação do país na política e no futebol internacional.¹³⁸ Já o *Diário de Luanda* destaca a grande campanha da “equipa de todos nós” e diz que os jogadores saberão responder à “fúria inglesa” com “jogo sereno, persistência na luta e com as nobres qualidades que fizeram do português um povo impar no mundo”.¹³⁹

Há que referir ainda a cobertura dada à outra meia-final da competição, entre a República Federal da Alemanha e a União Soviética. Este jogo foi fortemente criticado, tanto nacional

¹³⁵ No jogo dos quartos-de-final, entre Inglaterra e Argentina, o jogador argentino Antonio Rattin foi expulso pelo árbitro, alegadamente por insultos. O jogador argentino ficou indignado e negou-se a sair do campo, tendo de ser escoltado pela polícia. O jogo teria outros casos de violência e terminaria com a vitória inglesa por 1-0. Os argentinos ficaram ofendidos com a FIFA, acusando-a de favorecer os interesses ingleses, algo que seria partilhado pela maioria das restantes equipas sul-americanas. Por seu lado, o treinador inglês apelidou os jogadores argentinos de animais e impediu os seus jogadores de trocarem camisolas com os argentinos. Toda esta polémica, além de reforçar o clima de grande rivalidade entre argentinos e ingleses, viria também a inspirar a adoção do sistema de cartões amarelos e vermelhos no futebol.

¹³⁶ Carlos Pinhão, “A selecção mudou de casa”, *A Bola*, 25 de Julho de 1966, pp.5

¹³⁷ Fernando Soromenho, “Elogio dos portugueses feito por um inglês”, *Diário de Lisboa*, 26 de Julho de 1966, pp.25

¹³⁸ Francisco Mata, *O Século*, “Somos o pigmeu entre os gigantes”, 26 de Julho de 1966, pp.1,7

¹³⁹ F.P., “A Inglaterra, nosso próximo adversário, salienta-se por uma excessiva violência”, *Diário de Luanda*, 24 de Julho de 1966, pp.4

como internacionalmente, pela sua violência e fraco futebol. Os jornais nacionais mais críticos da partida foram o *Diário de Lisboa*, *Mundo Desportivo* e *A Bola*. O primeiro compara o jogo a uma batalha bélica, afirmando que apenas faltaram as baionetas, granadas, morteiros e canhões para a imagem da guerra ficar completa. Diz ainda que não houve mortos, mas que houve alguns feridos. Destaca também o comportamento do público no jogo, ao aplaudir o “futebol bárbaro” que o jornal considerava um insulto ao futebol. Termina dando o exemplo de Portugal como uma equipa que praticava bom futebol e não recorria à violência.¹⁴⁰ No *Mundo Desportivo* compara-se o jogo a uma batalha política, dizendo tratar-se de uma espécie de desforra da batalha de Estalinegrado, afirmando que a meia-final foi o mais violento e o pior jogo da competição, comparando-o assim a uma das mais violentas e mortíferas batalhas da segunda guerra mundial. Ou seja, o jornalista transpõe para o futebol o ódio político e histórico, proveniente da segunda guerra mundial, que as duas nações sentiriam uma pela outra.¹⁴¹ Por sua vez, *A Bola* faz uma violenta crítica ao futebol russo. Diz que os russos não sabem jogar à bola e que o seu futebol é extremamente previsível, de laboratório, sem, por exemplo, a variedade rática portuguesa. Afirma também que o futebol obrigado e em nome do estado não funciona, uma crítica que também já tinha sido feita aos norte-coreanos, devido ao facto de serem ambos países com um regime comunista. Diz também que, por influência do carácter e raça russa, o seu futebol é excessivamente físico e tosco, sem qualquer criatividade. Esta crítica é também feita, de forma mais ligeira, ao futebol alemão, também considerado excessivamente físico e pouco criativo. O jornal termina afirmando que o povo russo “não tem a mínima habilidade rática para o nosso futebol”.¹⁴² Vemos aqui a associação do futebol russo à excessiva organização e falta de criatividade, que o jornalista diz dever-se à “raça russa” que não se sabe adaptar e evoluir, ao contrário da portuguesa, que, através da sua variedade e mistura de “raças”, consegue criar um futebol mais criativo e espetacular, sendo, dessa forma, superior.

A meia-final entre Portugal e Inglaterra tem lugar no dia 26 de Julho e termina com a vitória inglesa por 2-1. Apesar da derrota, a equipa portuguesa recebe inúmeros elogios, tanto nacionais como internacionais. Aplauda-se o futebol praticado pelas duas equipas, sendo este jogo considerado um dos melhores, senão mesmo o melhor do mundial. Outra temática

¹⁴⁰ Fernando Soromenho, “Pobre futebol tão mal tratado foste”, *Diário de Lisboa*, 26 de Julho de 1966, pp.23

¹⁴¹ Couto e Santos, “A batalha de Liverpool foi ganha pela equipa mais guerreira”, *Mundo Desportivo*, 27 de Julho de 1966, pp.4

¹⁴² Vítor Santos, “Russo não é para futebol,” *A Bola*, 28 de Julho de 1966, pp.4

comum é a de reconhecer a excelente campanha portuguesa até ao momento, independentemente da derrota frente aos ingleses, que muitos consideram como injusta. Por fim, a maioria dos jornais portugueses converge também nas críticas ao árbitro, considerando que este foi favorável aos ingleses e que ficou por assinalar, pelo menos, uma grande penalidade clara a favor de Portugal. O *Diário de Lisboa* reconhece a excelente exibição portuguesa, tece algumas críticas ao árbitro e termina afirmando que Portugal entrou receoso dos ingleses e que esse receio foi a principal causa da derrota nacional.¹⁴³ Já *A Bola* não faz qualquer tipo de crítica à arbitragem. A exibição portuguesa é muito elogiada, considerando que os jogadores fizeram uma excelente partida e que obrigaram os ingleses a dar o seu melhor. Diz que se tratou, de longe, do melhor jogo do mundial e considera a vitória inglesa justa, afirmando, no entanto, dever-se também ao cansaço dos jogadores portugueses. Afirma-se ainda que “Portugal salvou o campeonato do mundo”, pois, graças ao grande jogo disputado, reforçou não só o prestígio do país, como também o da própria competição. A partir de agora iria falar-se menos dos escândalos arbitrais e polémicas extradesportivas e mais da excelente exibição futebolística que tinha ocorrido.¹⁴⁴ Também o *Mundo Desportivo* seguia por essa linha, afirmando que a derrota portuguesa se deveu à superioridade física dos ingleses mas que, com a sua exibição, os portugueses conquistaram o público inglês.¹⁴⁵ Esta ideia foi partilhada por alguns jornais ingleses como, por exemplo, o *The Times*, que afirmou que “O desafio contribuiu muito para restaurar a reputação denegrida da competição pois foi sempre disputado com desportivismo”.¹⁴⁶ Por sua vez, o *Diário de Notícias* corrobora a ideia de que Portugal apenas perdeu por fatores extradesportivos e refere que os ingleses ficaram apavorados com o futebol português, ansiando pelo final do jogo.¹⁴⁷ Também nalguns jornais coloniais, o árbitro é acusado de ser favorável aos ingleses, com o *Voz Africana*, de Moçambique, a referir que ficaram dois “penalties” por assinalar.¹⁴⁸ Após o jogo, os jogadores portugueses foram ovacionados pelo público de Wembley, que reconheceu o bom

¹⁴³ Fernando Soromenho, “Derrota do «onze» nacional quando tinha valor para ganhar”, *Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1966, pp.19

¹⁴⁴ Carlos Pinhão, “Portugal salvou o campeonato do mundo”, *A Bola*, 28 de Julho de 1966, pp.1,8

¹⁴⁵ Manuel Mota, “O futebol português «venceu» a arrogância de Wembley”, *Mundo Desportivo*, 27 de Julho de 1966, pp.1

¹⁴⁶ Ferrari Nuno, Delgado, José Manuel (2006), *1966. Portugal no mundo nas imagens de Nuno Ferrari*, Lisboa, A Bola: Público, pp.24

¹⁴⁷ Alberto de Freitas, “A selecção convenceu tudo e todos da sua admirável capacidade”, *Diário de Notícias*, 27 de Julho de 1966, pp.7

¹⁴⁸ S/a, “Portugal eliminado das finais do campeonato do mundo”, *Voz Africana*, 30 de Julho de 1966, pp.14

futebol e desportivismo dos jogadores portugueses. A partida é considerada um exemplo de desportivismo e até os soviéticos dão fortes elogios a ambas as equipas, como se pode ler no jornal *Izvestia*, onde é dito que “O Portugal – Inglaterra foi como uma nascente de água cristalina correndo através da onda de futebol sujo que cobriu grande número de jogos do campeonato”.¹⁴⁹ Os jornais internacionais, generalistas e desportivos, aplaudem a equipa portuguesa, reconhecendo o mérito da sua campanha e o seu bom futebol, além da sua correção e desportivismo. Ao mesmo tempo, uma foto de Eusébio a chorar após o jogo é massivamente difundida a nível mundial. Normalmente vista como um símbolo do esforço e abnegação de toda a equipa portuguesa, em Portugal, esta foto seria analisada de forma diferente, principalmente pelo jornalista Silva Resende, do jornal *A Bola*, que utiliza essa imagem de Eusébio como um exemplo demonstrativo da apregoada união e unicidade do território português. Aliás, Silva Resende viria a fazer um artigo de rescaldo da competição onde respondia de forma inflamada às críticas inglesas ao colonialismo português, como se verá com mais detalhe no capítulo seguinte. De referir ainda que, apesar de todos os elogios britânicos e da mudança de atitude do público, a desconfiança e desagrado por parte dos portugueses permanece. Francisco Mata, do jornal *O Século*, questiona o porquê de só agora os ingleses terem começado a aplaudir o jogo português, dado que nunca tiveram razões para o assobiar. Interroga-se também sobre se os ingleses pensavam que os portugueses eram um povo bárbaro e selvagem. Ao mesmo tempo, defende o estilo de futebol português, que diz ser o mais bonito e excitante de todos, citando depois vários jornalistas de diversos países (Inglaterra, Espanha, França, entre outros) que validavam a sua ideia.¹⁵⁰

Por fim, restava aos portugueses disputarem o jogo pelo terceiro lugar, frente à União Soviética. Na antevisão, os jornais destacavam o facto de, apesar de o jogo não ser muito relevante, uma vitória ser uma maneira brilhante de terminar a competição. Frisam ainda que, perca ou ganhe, nada retirará o brilhantismo da campanha portuguesa. O jogo foi disputado a 28 de Julho de 1966 e terminou com uma vitória portuguesa por 2-1. Nas análises ao jogo, os jornais portugueses são unânimes: todos afirmam que Portugal termina o campeonato em beleza, com uma vitória justa e um mais do que merecido terceiro lugar. Diz-se ainda que, se o jogo tivesse sido disputado mais cedo, com os jogadores portugueses com maior frescura

¹⁴⁹ Ferrari, Nuno, Delgado, José Manuel (2006), *1966. Portugal no mundo nas imagens de Nuno Ferrari*, Lisboa, A Bola: Público, pp.25

¹⁵⁰ Francisco Mata, “Um prémio especial para a selecção portuguesa”, *O Século*, 28 de Julho de 1966, pp.1

física, “os magriços” teriam ganho com maior facilidade. Volta-se a elogiar também o desportivismo e o jogo limpo dos jogadores portugueses, o que pode ser visto no *Record*, onde Artur Agostinho destaca os elogios internacionais à correção portuguesa.¹⁵¹ Ao mesmo tempo, *A Bola* volta a criticar o jogo dos russos, afirmando ser demasiado mecânico e duro. Diz que os portugueses conseguiram, no seu último esforço, abrir a cortina de ferro e acabar a prova num brilhante terceiro posto.¹⁵² O *Diário de Luanda* assinala o facto de Portugal ter derrotado todas as equipas que defrontou vindas do leste da Europa, algo “cujas repercussões não são de desprezar para além do campo desportivo”¹⁵³, numa óbvia referência às relações tensas entre Portugal e o bloco de países da Europa de Leste, alguns dos quais especialmente críticos da política colonial portuguesa, insinuando ainda uma superioridade que não seria apenas desportiva mas também política. Por fim, os vários jornais pedem também uma recepção popular aos jogadores, quando estes chegarem a Lisboa, de acordo com a grandeza do seu feito. Após o jogo, voltaram a verificar-se intensos festejos, não apenas na metrópole, como também nas várias colónias portuguesas. Por sua vez, os jogadores portugueses recebem uma salva de prata entregue pelos ingleses, como um prémio pelo desportivismo e “fair-play” demonstrado ao longo da competição, enquanto a Federação Portuguesa de Futebol recebe uma medalha de mérito desportivo entregue pelo Ministério da Educação.

Análise aos discursos dos jornais

Visto o percurso da equipa portuguesa ao longo do mundial, vou agora tentar analisar e compreender os discursos e temáticas abordadas nos jornais portugueses ao longo da competição. A cobertura dada ao mundial é vasta e ampla, abordando vários assuntos. Todavia, é possível discernir quatro grandes temáticas que são abordadas com uma maior frequência: o estilo de jogar futebol português, a importância dos jogadores oriundos dos territórios coloniais, o desportivismo e correção dos jogadores portugueses e a ideia de que Portugal está no mundial “contra tudo e contra todos”.

No primeiro caso, são vários os jornalistas, nacionais e internacionais, que tentam dissecar o futebol português, analisando os seus pontos fortes e fracos e o que o torna diferente do futebol das restantes seleções. O jornal que mais se debruça sobre esta temática é *A Bola*,

¹⁵¹ Artur Agostinho, “Portugal – Rússia – O último jogo da nossa campanha”, *Record*, 30 de Julho de 1966, pp.4

¹⁵² Vítor Santos, *A Bola*, “O «happy end» em Wembley”, 30 de Julho de 1966, pp.1,4

¹⁵³ S/a, “Portugal em 3º na tabela da classificação depois de vencer a Rússia”, *Diário de Luanda*, 29 de Julho de 1966, pp.1

sendo o que mais se esforça para criar uma imagem de singularidade e excecionalidade do futebol português, ligando-o à tradição colonial portuguesa e aos jogadores provenientes dos territórios ultramarinos. Irei debruçar-me mais detalhadamente sobre este jornal mais à frente. Mesmo que não de forma tão intensa, também os outros jornais tentaram explicar o sucesso da equipa portuguesa pela forma como esta jogava. No *Diário de Lisboa* destaca-se a humildade e valentia dos jogadores portugueses, enquanto no *Diário da Manhã* se elogia o espírito de equipa, a unidade entre os jogadores e a ausência de individualismos. Por sua vez, no *Record*, o jornalista José Amadeu de Freitas diz que, com a boa prestação portuguesa, nasce um novo estilo de futebol, tentando sempre ter a iniciativa do jogo e muito baseado nos passes entre colegas de equipa.¹⁵⁴ Já no jornal *O Século* diz-se que Portugal praticou o futebol mais bonito e excitante de todos¹⁵⁵, enquanto no *Mundo Desportivo*, é a personalidade forte da equipa portuguesa que é muitas vezes destacada, juntamente com a sua humildade, modéstia, versatilidade e companheirismo¹⁵⁶. Como já vimos, o *Diário de Luanda*, na antevisão ao jogo frente aos ingleses, fez também uma referência à tradição colonial portuguesa para explicar o futebol da equipa portuguesa, que, de acordo com o jornal, era baseado nas “nobres qualidades” que fizeram do português um “povo ímpar” no mundo. Dos jornais analisados, terá sido o único, juntamente com *A Bola*, a associar o estilo de jogo português à sua história enquanto povo e potência colonizadora. Tirando estes, as análises ao estilo do jogo português centraram-se mais no âmbito da capacidade desportiva e dos valores pessoais dos jogadores. Também a imprensa internacional se centrava nisso, elogiando o futebol ofensivo de Portugal num torneio onde a maior parte das equipas utilizou táticas extremamente defensivas e, ao mesmo tempo, notando que os jogadores portugueses mantinham a humildade e simpatia, mesmo perante os resultados positivos e o aumento da exposição mediática. São vários os recortes nos jornais nacionais, especialmente no final da competição, onde se reproduzem excertos dos jornais internacionais (sobretudo ingleses) que reconheciam a superior qualidade do jogo dos portugueses. Como tal, parece ser geralmente aceite que Portugal foi, na realidade, uma das, ou até mesmo a equipa que praticou o melhor futebol do torneio.

¹⁵⁴ Amadeu de Freitas, “Uma razão de orgulho”, *Record*, 30 de Julho de 1966, pp.3

¹⁵⁵ Francisco Mata, “Um prémio especial para a selecção portuguesa”, *O Século*, 28 de Julho de 1966, pp.1

¹⁵⁶ Manuel Mota, “Portugal – Sensação da World Cup”, *Mundo Desportivo*, 22 de Julho de 1966, pp.4

Interligando a primeira grande temática analisada (o estilo de jogo português) e a segunda (a importância dos jogadores dos territórios coloniais) estão os jornalistas do jornal *A Bola*, com especial destaque para Vítor Santos. É este que cunha a expressão “estranha maneira euro-latina-africana” para designar o estilo de futebol português e fá-lo ainda antes do mundial ter início. Como já vimos, logo no dia 7 de Julho, ele afirmava que os portugueses eram “os europeus menos europeus do Velho Continente” devido à sua habilidade para recorrer aos jogadores vindos da África Continental e, com isso, tornar o seu jogo mais imprevisível, escapando à excessiva disciplina e rigidez das restantes equipas europeias. Esta ideia seria defendida e expandida ao longo do torneio. Por exemplo, após a vitória frente à Bulgária, Vítor Santos defende que é graças a este estilo muito próprio de jogar que Portugal deve a sua vitória, enquanto após a vitória contra o Brasil, Carlos Pinhão destaca a importância dos jogadores ultramarinos para o aumento da qualidade do futebol português. Apesar de podermos considerar esta afirmação verdadeira, pois alguns dos melhores jogadores da equipa, com destaque para Eusébio, eram provenientes das colónias portuguesas em África, mais nenhum jornal faz uma referência tão direta e tão efusiva a esse facto. Por outro lado, a tese de que isso se deve às suas superiores capacidades morfológicas e biológicas, que se aliam depois ao jogo europeu mais disciplinado, demonstra um discurso baseado em estereótipos em relação aos africanos, mesmo que com a finalidade de os elogiar (a ideia do africano como superior em termos físicos aos europeus, mas inferior em termos intelectuais, ou seja, de organização e disciplina). De referir ainda que, além da defesa inflamada do estilo de jogo português, este jornal era também o que fazia os ataques mais violentos às equipas adversárias, principalmente à Coreia do Norte e União Soviética, o que não estava isento de implicações políticas. Pelo contrário, um dos pontos centrais das críticas era o seu futebol estar totalmente dependente do Estado, o que, para os jornalistas, nunca viria a dar bom resultado. Estas observações tornavam-se numa crítica velada ao regime político existente nesses países, ou seja, o comunismo. Ao mesmo tempo, criticava-se também a excessiva dureza e falta de habilidade dessas equipas, comparando-as ao já referido estilo “europeu-latino-africano”, muito mais técnico, variado e criativo e, como tal, muito superior ao praticado por essas equipas.

O filão ultramarino é também referido por outros jornais ao longo da campanha portuguesa, embora apenas se tenha exposto e defendido com maior destaque já após o término da competição, na fase de rescaldo e análise. Seja como for, ao longo da prova, aparecem, com alguma frequência, referências às colónias portuguesas. Alusões a cartas de

soldados portugueses a combater em Angola, de prendas enviadas dos territórios coloniais e destaques dados aos festejos nos territórios coloniais são muito frequentes, especialmente no *Diário de Notícias* e no *Século*. Por outro lado, quase todos os jornais fazem referência ao rapaz negro que servia como porta-estandarte da bandeira. Apesar de nenhum deles dar qualquer importância política a isso, é evidente que a escolha de um africano para levar a bandeira portuguesa não foi por acaso. De referir ainda que, mesmo nos jornais coloniais, não é dado um especial ênfase às ligações ultramarinas da equipa portuguesa, além do ocasional destaque dado às origens de Eusébio, como se pode ver na análise de *O Namibe* ao Portugal – Brasil, onde este classifica como “fenómeno da Europa” o “Eusébio de Moçambique”.¹⁵⁷

A terceira temática comum às análises ao mundial é o desportivismo e correcção da equipa portuguesa ao longo da prova. Tal como a afirmação de que Portugal praticou o melhor futebol da competição parece ser quase unânime, nacional e internacionalmente, também há um amplo consenso dos jornais nacionais e internacionais em considerarem a equipa portuguesa como a menos violenta e com mais “fair-play”. De facto, Couto e Santos chega a afirmar que Portugal conquistou dois “títulos” admiráveis: o de melhor futebol jogado e o da maior correcção.¹⁵⁸ Esta imagem de desportivismo e correcção torna-se ainda mais reforçada quando, de acordo com a imprensa portuguesa, as restantes equipas e jogos do mundial se caracterizaram por uma grande rudeza e violência, sendo frequentes as críticas ao nível do futebol disputado na competição. Tendo isto em conta, a imagem da equipa portuguesa, sempre correta e sem recorrer a polémicas ou a um tipo de jogo violento, é particularmente valorizada. Destaca-se também a simpatia e humildade dos jogadores portugueses que são muito apreciados em território inglês, sendo que, quando estes abandonaram Wilmslow, os locais despediram-se em lágrimas, expressando uma grande admiração pelos jogadores portugueses, segundo o relato do jornal *A Bola*. Essa apreciação viria a estender-se a toda a Inglaterra e à opinião internacional no término da competição, como demonstra a salva de prata oferecida pelos ingleses para recompensar, precisamente, o desportivismo e correcção da equipa portuguesa ao longo da prova. Como tal, segundo a imprensa, este terá sido o aspeto mais importante para divulgar internacionalmente uma imagem positiva de Portugal e dos portugueses. Foi também a temática mais valorizada nos discursos políticos oficiais, como irei demonstrar no capítulo seguinte.

¹⁵⁷ S/a, “A nossa maior vitória de todos os tempos”, *O Namibe*, 20 de Julho de 1966, pp. 4

¹⁵⁸ Couto e Santos, “Nova vitória, em Wembley”, *Mundo Desportivo*, 29 de Julho de 1966, pp.6

Por fim, a última temática muito abordada pelos jornais portugueses é a ideia de que os portugueses participavam no mundial contra todas as expectativas e sem qualquer apoio, antes pelo contrário, contra pressões e críticas internacionais, principalmente dos ingleses. Ou seja, a ideia de Portugal “contra tudo e contra todos”, uma visão que pode muito bem servir como uma analogia com as guerras coloniais e o alegado isolamento internacional a que Portugal estava sujeito. Esta surge logo após o sorteio de qualificação para o mundial, pois, regra geral, este era feito tendo em conta critérios geográficos, o que não sucedeu no caso português, pois a seleção nacional defrontou as equipas da Checoslováquia, Roménia e Turquia. Para o *Mundo Desportivo*, a FIFA alterou o sorteio para prejudicar Portugal e colocá-lo perante fortes adversários. Diz ainda que o brio e raça dos portugueses lhes permitiu sair vencedores, mesmo contra a vontade dos “patrões” do futebol.¹⁵⁹ Já em Inglaterra, apesar de terem sido bem recebidos, os jornais portugueses queixam-se de alguns jornalistas ingleses, acusando-os de arrogância para com a equipa lusitana. Os jogadores nacionais chegam a ser apelidados de turistas do vinho e do bacalhau, algo que não cai bem aos jornalistas portugueses, que vêm isso como uma falta de respeito para com a equipa. Mais tarde, após a vitória frente à Coreia do Norte, o *Diário de Luanda* lembra essa afirmação e defende que os portugueses provaram que não são “os turistas do bacalhau e do vinho tinto” e que são uma equipa que se deve levar a sério.¹⁶⁰ Por outro lado, ao longo da competição, são inúmeras as queixas em relação ao público inglês, que alegadamente apoiava sempre os adversários portugueses, com o zénite das acusações a surgir após o jogo frente aos norte-coreanos, com o comportamento dos ingleses a ser classificado de inqualificável, vergonhoso e de uma tremenda falta de respeito para com os portugueses, o que leva Vítor Santos a buscar a afirmação de Salazar, “orgulhosamente sós” para descrever a situação da equipa portuguesa no mundial.¹⁶¹ Tal como o discurso original, também a intenção do jornalista seria o de galvanizar os portugueses e aumentar o seu sentimento de nacionalismo, voltando a pegar na ideia do isolacionismo português e da luta contra tudo e contra todos para atingir os seus objetivos. A sua menção de motivos políticos para os assobios, poderá ser uma referência aos jornais britânicos que criticavam o uso de jogadores coloniais por parte de Portugal e, simultaneamente, criticavam também a própria política colonial portuguesa. Isso levaria os

¹⁵⁹ Manuel Mota, “A carreira dos portugueses ao longo dos mundiais”, *Mundo Desportivo*, 8 de Julho de 1966, pp.4

¹⁶⁰ F.P., “A Inglaterra, nosso próximo adversário, salienta-se por uma excessiva violência”, *Diário de Luanda*, 24 de Julho de 1966, pp.4

¹⁶¹ Vítor Santos, “Uma equipa de Portugal em «dia não»”, *A Bola*, 25 de Julho de 1966, pp.1,4

adeptos ingleses a assobiarem a equipa portuguesa, não pelo seu futebol, mas sim pela política colonial. Além desta, há várias interpretações para a atitude dos ingleses. O *Mundo Desportivo*, após o jogo frente ao Brasil, diz que o público inglês torce sempre pelos adversários dos portugueses pois, como todos os públicos, há a tendência para apoiarem a equipa considerada mais fraca. Como tal, o jornalista Couto e Santos afirma que os ingleses reconhecem que Portugal é a melhor equipa, asseverando que a equipa portuguesa não precisa do apoio inglês e recomendando que estes o guardem para a própria equipa de Inglaterra que, pelo demonstrado até ao momento, bem precisava.¹⁶² Além do reconhecimento da equipa portuguesa como um adversário de valor e conseqüente favorecimento a equipas teoricamente mais fracas e que podiam ser um adversário mais fácil para a equipa inglesa, outros jornais oferecem motivos alternativos para a falta de apoio do público inglês, desde motivos políticos, desconhecimento de causa ou ideias erradas em relação aos portugueses, ou até pondo em causa a velha aliança luso-britânica que, quiçá, tivesse passado a ser uma aliança entre ingleses e norte coreanos, como sugeriu Vítor Santos¹⁶³. Os jornais ingleses, apesar da maior parte deles elogiar a equipa portuguesa, principalmente após o jogo frente ao Brasil, são também criticados, pois inicialmente atribuem as vitórias portuguesas ao demérito dos adversários e, mesmo após reconhecerem o valor português, fazem campanhas contra a equipa portuguesa e mostram-se extremamente confiantes (até arrogantes, para os jornalistas portugueses) numa vitória fácil dos ingleses perante Portugal. Por fim, os jornais portugueses divulgam ainda várias dificuldades provocadas pelos ingleses, desde a criação de inúmeros constrangimentos para os jogadores portugueses treinarem até ao rebentamento de caldeiras para desestabilizar e desconcentrar os atletas nacionais. A mudança do jogo da meia-final para Wembley é também fortemente criticada pelos meios de comunicação portuguesa que questionaram a justiça e o muito apregoado “fair-play” inglês. Após esse jogo, o comportamento do público inglês torna-se mais simpático para a equipa portuguesa, que é aplaudida de pé após o jogo e vê o seu valor reconhecido. Para alguns dos jornalistas esse apoio já vem tarde demais e só surge porque Portugal perdeu o jogo, deixando de representar um perigo para a equipa inglesa. Como tal, o sentimento de desconfiança e desagrado em relação à opinião pública inglesa mantém-se, embora dormente. Contudo, algumas atitudes britânicas após o mundial viriam a reativá-lo, como demonstrarei mais à frente.

¹⁶² Couto e Santos, “Manchester Five O’Clock”, *Mundo Desportivo*, 22 de Julho de 1966, pp.5

¹⁶³ Vítor Santos, “Uma equipa de Portugal em «dia não»”, *A Bola*, 25 de Julho de 1966, pp.1,4

CAPÍTULO V: O IMPACTO DO MUNDIAL DE FUTEBOL DE 1966

Como vimos, a participação portuguesa no mundial terminou no dia 28 de Julho de 1966, com a vitória por 2-1 frente à União Soviética no jogo pelo terceiro lugar da competição. Após a partida, o presidente da Federação Portuguesa de Futebol enviou um telegrama, a ser entregue ao Ministro da Defesa Nacional e difundido pela maior parte dos jornais, onde dedicava o sucesso da prestação portuguesa no mundial a todos aqueles que lutavam para manter a soberania portuguesa no ultramar.¹⁶⁴ Em simultâneo, os jogadores portugueses são convidados para assistem à inauguração da ponte Salazar.¹⁶⁵ O primeiro caso deve ser visto como parte do discurso patriótico e de defesa da “raça” e dos territórios portugueses, típico da F.P.F. durante este período. Já o segundo trata-se de uma óbvia tentativa de associar o sucesso e popularidade da equipa portuguesa à inauguração de uma das mais importantes e simbólicas obras do Estado Novo. Dois dias após o último jogo da equipa portuguesa, a prova terminaria com a vitória da Inglaterra sobre a Alemanha por 4-2. A seleção britânica tornou-se assim campeã do mundo. Apesar da controvérsia em relação ao terceiro golo inglês, que levantou muitas dúvidas sobre se a bola entrou, de facto, na baliza dos alemães, os jornais portugueses, no geral, consideram a vitória inglesa justa. Mesmo assim, *A Bola* afirma que Portugal fez falta em Wembley e que seria um finalista mais do que merecido.¹⁶⁶ Independentemente disso, a campanha da equipa portuguesa foi fortemente elogiada nacional e internacionalmente. A delegação portuguesa recebeu telegramas de todos os pontos do mundo, até dos locais mais remotos como Honolulu, Alasca ou Irão.¹⁶⁷ A partida dos jogadores estava marcada para o último dia de Julho, com a chegada ao aeroporto prevista para as 20:05. A partir daí, os jogadores deveriam ir em autocarros abertos até Belém, passando, pelo caminho, por alguns dos locais mais emblemáticos de Lisboa, para serem acarinhados pelo público. Chegados a Belém, os jogadores seriam recebidos e condecorados pelo Presidente da República, Américo Thomaz.¹⁶⁸ Os jornais portugueses pedem uma grande recepção e apoio popular na chegada aos jogadores, como forma de os recompensarem pela excelente prestação na competição.

¹⁶⁴ S/a, “Lembrados os que lutam no Ultramar”, *A Bola*, 31 de Julho de 1966, pp.5

¹⁶⁵ S/a, “Os dirigentes e os jogadores da seleção nacional convidados para a inauguração da ponte sobre o Tejo”, *Diário de Notícias*, 22 de Julho de 1966, pp.10

¹⁶⁶ Vítor Santos, “Acabou a grande festa do futebol”, *A Bola*, 1 de Agosto de 1966, pp. 1,6,9

¹⁶⁷ ANI, “Consagração do futebol português!”, *Diário de Notícias*, 30 de Julho de 1966, pp.8

¹⁶⁸ S/a, “A seleção nacional chega hoje a Lisboa”, *Diário de Lisboa*, 31 de Julho de 1966, pp.20

A chegada dos jogadores a Portugal

No entanto, a situação não correu como o esperado. Uma avaria no avião reteve os jogadores em Londres e estes apenas chegaram já de madrugada, para desânimo de milhares de portugueses. Antes de abandonar Inglaterra, os jogadores, com especial destaque para Eusébio, são de novo lembrados da enorme popularidade que conquistaram. Num banquete oferecido pela FIFA às equipas finalistas, o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, quis conhecer e cumprimentar pessoalmente Eusébio¹⁶⁹. Por sua vez, no aeroporto, o jogador moçambicano é mais uma vez o mais procurado pelos caçadores de autógrafos, além de receber um chapéu britânico oferecido por um sargento de polícia. Os ingleses despediram-se em apoteose dos portugueses.¹⁷⁰ Enquanto isso, em Lisboa, milhares de pessoas esperavam ansiosamente pela chegada dos atletas. O entusiasmo era tanto que, desde muito cedo, alguns portugueses ocuparam o seu lugar no aeroporto, para poderem ver melhor os jogadores. À hora prevista, de acordo com o *Diário de Lisboa*, “Lisboa inteira esperava a selecção” preparando-lhe uma recepção digna da sua campanha.¹⁷¹ Este jornal destaca que esperavam a comitiva pessoas de todos os pontos do país e de todos os clubes, afirmando que, neste dia, apesar das diferenças clubísticas, todos estavam unidos no apoio à equipa portuguesa.¹⁷² Também o *Diário da Manhã* assinala que havia portugueses de todas as classes sociais, géneros e clubes à espera para agradecer a magnífica prestação portuguesa. Abanavam-se inúmeras bandeiras de Portugal.¹⁷³ Já *O Século* lamenta o atraso do avião que trazia os jogadores portugueses, dizendo que “Lisboa, perdeu, sem dúvida, um dos acontecimentos mais espectaculares da sua história”.¹⁷⁴ Junto ao aeroporto, os portugueses esperavam com impaciência. Com os avisos de que a equipa não chegaria antes da uma da madrugada, foram vários os que abandonaram o local. Todavia, alguns milhares de pessoas mantiveram-se à espera. Por volta da meia-noite, é lançada a informação de que o avião deveria aterrar perto das 2:30. Enquanto isso, em pleno voo, os jogadores recebiam telegramas de parabéns por

¹⁶⁹ S/a, “Às 3 horas: Milhares de pessoas aguardaram a selecção no aeroporto”, *Diário de Notícias*, 1 de Agosto de 1966, pp.1

¹⁷⁰ S/a, “A fama de Eusébio – Novo rei do futebol – Domina Inglaterra”, *Diário de Luanda*, 2 de Agosto de 1966, pp.1

¹⁷¹ S/a, “Lisboa inteira esperava a selecção”, *Diário de Notícias*, 1 de Agosto de 1966, pp.7

¹⁷² S/a, “Os jogadores portugueses aclamados pela multidão”, *Diário de Lisboa*, 1 de Agosto de 1966, pp.28

¹⁷³ S/a, “Três da manhã: A multidão espera”, *Diário da Manhã*, 1 de Agosto de 1966, pp.7,8

¹⁷⁴ S/a, “Decepção. A nossa selecção ficou retida em Londres e Lisboa não pôde tributar-lhe a recepção apoteótica que lhe reservava”, *O Século*, 1 de Agosto de 1966, pp.1

parte da T.A.P. e do general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, que afirmava que Lisboa esperava entusiasticamente por aqueles “que, de forma exemplar, dignificaram Portugal e o seu Desporto”, agradecendo também os “altos serviços prestados á nossa Pátria”.¹⁷⁵ Finalmente, às 3:00, o avião aterra no aeroporto da Portela e os jogadores são recebidos com um enorme entusiasmo pelos milhares de portugueses que se mantiveram no local à sua espera. Todos os jornais nacionais dão grande destaque à receção e descrevem-na como apoteótica. O público aplaudia entusiasticamente, à medida que cantavam o hino nacional. Como pedido pelos meios de comunicação, os portugueses estavam a oferecer a merecida recompensa aos jogadores lusitanos pelo seu “notabilíssimo serviço prestado ao Desporto do País”.¹⁷⁶ O *Diário de Notícias* descreve a chegada dos jogadores como uma “maravilhosa manifestação desportiva e, simultaneamente, patriótica”, ao mesmo tempo que destacava o entusiasmo de todos os presentes.¹⁷⁷ Também o *Diário de Luanda* assinalava o duplo valor da cerimónia, tanto desportivo como patriótico.¹⁷⁸

Devido ao atraso na chegada dos jogadores, o desfile pelas ruas de Lisboa e conseqüente receção oficial junto do Presidente da República foi adiada para as 18:00 horas de 1 de Agosto. Este foi o momento alto de todas as celebrações e atos oficiais para reconhecer o sucesso da prestação portuguesa. O desfile é amplamente noticiado por todos os jornais de forma entusiástica. Milhares de pessoas aplaudiram os jogadores ao longo do percurso por Lisboa, naquela que terá sido a maior consagração popular feita até então a uma equipa desportiva. Segundo o *Record* esta teve “uma tal amplitude e grandiosidade como jamais se fez em Lisboa a qualquer equipa de futebol”.¹⁷⁹ Já para o *Diário de Notícias* era claro que “nunca uma embaixada desportiva teve no seu regresso à Pátria, após participação vitoriosa ou pelo menos digna no estrangeiro, receção mais calorosa e vibrante do que a dispensada aos jogadores que disputaram o Campeonato do Mundo de futebol, em Inglaterra”.¹⁸⁰ O mesmo jornal afirma que após ter sido aplaudida por milhares de ingleses e milhões de pessoas por todo o mundo e de ter sido consagrada na mais importante prova de futebol do mundo, “a equipa nacional teve ontem a maior e a mais justa e por certo a mais cara das

¹⁷⁵ S/a, “Telegramas para bordo do avião”, *Diário de Notícias*, 1 de Agosto de 1966, pp.7

¹⁷⁶ S/a, “Os jogadores chegaram às três da madrugada”, *Diário de Notícias*, 1 de Agosto de 1966, pp.7

¹⁷⁷ *Ibidem*

¹⁷⁸ L., “Mesmo às 3 da manhã milhares de pessoas aclamaram a selecção e cantaram a «Portuguesa»”, *Diário de Luanda*, 1 de Agosto de 1966, pp.12

¹⁷⁹ S/a, “Regressaram os melhores do «mundial»”, *Record*, 2 de Agosto de 1966, pp.15

¹⁸⁰ S/a, “Lisboa em festa”, *Diário de Notícias*, 2 de Agosto de 1966, pp.7

recompensas – a do aplauso do seu público e a consagração prestada pelo Chefe de Estado, ao condecorar os seus elementos”.¹⁸¹ Nota-se assim uma defesa nacionalista do valor e importância dos portugueses, cujo apoio à equipa nacional era, para o jornal, mais importante e valioso do que todos os elogios internacionais recebidos durante a prova. Esse apoio, sincero e espontâneo, seria assim uma homenagem mais do que merecida para “quem tanto prestigiou não só o futebol português como o próprio País” e que “através do mais popular dos desportos exaltou as virtudes da raça lusa e fez aplaudir e respeitar o nome de Portugal.”¹⁸²

O desfile começou perto do parque Eduardo VII, descendo depois a Avenida da Liberdade, passando na Baixa lisboeta e terminando em Belém. Pelo caminho, os jogadores foram sempre aplaudidos por milhares de portugueses, que abanavam bandeiras de Portugal e gritavam pelos nomes dos seus ídolos, com o auge a ocorrer no Rossio, que juntou tantas pessoas que o cortejo foi obrigado a alterar o seu percurso. No jornal *A Bola* escreve-se que Eusébio foi o jogador mais procurado e assediado pelos portugueses, chegando a parar o trânsito no Chiado.¹⁸³ Por fim, os jogadores chegaram a Belém, onde foram recebidos por nova apoteose popular. São destacados quatro meninos da Casa Pia, incluindo, de acordo com o *Diário de Notícias*, um “negrinho” de Cabo Verde que ofereceu um ramo de flores a Eusébio.¹⁸⁴ A consagração é descrita pelo jornal *O Século* como uma ocorrência de “vibrante patriotismo”, e sempre num ambiente de carinho, aclamação, alegria e felicidade.¹⁸⁵ Por sua vez, o *Diário Popular* afirma que a manifestação de apoio dada aos jogadores portugueses foi tão memorável como a campanha da equipa no mundial, com a cidade de Lisboa inteira a aplaudir os atletas lusitanos numa “apoteose gigantesca e delirante”.¹⁸⁶ Com a chegada a Belém, o desfile termina com a receção aos jogadores por parte de Américo Thomaz. Após o

¹⁸¹ S/a, “Depois da glorificação nos estádios a glorificação da apoteose popular”, *Diário de Notícias*, 2 de Agosto de 1966, pp.1

¹⁸² S/a, “Lisboa em festa”, *Diário de Notícias*, 2 de Agosto de 1966, pp.7

¹⁸³ Vítor Santos, “Eusébio fez parar o trânsito do Chiado”, *A Bola*, 4 de Agosto de 1966, pp.10

¹⁸⁴ S/a, “Belém: Apoteose final”, *Diário de Notícias*, 2 de Agosto de 1966, pp.7

¹⁸⁵ S/a, “Eles mereceram: A selecção nacional voltou a ser aclamada”, *O Século*, 2 de Agosto de 1966, pp.1

¹⁸⁶ S/a, “Lisboa envolveu em autentica apoteose a equipa de todos nós”, *Diário Popular*, 2 de Agosto de 1966, pp.12 apud Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) pp.111-112

encontro com o Presidente da República, os jogadores são novamente muito aplaudidos e apoiados pelos portugueses, terminando assim as celebrações do dia.

Analisando os discursos dos jornais, vemos que eles são muito semelhantes. Todos dão um grande destaque à recepção feita aos jogadores e conseqüente desfile pela cidade de Lisboa, assinalando o grande entusiasmo e patriotismo de todas essas celebrações. Afirmam também tratar-se da maior celebração desportiva alguma vez feita em Portugal. Tudo isso não é de estranhar, pois, aliando a enorme popularidade do futebol no país à meritória campanha na mais importante competição futebolística do mundo, ainda para mais na sua estreia, algo desta dimensão seria expectável. Foi também o primeiro grande sucesso alcançado pela equipa de futebol nacional numa importante competição internacional, o que serviu para unir todos os portugueses numa celebração ainda maior do que as feitas após as vitórias europeias de Benfica e Sporting, contribuindo para o carácter e dimensão única destes festejos, pelo menos na cidade de Lisboa. É difícil de analisar quantas pessoas se deslocaram das outras cidades portuguesas para Lisboa para verem a chegada dos jogadores, pois não existe muita informação sobre isso na imprensa nacional. Em todo o caso, o cenário de “orquestração” ou manipulação dos festejos por parte do poder político é pouco provável, dadas as razões acima referidas, principalmente o conhecido entusiasmo dos portugueses para com o futebol. Como tal, o carácter das celebrações deverá ter sido espontâneo e sem grande influência política.

O impacto político do mundial

Com o êxito da equipa portuguesa e boa imagem deixada em território inglês e no resto do mundo, o Estado Novo não poderia deixar de receber e reconhecer os responsáveis por esses feitos. Como já referi, o primeiro a fazê-lo foi Américo Thomaz, que recebeu os jogadores em Belém após o desfile destes pelas ruas de Lisboa. O *Diário de Notícias* diz que foi uma cerimónia “simples mas emocionante”¹⁸⁷, com o Presidente da República a trocar palavras com todos os jogadores. A acompanhar a equipa nacional estava toda a comitiva da Federação Portuguesa de Futebol, incluindo o seu presidente, Justino Pinheiro Machado, que foi o primeiro a discursar. Agradeceu a alta honra concedida e dedicou o troféu a todos os portugueses, incluindo aqueles que lutavam no Ultramar: “Estamos perante V. Ex^a, senhor Presidente, para entregar nas suas mãos o prémio conquistado em Inglaterra. Entregando-o nas suas mãos, depositamo-lo nas de todo o povo português, especialmente nas dos que, nas nossas províncias de África, se batem pela integridade e honra da Pátria.” Continua depois o

¹⁸⁷ S/a, “Na hora mais alta do futebol português”, *Diário de Notícias*, 2 de Agosto de 1966, pp.7

discurso afirmando que, devido às contingências do futebol, Portugal não se pôde sagrar campeão do mundo mas que se orgulhava de poder dizer que em correção, desportivismo e valor tinham sido os vencedores. Destacou ainda o “portuguesismo” dos jogadores, dizendo que foi graças a este que os jogadores conseguiram dar a volta no jogo frente à Coreia do Norte e que foi também devido a esse “portuguesismo” que conseguiram transformar a hostilidade do público inglês em aplausos e obter o reconhecimento de todos os especialistas internacionais, até de equipas derrotadas pela própria seleção portuguesa, como o caso da União Soviética.¹⁸⁸

É preciso frisar que a F.P.F. parece ser um dos órgãos que mais segue o discurso oficial do governo em todas as suas intervenções, apesar de já não ser controlada diretamente pelo Estado Novo desde 1951. Ainda antes da partida dos jogadores para o mundial, os seus responsáveis elogiavam o valor da “raça portuguesa” e garantiam que os jogadores de tudo fariam para homenagear o bom nome do país. Após o jogo com a União Soviética difundiram o já referido telegrama oficial, sendo que, uns dias mais tarde, divulgaram uma nota oficial onde congratulavam todos os jogadores e membros da comitiva portuguesa, assinalando também o agradecimento das forças armadas pela brilhante prestação da equipa no mundial.¹⁸⁹ Também o discurso feito na receção é politizado, voltando a destacar os soldados que combatiam no Ultramar, ao mesmo tempo que reconhecia o chamado “portuguesismo”, ou seja, aquelas que seriam as características e virtudes próprias da “raça” lusitana, como causa do sucesso na competição. As relações entre a F.P.F. e o Estado Novo são um assunto a merecer uma investigação mais aprofundada que, porém, não se realizou no âmbito deste trabalho, uma vez que a informação ainda é escassa e a própria federação não tem um arquivo aberto ao público que permita aprofundar a pesquisa sobre o assunto.

Américo Thomaz discursou de seguida, começando por agradecer aos jogadores o seu esforço e mérito na obtenção do terceiro lugar na prova. Relembrou as suas palavras à partida dos jogadores para Inglaterra, dizendo que a confiança que ele tinha nos jogadores portugueses não era infundada: “verificou-se que eu tinha razão em confiar no valor e na bravura dos nossos jogadores, desde que a sorte não os desprotegesse”.¹⁹⁰ Prosseguiu o discurso lembrando os jogos disputados pela equipa portuguesa e elogiando a sua prestação

¹⁸⁸ Ibidem

¹⁸⁹ S/a, “A federação grata a quantos colaboraram na campanha de Inglaterra”, *A Bola*, 8 de Agosto de 1966, pp.10

¹⁹⁰ S/a, “Na hora mais alta do futebol português”, *Diário de Notícias*, 2 de Agosto de 1966, pp.7

ao longo dessas partidas, destacando especialmente o desportivismo dos jogadores: “Portugal salvou o campeonato pelo seu desportivismo e pelo imprevisto das suas jogadas”. Seguidamente, referiu-se ao jogo frente à Inglaterra, dizendo que estes tiveram todas as vantagens e defendendo a ideia de que “Se o «Mundial» tivesse sido disputado em Portugal teríamos sido os campeões”.¹⁹¹ Ao mesmo tempo, e apesar de todas as vantagens que a equipa inglesa tinha, o Presidente afirmou que Portugal teria sido um justo vencedor e que ninguém ficou convencido da superioridade inglesa: “Mas se então fomos vencidos, ninguém ficou convencido, nem talvez os próprios jogadores adversários”.¹⁹² Já perto do fim do discurso, Américo Thomaz refere ainda a hostilidade do público britânico, para ele incompreensível:

“Tudo isto vai passar. O Campeonato do Mundo e os seus sucessos. Mas fica o vosso esforço: permanece o vosso desportivismo. Portugal foi falado durante esses dias da melhor maneira, depois de a sua equipa nacional ter conseguido derrubar a incompreensível hostilidade do público. Hostilidade que não se percebe perante a correção e valor de que destes provas e pelas quais o público se deveria ter comportado gentilmente. Só o foi depois da vossa vitória sobre a Coreia e após o encontro com a Inglaterra, mas então, porque a Inglaterra ganhou...”¹⁹³

A ideia de ter dado uma imagem positiva do país e o exemplo de desportivismo dado pelos portugueses são frisados e especialmente destacados ao longo do discurso: “Portugal foi falado, muito falado e da melhor maneira. Por isso as minhas melhores felicitações para o vosso brio e desportivismo”.¹⁹⁴ O Presidente da República concluiu o seu discurso afirmando que a condecoração aos jogadores era justa e merecida e lembrou que esta condecoração era apenas oferecida àqueles que, no estrangeiro, honrassem o nome de Portugal, algo que tinha sido feito com distinção pela equipa nacional: “É com todo o prazer que vo-la entrego e é, por certo, com prazer que a receberéis, na certeza de que fosteis dignos dos Portugueses do tempo do Infante D. Henrique.”¹⁹⁵ Após o discurso, condecorou individualmente os jogadores e responsáveis técnicos, falando com todos eles no processo.

¹⁹¹ S/a, “Os jogadores portugueses foram recebidos e condecorados pelo Chefe do Estado”, *Diário de Lisboa*, 2 de Agosto de 1966, pp. 21

¹⁹² S/a, “Na hora mais alta do futebol português”, *Diário de Notícias*, 2 de Agosto de 1966, pp.7

¹⁹³ *Ibidem*

¹⁹⁴ S/a, “Os jogadores portugueses foram recebidos e condecorados pelo Chefe do Estado”, *Diário de Lisboa*, 2 de Agosto de 1966, pp. 21

¹⁹⁵ S/a, “Na hora mais alta do futebol português”, *Diário de Notícias*, 2 de Agosto de 1966, pp.7



Imagem 5.1: A condecoração de Américo Thomaz aos jogadores portugueses (*Diário de Lisboa*, 2 de Agosto de 1966)

No dia seguinte, os jogadores seriam recebidos pelo Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar. Esta foi uma receção muito mais discreta e com menos cobertura mediática. Os atletas foram recebidos por Salazar no palácio de S. Bento. Este cumprimentou todos os jogadores individualmente com “palavras de muito apreço e satisfação pela forma como se comportaram”, conversando mais demoradamente com Eusébio, a quem deu os parabéns por ter sido o melhor marcador da prova. De seguida, agradeceu a forma como a equipa jogou, o desportivismo demonstrado ao longo da competição e a imagem positiva que deu ao país, mesmo para além do desporto. Frisou ainda que, mais importante do que a conquista do título, que embora fosse um feito extremamente positivo para o país, não era essencial, foi o desportivismo e correção demonstrada pela equipa, que obrigou até os adversários mais violentos a jogar de forma mais calma perante Portugal. Isso, na opinião de Salazar, trouxe um enorme prestígio ao país, talvez mais até do que a própria vitória na competição traria. Assim, o Presidente do Conselho quis agradecer-lhes a sua prestação e prestar-lhes as suas felicitações.¹⁹⁶

De seguida, foi a vez do presidente da F.P.F., Justino Pinheiro Machado, discursar. Este assinalou que o grande objetivo da delegação portuguesa antes do mundial era o de garantir que o prestígio do país não fosse prejudicado. Como tal, sentia-se agora extremamente feliz por esses objetivos terem, não só sido cumpridos, como superados, demonstrando um enorme orgulho pela campanha que colocou Portugal no topo do futebol mundial e que aumentou o prestígio da Nação internacionalmente.¹⁹⁷ Por fim, Salazar

¹⁹⁶ S/a, “O Presidente do Conselho recebeu a selecção nacional”, *Diário de Notícias*, 3 de Agosto de 1966, pp.2

¹⁹⁷ *Ibidem*

despediu-se individualmente dos jogadores e, à saída, estes voltaram a ser aplaudidos por algumas centenas de pessoas.



Imagem 5.2: Eusébio e Salazar na recepção feita após o mundial de 1966 (*Diário de Lisboa*, 3 de Agosto de 1966)

No dia seguinte, os jogadores receberam o prémio que lhes tinha sido prometido pelo banco Sottomayor pela sua prestação na competição, no caso uma recompensa de 330 contos, que dividiram entre todos. Nos discursos, agradeceu-se aos atletas o esforço feito para honrarem o nome de Portugal. Já o presidente da F.P.F. afirmou que os jogadores entusiasmaram os portugueses de todas as “raças” com o seu comportamento desportivo e social.¹⁹⁸ Este foi o último ato oficial onde participaram os atletas portugueses, finalizando também as celebrações da campanha portuguesa, pelo menos, oficialmente.

Analisando o conteúdo dos discursos, vemos que o de Américo Thomaz foi mais longo e demonstrou um maior conhecimento do que se passou ao longo da prova. Isto não é surpreendente, até porque, ao contrário de Salazar, o Presidente da República era um confesso admirador do desporto. Em todo o caso, os discursos partilham o mesmo ponto central, ou seja, a predominância do desportivismo e correção sobre o sucesso desportivo. Apesar de reconhecerem a importância que teria tido a conquista da competição, entendem que, mais importante que isso, foi o “fair-play” demonstrado ao longo da prova e a boa imagem que os jogadores conquistaram para o país. Num campeonato marcado pela violência, esse desportivismo notou-se ainda mais e contribuiu de sobremaneira para a imagem positiva deixada pela equipa portuguesa. Para o Estado Novo, mais importante que o sucesso desportivo era a imagem que seria dada pela equipa e o prestígio que esta podia conquistar

¹⁹⁸ S/a, “Entrega de depósitos do banco Pinto e Sotto Mayor”, *Diário da Manhã*, 4 de Agosto de 1966, pp.12

para o país. Nesse aspeto, o governo ficou satisfeito com os resultados obtidos. Aliando o jogo ofensivo e sem violência da equipa aos bons resultados, a seleção nacional foi fortemente elogiada internacionalmente, oferecendo uma visão muito positiva do país. Podemos considerar que foi uma espécie de campanha de propaganda não oficial que melhorou a imagem de Portugal no estrangeiro sem que o estado português tivesse de participar diretamente nela. Ao mesmo tempo, as ideias defendidas por Salazar e Américo Thomaz nos discursos oficiais reflectem bem os ideais desportivos defendidos pelo Estado Novo que, como vimos, sempre defendeu o desporto como um meio para formar indivíduos e incutir-lhes os valores morais e éticos subjacentes ao próprio regime. Mais importante do que o sucesso, era o meio como se chegava a esse sucesso, ou seja, para o Estado Novo, a imagem de desportivismo e correção eram fundamentais, na tentativa de “suavizar” em termos internacionais a imagem de um regime ditatorial e com presos políticos. Uma vitória obtida através de meios violentos ou menos corretos não seria tão valorizada. Essas ideias eram também difundidas no boletim oficial da Federação Portuguesa de Futebol, o qual, no seu primeiro volume, destacava a importância do futebol como um meio de ação pedagógica e educativa através de textos que criticavam o jogo violento e que incentivavam ao desportivismo e à amizade entre todos os participantes.¹⁹⁹ De notar ainda a completa ausência de referências à situação colonial ou à constituição plurirracial da equipa portuguesa por parte das mais altas figuras do estado português, o que, dada a excelente oportunidade que a ocasião proporcionou para legitimar e reforçar o discurso colonial do Estado Novo, não deixa de ser estranho.

Politicamente, o assunto só voltaria a ser discutido alguns meses mais tarde. Na sessão de 14 de Dezembro de 1966 da Assembleia Nacional, o deputado Augusto Simões elogiou a campanha portuguesa no mundial de futebol realizado alguns meses antes. O deputado começa por dizer que, apesar de já ter passado algum tempo, não era tarde demais para lembrá-lo, até para associar a Assembleia ao sucesso da equipa portuguesa, tal como já o tinham feito Américo Thomaz, Salazar e outras altas individualidades do país. De seguida, elogia a campanha da equipa, lembrando que conseguiram derrotar algumas das mais cotadas equipas do mundo, demonstrando todas as suas virtudes:

“Entregando-se à luta com a ardorosa determinação de bem representarem Portugal, que sentiam perto do coração, até pelas quinas da bandeira nacional que lhes

¹⁹⁹ Madeira Mega, *Boletim Oficial da Federação Portuguesa de Futebol*, Nº1, Agosto de 1963

dignificavam a camisola, os nossos atletas e os seus dirigentes deram, no frio clima inglês, lições de apurado civismo e da mais alta correcção pela forma como lutaram ou se comportaram.”

Continua afirmando que “Toda a exigente crítica mundial da especialidade o reconheceu de forma clara e positiva” e que Portugal foi o “verdadeiro e incontestado campeão do civismo e da correcção”. Assim, para o deputado, “O acontecimento encheu de natural e justificadíssimo orgulho todo o mundo lusíada. Na verdade, através do desporto e, dentro dele, pelo futebol, Portugal afirmara mais uma vez ao mundo a sua forte vivência e as suas invejadas virtudes cívicas!” De seguida, discursa sobre o valor do desporto e como este não devia ser usado por forças políticas ou ideológicas, devendo antes servir como meio de amizade e aproximação entre povos e países, não como um meio de violência ou aniquilação do adversário. Assim, ele manifesta a opinião de que a equipa portuguesa tem mostrado Portugal como uma “nação disciplinada e ordeira, em que não há discriminação, servindo, assim, com verdadeira elevação, as nobres causas nacionais”. Como tal, Augusto Simões considera que a seleção nacional de futebol e restantes clubes nacionais, têm feito mais pela imagem do país no estrangeiro do que as instituições responsáveis por essa atividade: “Por isso, e cumpre afirmá-lo sem reticências, tem feito mais o futebol nacional e aqueles que bem o têm sabido servir, pela vigorosa afirmação de Portugal e dos seus valores no estrangeiro, do que a maioria das nossas instituições cujas missões específicas se traduzem na obrigação de promoverem essa mesma divulgação.” O deputado termina a sua intervenção afirmando que Portugal terá de conseguir manter-se numa posição de proeminência no futebol mundial que tanto custou a conquistar e apela a um maior apoio do estado aos clubes e às instituições desportivas, afirmando que há ainda muito a fazer para que a equipa de futebol de Portugal possa continuar a trazer êxitos e prestígio para o país:

“Muito há a fazer e não pode haver tardança, em executá-lo para podermos inovar os sentimentos de orgulho que nos levaram a saudar e a louvar há pouco os briosos componentes da representação do futebol de Portugal, que perante o Mundo, de olhos atentos à magia fantástica do desporto-rei em nossos dias, afirmaram as ínclitas virtudes da nossa raça.”²⁰⁰

²⁰⁰ Simões, Augusto (1966), Sessão Parlamentar de 14 de Dezembro de 1966, in Debates Parlamento <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl9sl2n48-0852&type=texto&q=futebol&sm=p> (10/04/2015)

Podemos ver que este discurso aborda várias das ideias que já tinham sido defendidas por Américo Thomaz e Salazar. Começa por destacar o civismo e correção dos jogadores, algo que, como já vimos, era considerado o aspeto mais importante por parte das esferas políticas. Afirmar também que a prestação portuguesa melhorou a imagem do país internacionalmente e enalteceu as alegadas virtudes e qualidades do povo português, referindo ainda que a campanha portuguesa no mundial fez mais pela imagem e reputação do país do que as campanhas de propaganda destinadas a esse efeito, terminando com o aviso de que, apesar do sucesso no mundial, ainda há muito a fazer para garantir que o futebol português se mantém ao mais alto nível. Esta é uma ideia que, como veremos mais à frente, foi defendida e divulgada após a prova por vários jornalistas e outras entidades.

Mais tarde, na sessão de 22 de Março de 1967, o deputado Casal Ribeiro afirma que, apesar de reconhecer o mérito da equipa, o seu sucesso no mundial “deve-se a uma série de circunstâncias que não se repetirão facilmente porque a sorte grande raramente sai mais do que uma vez à mesma pessoa ou entidade.” Destaca também que no mundial muito se falou de Portugal e que “Dos resultados obtidos se tiraram efeitos políticos indiscutíveis e que muito contrariaram aqueles que sistematicamente nos criticam”.²⁰¹

Numa visão geral, podemos concluir que o mundial de futebol de 1966 serviu, de facto, como propaganda da política do regime e da imagem do Estado Novo em termos internacionais, embora o tenha feito de forma indireta. A campanha realiza-se, em grande parte, de forma autónoma, embora o Estado Novo não estivesse indiferente a ela, especialmente pela imagem que esta podia dar do país, fosse ela negativa ou positiva. Os jogadores dão o seu melhor, por si próprios e pelo país, mas, ao participarem na competição, não pensariam no uso político que o Estado Novo poderia retirar desta. Seja como for, o exemplar comportamento demonstrado por eles, não apenas no campo, mas também fora dele, mostrando serem pessoas humildes e sempre disponíveis para o contato com os adeptos, acabou por dar uma imagem muito positiva de Portugal. Na realidade, terá sido uma das mais eficazes campanhas de divulgação de uma imagem positiva do país. Curiosamente, o Estado Novo não parece participar diretamente nela, não havendo sinais de ter existido qualquer campanha oficial de propaganda por parte do SNI relacionada com o sucesso no mundial. Os discursos oficiais a enaltecer o sucesso também não parecem ser muitos mais além dos já

²⁰¹ Ribeiro, Casal (1967), Sessão Parlamentar de 22 de Março de 1967, in Debates Parlamento <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl9sl2n87-1626&type=texto&q=futebol> (11/04/2015)

vistos anteriormente. Como tal, o regime parece deixar escapar uma boa oportunidade de aproveitar o êxito português e difundi-lo pelo país e o mundo. Ainda assim, penso que se pode encontrar uma explicação para isso. Primeiramente, temos de entender que a prestação no mundial fala por si própria. Como diz o deputado Simões Augusto, esta fez mais pelo bom nome do país do que as próprias campanhas da SNI. Mais recentemente, o jornalista José Manuel Delgado parece concordar com essa afirmação, pois também ele comenta que “a imagem deixada pela selecção de Portugal na Velha Albion (...) acabou por ser mais eficaz do que um milhão de campanhas do SNI”.²⁰² Ao mesmo tempo, o ocorrido na prova foi difundido e divulgado em inúmeros países. Os jogos foram transmitidos em direto para todo o Portugal, sendo que, a crer nos relatos dos jornais nacionais, após as vitórias portuguesas, era enorme o contentamento e festas populares de celebração, não apenas na metrópole como também nas colónias. Além disso, em quase todo o mundo, os jogos da equipa portuguesa também foram vistos em direto, contribuindo para passar uma imagem positiva dos jogadores e, indiretamente, do próprio país, ao maior número de pessoas possíveis. Tendo tudo isto em conta, é provável que o Estado Novo pensasse que não valeria a pena gastar dinheiro numa campanha oficial de propaganda do SNI sobre a prova, pois esta não acrescentaria nada de novo. Ao demonstrarem um grande desportivismo e simpatia ao longo da prova, os jogadores passaram uma imagem positiva do país e dos valores da “raça” lusitana. Como tal, tornava-se desnecessária uma campanha oficial. Esta tinha sido mais barata e muito mais eficaz. Há que referir ainda que nada demonstra mais a evolução do futebol português do que isto: se, na década de 1950, o regime não confiava no futebol nacional, chegando a proibir a participação de equipas portuguesas em competições internacionais, com receio que estas dessem uma má imagem do país, preferindo antes confiar nas campanhas oficiais do SNI, agora ocorre precisamente o oposto. Não só o futebol português conseguia competir de igual para igual com outras equipas de topo, representativas de países ricos e desenvolvidos, como, muitas vezes, as conseguia vencer. O futebol deixava de ser visto como algo que poderia dar uma imagem negativa de Portugal para passar a ser o meio mais eficaz de transmitir a ideia de Portugal como um país simpático, unido e que, afinal, não era assim tão pobre e negativo como o apresentava muita da imprensa internacional. Como será visto mais à frente, esta evolução ter-se-á devido, segundo os jornalistas e especialistas na área, à legalização do profissionalismo e a uma grande geração de jogadores, muitos deles provenientes dos

²⁰² Ferrari, Nuno, Delgado, José Manuel (2006), *1966. Portugal no mundo nas imagens de Nuno Ferrari*, Lisboa, A Bola: Público, pp.48

territórios ultramarinos, que deram um nível superior de qualidade á equipa portuguesa, permitindo-lhe obter resultados muito mais positivos do que anteriormente.

O rescaldo da competição nos jornais portugueses

Após a competição, os jornais portugueses divulgaram vários artigos de resumo e opinião de tudo o que tinha ocorrido ao longo da prova, além das suas conclusões. As temáticas seguidas nestes artigos são as mesmas que vimos no capítulo anterior, ou seja, a análise ao estilo de jogo português, a importância dos jogadores ultramarinos e consequente defesa da política colonial portuguesa, o elogio do desportivismo e correção da equipa nacional e a ideia de Portugal contra tudo e contra todos, com especial destaque dado à imprensa inglesa e à organização do mundial.

Ao mesmo tempo, junta-se a estas uma nova temática: a ideia de que, apesar do sucesso obtido na prova, há ainda muito para evoluir no futebol português e que, se os jogadores e dirigentes dormissem à sombra do sucesso, os próximos resultados não seriam positivos. Essa ideia não era exclusiva dos jornalistas e especialistas desportivos. Também alguns deputados a partilhavam. Como vimos, na sessão de 14 de Dezembro de 1966, o deputado Augusto Simões refere que ainda há muito a fazer para o futebol português continuar no topo. Alguns meses mais tarde, na sessão de 22 de Março de 1967, Casal Ribeiro, numa intervenção sobre o valor e importância dos atletas ultramarinos e sobre medidas que eram necessárias tomar para melhorar o desporto nacional, reforça essa ideia. Começa por notar a importância do desporto para unir povos e acabar com preconceitos, além de servir como “uma imensa e utilíssima propaganda dos países que representam e das raças e civilizações a que pertencem”. Defende depois o valor dos atletas ultramarinos e das suas capacidades naturais para o desporto e sugere o envio de equipas especializadas para ajudar no treino e seleção dos melhores atletas coloniais para, juntamente com os atletas da metrópole, fazer com que Portugal tenha participações desportivas dignas. Seguidamente, Casal Ribeiro destaca os clubes portugueses. Segundo este, os clubes têm um papel fundamental na formação dos atletas e muitos deles vivem uma “situação financeira angustiada”. Critica também o sistema de transferências em vigor e todo o sistema financeiro em volta do desporto, assinalando que os chamados clubes grandes têm enormes vantagens sobre os outros, muitas vezes levando-lhes os melhores jogadores sem que estes possam responder, tornando a situação destes ainda mais difícil. Após isto, o deputado termina voltando ao seu ponto inicial, ou seja, a necessidade de coordenar o desporto na metrópole e

nos territórios ultramarinos, sob pena de Portugal não conseguir realizar grandes prestações desportivas a não ser num caso de muita sorte, como, para ele, foi o mundial de futebol de 1966:

“Para além das medidas tantas vezes defendidas nesta Câmara com carácter político e económico olhe-se (e remedeie-se) o problema desportivo, legislando, disciplinando, estabelecendo critérios sãos e acessíveis, fomentando um intercâmbio entre atletas metropolitanos e ultramarinos procurando entre estes, que estão mais distantes, quantos, para além do futebol, representem Portugal nas grandes competições internacionais, sem nos envergonhar, sem nos ridicularizar, porque é ridículo, Sr. Presidente, ver um atleta envergonhando as cores nacionais ficar no fim das classificações, procurando normalmente atenuar-se com desculpas absurdas o desaire quando, na maior parte dos casos, é ao abandono oficial que devemos a sua deficiente preparação, base quase sempre de humilhantes lugares nas respectivas provas realizadas.”²⁰³

O *Diário de Lisboa* refere precisamente que agora, após o êxito no mundial, era a altura ideal para resolver muitos dos problemas que atormentavam o futebol português, assinalando as dificuldades financeiras sentidas pelos clubes e o clima de hostilidade entre eles. Diz também que, seguindo o exemplo de amizade e companheirismo dos jogadores portugueses, também os clubes deviam aumentar a cordialidade e união entre eles, o que só beneficiaria a seleção nacional.²⁰⁴ Alguns dias depois, o jornalista Fernando Soromenho volta a assinalar a necessidade de ajudar os clubes nacionais. Aplauda também a prestação portuguesa no mundial e todos os elogios que esta conquistou.²⁰⁵ No dia seguinte, volta a elogiar a campanha portuguesa, dizendo que deixou “um rasto de beleza e de fama”. Realça também a personalidade dos jogadores e o desportivismo e humildade da equipa, muito elogiados pela imprensa internacional.²⁰⁶ Por fim, a 4 de Agosto, o jornalista critica a excessiva arrogância e falta de “fair-play” dos ingleses, que serviram muito mal os interesses

²⁰³ Ribeiro, Cazal (1967), Sessão Parlamentar de 22 de Março de 1967, in Debates Parlamento <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl9sl2n87-1626&type=texto&q=futebol> (11/04/2015)

²⁰⁴ S/a, “Nota do dia”, *Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1966, pp.1

²⁰⁵ Fernando Soromenho, “Agradeçamos a portugueses o que tanto fizeram pelo nome de Portugal”, 31 de Julho de 1966, pp.20

²⁰⁶ Fernando Soromenho, “A selecção de Portugal construiu fama e beleza no «mundial» de Inglaterra”, *Diário de Lisboa*, 1 de Agosto de 1966, pp.21,24

do futebol, com uma organização da prova que deixou muito a desejar.²⁰⁷ Já o *Diário da Manhã*, na sua análise à prova, destaca o facto de o futebol português, que para o jornalista foi o melhor do mundial, ter orgulhado todo o país e conquistado também a simpatia dos ingleses.²⁰⁸ No *Diário de Notícias* fala-se da simpatia e elogios internacionais ao futebol português, que saiu de Inglaterra fortemente aplaudido e ganhando um novo respeito da opinião internacional. Destaca ainda a imagem positiva do desportivismo mostrado pela equipa.²⁰⁹ *O Século* produz aquele que, porventura, será o artigo que melhor explora e analisa todas as temáticas referidas ao longo da competição. Começa por realçar que o comportamento admirável dos jogadores conquistou um grande apreço nacional e internacional, sendo as recepções de Américo Thomaz e de Salazar, aliadas a uma vibrante recepção popular, o melhor exemplo disso. Afirma ainda que ninguém ficou indiferente à prestação portuguesa, mesmo aqueles mais afastados do futebol. De seguida, demonstra o valor da competição e a importância da boa prestação portuguesa para o país:

“não se decidia ali o destino de qualquer nação; mas estavam em competição valores humanos muito importantes: a virilidade, a galhardia e a capacidade moral e espiritual das juventudes dos países participantes – valores esses que servem às nações para a demonstração da sua vitalidade, do seu ardor combativo e da sua nobreza de procedimentos”.

Para o jornalista, Portugal mostrou ter esses valores e, como tal, cumpriu os seus objetivos. De seguida, o artigo destaca o desportivismo e comportamento moral da equipa. Diz que esta sempre mostrou correção, mesmo perante adversários duros e um público hostil. Apesar de várias vezes agredidos, os jogadores nacionais mantiveram a compostura, algo que devia ser louvado, até porque, para o jornal, o comportamento português “constitui um exemplo no campo desportivo e também no campo social, numa época como a decorrente, caracterizada por ofensas á dignidade humana e ameaças e agressividades que tantos prejuízos já causaram e fazem ao mundo”. Tendo isto em conta, os jogadores portugueses

“demonstraram as qualidades e virtualidades da raça a que pertencem, da raça a que todas as pressões, ofensas e violências responde sempre realizando com inquebrantável fé, justa firmeza, ardor extraordinário e dignidade insuperável as

²⁰⁷ Fernando Soromenho, “Claros e escuros do «mundial-66»”, *Diário de Lisboa*, 4 de Agosto de 1966, pp.21

²⁰⁸ S/a, “O futebol português mais prestigiado”, *Diário da Manhã*, 2 de Agosto de 1966, pp.1,3

²⁰⁹ Alberto de Freitas, “Portugal: Terceiro lugar!”, *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1966, pp.8

missões que lhe cabem, seja a defesa nacional, seja a de colaborar na promoção da felicidade e no progresso da Humanidade em geral. Aí, pode afirmar-se sem exagero, representaram bem a Nação”.

O artigo continua assinalando que a prestação portuguesa no mundial serviu como uma propaganda muito positiva do país, pois, para o jornalista, dos muitos milhões que viram o mundial em todo o mundo, a maioria não conheceria Portugal, alguns pensando até que seria uma província de Espanha, apesar de ser o país com as fronteiras mais antigas da Europa, do seu papel nos descobrimentos e de “ser um país repartido por vários continentes mas forte, indestrutível na sua unidade política e social”. Diz ainda que, mesmo os que já conheciam Portugal, duvidavam que dentro dos mais de 20 milhões de portugueses europeus, africanos e asiáticos se conseguisse formar uma boa equipa. Como tal, para o jornal, a prestação portuguesa no mundial “foi o maior cartaz que Portugal até hoje apresentou, cartaz com o qual a Nação nada gastou e do maior proveito neste momento em que enfrentamos a hostilidade da maioria dos países e em que procuramos incentivar o nosso turismo”. Termina afirmando que, ao observar os jogadores ultramarinos, a opinião internacional pôde verificar “que a nossa política multirracial secular tem uma evidência indiscutível em todos os aspetos: nos direitos e deveres comuns e na promoção moral, espiritual e física”.²¹⁰ Ou seja, um artigo que toca em todas as áreas de impacto que o mundial teve em Portugal, desde o reconhecimento nacional e internacional, à boa imagem deixada pelo desportivismo dos portugueses, passando pela apologia dos valores da “raça” lusitana, bem demonstrados pela equipa. Reconhece ainda o excelente valor propagandístico da campanha portuguesa, além de servir para reforçar a ideologia do luso-tropicalismo e do Portugal “multirracial”, tão cara ao regime político em vigor na altura e tão útil no momento em que Portugal estava já envolvido em três guerras coloniais, em Angola, na Guiné e em Moçambique.

Passando agora para os jornais desportivos, observamos que estes também elaboraram vários artigos de análise e rescaldo da competição. No jornal *A Bola* destaca-se o estilo próprio de jogar futebol da equipa portuguesa, o futebol “euro-latino-africano”. Vítor Santos volta a falar sobre este na edição de 1 de Agosto de 1966, assinalando de que se trata da fusão entre a seriedade e método europeus com a viveza crioula, criando assim um futebol único e muito eficaz.²¹¹ Na edição seguinte, Vítor Santos volta ao tema. Afirma novamente que o sucesso de Portugal no mundial se deve precisamente a esse tipo único de futebol, aliado à

²¹⁰ S/a, “Exemplo de desportivismo e de capacidade moral”, *O Século*, 3 de Agosto de 1966, pp.1,3

²¹¹ Vítor Santos, “Terminou o mundial”, *A Bola*, 1 de Agosto de 1966, pp.9

humildade dos jogadores e ao espírito competitivo da raça portuguesa. Seguidamente, descreve aquilo que, para ele, significava o futebol “euro-latino-africano:

“O futebol português, com a unidade rática de um país pluricontinental e plurirracial, será, na Europa, a expressão acabada da conciliação do praticante dos trópicos, com a sua habilidade congénita, com o praticante europeu, mais inteligente e metódico, de modo a termos, como resultado da simbiose, uma equipa nacional em que a linha técnica corre parselhas com a linha temperamental.”²¹²

Ou seja, a tese de Vítor Santos baseia-se muito em ideias pré-concebidas baseadas naquelas que seriam as capacidades e habilidades próprias de cada “raça” e de cada povo. Ao mesmo tempo, a sua teoria encaixa perfeitamente na teoria luso-tropicalista defendida nesta fase pelo Estado Novo. Se nos campos políticos e sociais, o povo português seria aquele que maior facilidade teria para assimilar os povos de outras “raças”, ensinando-lhes valores humanísticos e universais, também no futebol, essa suposta singularidade portuguesa se verificava, com a assimilação dos jogadores coloniais e das suas características específicas nas táticas europeias, criando assim um futebol único e unido, tal como a nação portuguesa no seu todo, com ausência de preconceitos ráticos. Ao mesmo tempo, a tese de Vítor Santos pega ainda na ideia de associar a cada país ou continente um estilo próprio de jogar futebol. O futebol africano é frequentemente caracterizado como um futebol forte fisicamente, exuberante e pouco disciplinado. Já no norte da Europa, o futebol é visto como muito organizado (porventura excessivamente organizado), mecanizado e com grande coesão no jogo de equipa, embora pouco criativo. Por sua vez, na maior parte dos países da América do Sul, o seu tipo de futebol é visto como muito criativo e habilidoso, mas pouco organizado.²¹³ Tendo isto em conta, o jornalista define o futebol português como o melhor de dois mundos: a disciplina europeia e as capacidades físicas africanas. Além disso, o futebol português tinha ainda a magia e criatividade do futebol latino e sul-americano. Como tal, isso tornava a sua forma de jogar em algo único a nível europeu e até mundial, sendo muito difícil de contra-atacar e, como tal, para Vítor Santos, foi a razão que permitiu a Portugal obter ótimos resultados na competição.

Nessa mesma edição, o jornalista Silva Resende faz também a sua análise ao mundial. No seu artigo, começa por referir que o futebol é mais do que um simples desporto e que

²¹² Vítor Santos, “No rescaldo do mundial”, *A Bola*, 4 de Agosto de 1966, pp.4,8

²¹³ Domingos, Nuno (2004), “O gesto no jogo”, em José Neves e Nuno Domingos (orgs.), *A Época do Futebol: O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*, Lisboa, Assírio e Alvim, pp.24

move multidões, criando um enorme espetáculo popular. Destaca depois a importância do profissionalismo para os êxitos portugueses e assinala que existem muitos clubes com grandes dificuldades financeiras. Diz ainda que o futebol trouxe um novo nível de orgulho ao que é ser português e espera que as recepções feitas por Américo Thomaz e Salazar aos jogadores sejam o início de uma nova era onde se apoie mais os clubes e onde se invista mais no futebol, até porque, como havia sido provado no mundial, o futebol podia trazer prestígio, otimismo e respeito ao país. Seguidamente, o jornalista aborda um crítico inglês que tinha afirmado que Eusébio era moçambicano e não português. Silva Resende vem então defender a política colonial portuguesa, primeiro dando o exemplo de Eusébio, que, com a sua reação após a derrota frente aos ingleses, tinha demonstrado, sem sombra para dúvidas, que era e se sentia português. Depois, refere uma carta enviada por um moçambicano que afirmava que o sucesso português na prova tinha sido recebido com entusiasmo em todo o país, por parte de indivíduos de todas as raças, credos e posições. Para Silva Resende, isso era mais uma prova da forma como era vivido e sentido o futebol nacional em todas as partes do mundo português, servindo assim como um bom exemplo da unicidade e união rática do império lusitano.²¹⁴ Desta forma, vemos neste artigo mais uma defesa da política colonial portuguesa e da forma como, supostamente, todas as populações portuguesas viram e sentiram o mundial, com igual patriotismo e alegria.

Por sua vez, no jornal *Record*, os artigos de rescaldo elogiam a prestação portuguesa na competição, sem acrescentar nada de novo. Por fim, no *Mundo Desportivo* também se começa por destacar o desportivismo e correção demonstrada ao longo da prova, além de se afirmar que Portugal praticou o melhor futebol do torneio e que é agora uma equipa conhecida no futebol mundial.²¹⁵ Na edição seguinte, Manuel Mota assinala que, depois do êxito no mundial, seria fundamental os jogadores manterem a humildade. A pressão e atenção mediática sobre eles seria, a partir desse momento, muito maior, e os jogadores teriam de se esforçar ao máximo para continuarem a honrar o nome de Portugal.²¹⁶ Ao mesmo tempo, o jornal salienta que a prestação portuguesa conquistou milhares de novos adeptos e provocou um clima de euforia mas que isso não podia toldar o facto de o futebol português ainda ter

²¹⁴ Silva Resende, “Em meio dos foguetes um pouco de meditação”, *A Bola*, 4 de Agosto de 1966, pp.1,6

²¹⁵ Manuel Mota, “Muito obrigado rapazes de Portugal”, *Mundo Desportivo*, 1 de Agosto de 1966, pp.5

²¹⁶ Manuel Mota, “O que o mundial nos disse”, *Mundo Desportivo*, 3 de Agosto de 1966, pp.4

muitas limitações, não se lhe podendo exigir tudo.²¹⁷ Este foi mais um dos muitos avisos feitos sobre a verdadeira situação do futebol português e de que muito teria de ser feito para a equipa nacional manter os bons resultados.²¹⁸ Nas edições seguintes, o jornal tece várias críticas aos ingleses. Começa por censurar a sua arrogância e má vontade, acusando-os de não receber bem os portugueses e de criar vários problemas à equipa nacional. A situação viria a piorar com a passagem dos “magriços” aos quartos-de-final, com o jornal a acusar os ingleses de criarem uma verdadeira “guerra fria” contra os portugueses, com vários jornalistas britânicos a criticar a política colonial portuguesa e o uso de jogadores ultramarinos para tentar denegrir a imagem da seleção. Tudo isto serviria para dar todas as vantagens possíveis à equipa britânica.²¹⁹ Na edição seguinte, de 8 de Agosto, continuam-se as críticas aos ingleses, acusando-os de “portuguesofobia” e de faltas de respeito para com os portugueses. Dá o exemplo de terem sido dadas pouquíssimas credenciais aos jornalistas lusitanos para a final, isto apesar da equipa nacional ter sido aquela que deu mais brilho ao mundial (mais do que os próprios ingleses, segundo o autor do artigo). Crítica ainda a votação do melhor jogador do mundial na qual, após inúmeros elogios britânicos a Eusébio, este terminaria apenas em quinto lugar.²²⁰ Por fim, critica o presidente da FIFA, o inglês Stanley Rous, de manipular o mundial, controlar os árbitros e fazer todos os possíveis para a Inglaterra vencer a prova. Assinala ainda que, numa reunião após o fim da prova e onde ele elogiou as várias equipas presentes, Stanley não fez qualquer referência à seleção portuguesa, isto apesar de esta ter sido uma das melhores equipas da prova, mesmo para a crítica internacional. Para o autor, isto só podia ser visto como uma antipatia insuportável e intolerável para com os portugueses,

²¹⁷ S/a, “Futebol – da conquista à reflexão”, *Mundo Desportivo*, 3 de Agosto de 1966, pp.1,9

²¹⁸ Esses avisos viriam a tornar-se proféticos, pois Portugal apenas voltaria a classificar-se para uma grande competição internacional no europeu de 1984, numa competição com alguns paralelismos em relação ao mundial de 1966: tal como no mundial, foi a estreia de Portugal na competição e, tal como em 1966, Portugal apenas viria a ser eliminado nas meias-finais frente à seleção anfitriã (neste caso, a França).

²¹⁹ S/a, “Nós, os ingleses e o «Mundial»”, *Mundo Desportivo*, 5 de Agosto de 1966, pp.1,10

²²⁰ Esta votação foi algo controversa, pois a classificação seria decidida por um comité de jornalistas britânicos e internacionais. Todavia, muitos dos jornalistas internacionais alegadamente não votaram. O jornal *Record* classifica todo este processo como um excesso de vaidade e nacionalismo inglês, afirmando que a haver um vencedor teria de ser Eusébio ou Bobby Charlton: S/a, “Bobby Moore foi o melhor!”, *Record*, 2 de Agosto de 1966, pp.6

desejando que, quando este visitasse Portugal, fosse tratado da mesma forma como ele tratou os portugueses.²²¹

Por fim, também os jornais dos territórios coloniais produziram artigos de análise e rescaldo da competição. O *Notícias da Tarde*, de Lourenço Marques, atual Maputo, assinala o desportivismo português e refere que a campanha nacional levou o bom nome da pátria a todos os cantos do mundo, até os mais remotos.²²² Já o *Diário de Luanda* nota que o futebol é um desporto que agrada a todos, desde o mais pobre camponês ao mais alto nobre, da mais isolada aldeia à maior cidade, centrando em si todas as atenções. Ao mesmo tempo, ele é capaz de proporcionar grandes tristezas e alegrias. Elogia depois a prestação portuguesa, afirmando que esta conquistou o público inglês e internacional e que a equipa nacional serve como um “agente de turismo e embaixador de simpatia”. Termina o artigo comparando o futebol à realidade política do país e afirmando que, tanto num plano como noutra, os portugueses deixaram de ter medo e aperceberam-se da sua própria força. Agora os políticos já não ficavam calados perante as instituições internacionais enquanto os jogadores já não entravam derrotados para os jogos.²²³ Desta forma, encontra-se neste artigo uma alusão clara à situação portuguesa na ONU e às suas respostas perante as críticas e pressões internacionais à sua política colonial. Por sua vez, o *Voz Africana* afirma que Portugal foi a equipa que melhor futebol jogou e que, através do seu desportivismo, soube prestigiar não só o futebol português, como também todo o país²²⁴. Assinala também que Eusébio superou Pelé e que a sua popularidade está no auge, podendo apenas ser comparada à popularidade das grandes vedetas da música e do cinema.²²⁵ O *Notícias da Beira* destaca, como todos os outros jornais, o desportivismo da equipa, além de assinalar que a sua brilhante prestação foi elogiada nacional e internacionalmente. Louva ainda a qualidade individual de algumas figuras e também a harmonia da equipa.²²⁶ Por fim, *O Namibe* diz que Portugal conquistou a admiração internacional e que “A campanha e as vitórias fizeram subir bem alto o cartaz do futebol lusitano, hoje rodeado de prestígio”. Afirma que apenas não venceu a prova por falta de sorte

²²¹ S/a, “Nós, os ingleses e o «Mundial»”, *Mundo Desportivo*, 8 de Agosto de 1966, pp.1,3

²²² S/a, “A selecção nacional conseguiu um brilhante comportamento no campeonato mundial de futebol”, *Notícias da Tarde*, 29 de Julho de 1966, pp.6

²²³ T.A, “Valente Portugal”, *Diário de Luanda*, 29 de Julho de 1966, pp.1,11

²²⁴ S/a, “Portugal classificou-se em 3º lugar depois de ter perdido sem merecer com a equipa que se sagrou campeona”, *Voz Africana*, 6 de Agosto de 1966, pp.8,9

²²⁵ S/a, “Eusébio e Pelé: O abraço dos dois reis”, *Voz Africana*, 6 de Agosto de 1966, pp.13,14

²²⁶ S/a, “O futebol português brilhou em Inglaterra”, *Notícias da Beira*, 16 de Agosto de 1966, pp.7

e erros de arbitragem, partilhando ainda a ideia de que Eusébio superou Pelé e é agora o melhor jogador do mundo. Termina asseverando que o futebol português deixou de ser caseiro e passou a ter um renome internacional.²²⁷

Podemos ver assim que os artigos de análise ao mundial dos jornais portugueses seguem as mesmas temáticas apresentadas ao longo da competição. Destas, a mais apresentada e referida pelos jornais é a do desportivismo, que é unanimemente considerado um ponto de orgulho e de destaque de toda a campanha portuguesa. Vemos, em paralelo, uma defesa mais veemente da política colonial portuguesa e do uso dos jogadores ultramarinos, respondendo às críticas de jornalistas ingleses e internacionais, e a continuação das críticas à organização inglesa, que esteve longe de ser perfeita. Por fim, a maior parte dos jornais reconhece a importância e prestígio que a equipa portuguesa conseguiu conquistar, tanto nacional como internacionalmente. Isso não só serviu para melhorar a imagem de Portugal como, provavelmente, iria servir para aumentar o turismo. Assim, a prestação portuguesa acaba por ser uma eficiente campanha de propaganda para o bom nome do país. Por outro lado, e como alguns jornais assinalam, isso não significava que a situação do futebol português fosse a ideal, pelo contrário, muito estava ainda por fazer. Apesar desses avisos, pouco parece ter sido feito para alterar a situação.

O impacto cultural do mundial e a visão do país no estrangeiro

Como vimos, o sucesso da equipa portuguesa no mundial trouxe uma nova visão de Portugal para muitos países. Mesmo que temporariamente, Portugal passa a ser conhecido por outros motivos que não a sua situação colonial e de isolamento internacional nesta matéria. Isso terá sido especialmente notável em Inglaterra, local onde foi realizada a prova e onde a equipa portuguesa deixou uma boa imagem, sendo, no término da competição, muito elogiada pela imprensa local. Em simultâneo, os adeptos ingleses e de outros países, que assistiram ao vivo às diversas partidas também ficaram positivamente impressionados pelo valor dos jogadores nacionais. A Casa de Portugal em Londres enviou à F.P.F. duas cartas escritas por adeptos, um inglês e um brasileiro, onde estes se referem em termos muito elogiosos à seleção nacional, mencionando ainda que estas poderão ser usadas pela federação para efeitos de publicidade e propaganda.²²⁸ Como estas, podemos presumir que tenham sido feitas muitas mais, como aliás o provam os inúmeros de telegramas que a delegação portuguesa foi

²²⁷ S/a, “Portugal em terceiro lugar no mundial de futebol”, *O Namibe*, 4 de Agosto de 1966, s/p

²²⁸ ANTT, Arquivo SNI, Caixa 34

recebendo ao longo da competição e que foram noticiados pela imprensa nacional. Com isto, tentava-se alargar a ideia do sucesso desportivo a uma ideia de sucesso e imagem positiva do país na sua totalidade. Além de Inglaterra, também nos países mais próximos e com uma longa tradição futebolística, a equipa de Portugal é elogiada. Os espanhóis afirmam ter uma “inveja sã” dos portugueses²²⁹, enquanto em França, o conceituado jornal desportivo *France Football* questiona-se: “Se não fossem os portugueses, que seria do campeonato do mundo?”²³⁰ Por sua vez, os franceses dão também um grande destaque a Eusébio, que consegue ser figura de capa do jornal generalista *Le Figaro*.²³¹ Todavia, não foi só em países próximos ou onde o futebol tem grande destaque que a prestação portuguesa foi elogiada. De facto, foram vários os diplomatas portugueses a assinalarem junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros o sucesso português no mundial e a forma como este contribuía para melhorar a imagem do país na sua generalidade. Por exemplo, o embaixador português no Canadá, um país onde o futebol não tem uma popularidade significativa, afirmou:

“Não devo deixar de mencionar a enorme propaganda para Portugal aqui no Canadá que resultou da sua extraordinária participação no Campeonato Mundial de Futebol. Todos os jornais diários assinalaram largamente com admiração os nossos triunfos e sobretudo o desportivismo e alta classe (a melhor equipe como se afirmou) dos nossos jogadores (...) Foram semanas durante as quais os nossos maiores opositores políticos neste país devem ter esquecido os problemas da África Portuguesa e todos os outros que nos dividem.”²³²

Ao mesmo o tempo, o jornalista César Faustino, em Estocolmo ao serviço do *Diário de Lisboa*, assinala que, desde a primeira vez que está em território sueco, Portugal é visto de forma positiva, com o jornalista a ter “Quilos de jornais e revistas cheios de louvores a Portugal e aos seus futebolistas”. Todos esses elogios levam-no a acreditar “que a campanha dos nossos futebolistas na Inglaterra foi a maior propaganda de Portugal até hoje sentida no Mundo – na Escandinávia, pelo menos – desde os tempos gloriosos do Infante D. Henrique – se alguma vez os ecos dessas glórias de Quinhentos romperam o isolamento destas paragens”. Continua depois o artigo afirmando que a simpatia, correção, arte e elegância dos jogadores

²²⁹ Pedro Escartin, “Ponto de vista espanhol”, *A Bola*, 4 de Agosto de 1966, pp.4

²³⁰ S/a, “O «France Football» e o «mundial»”, *A Bola*, 6 de Agosto de 1966, pp.4,7

²³¹ T.A, “Valente Portugal”, *Diário de Luanda*, 29 de Julho de 1966, pp.1,11

²³² Pereira, Victor (2011), “O desporto além-fronteiras – portugueses e desporto nos contextos migratórios” em Jorge Neves e Nuno Domingos (coords), *Uma História do Desporto em Portugal*, 2^oV, Vila do Conde, QuidNovi, pp.137

nacionais conquistaram os suecos e conseguiram o seu apoio. Refere ainda algumas opiniões críticas de jornalistas suecos como o cronista do jornal *Dagens Nyheter*, que insinuava que Portugal tinha perdido propositadamente contra os ingleses, como forma de agradecimento pelos vetos britânicos na ONU a favor da política portuguesa em Angola (o que se trata de uma opinião diametralmente oposta à da maior parte dos jornalistas portugueses que, pelo contrário, se queixavam de maus tratos e falta de respeito por parte dos ingleses e os criticavam frequentemente), ou como um comentador, que Faustino apelida de “racista”, que criticava o uso dos jogadores negros por parte da equipa portuguesa usando por vezes a expressão “Portugal/África”. No entanto, ele assinala que “estas «amabilidades» e outras, a que já estamos habituados, não foram mais, todavia, que nódoas insignificantes de sujidade no imenso mar de louvores e homenagens aos jogadores e ao futebol português – que também é Portugal – que logrou romper os diques do complexo ou do silêncio”. A prestação da equipa nacional no mundial trouxe uma súbita e inesperada popularidade e simpatia para com os portugueses como nunca antes tinha sido vista no país. Termina interrogando-se: “Quando voltaremos a conhecer igual – com ou sem futebol?”²³³ Neste artigo podemos notar que até na Suécia, um país que não tinha uma boa imagem de Portugal, mostrando-se muito crítico com a sua política colonial, como alguns jornalistas locais demonstram nos seus artigos ao longo do mundial, a equipa portuguesa consegue alterar, de certa forma, a perceção que estes tinham sobre o país, pelo menos na opinião de César Faustino, que considera que nunca antes Portugal tinha tido tanta popularidade e reconhecimento naquele país, admitindo que dificilmente voltará a ter uma divulgação tão positiva como nesse momento. Também em África a equipa portuguesa era elogiada. Os jornais sul-africanos *Natal Mercury* e *Rand Daily Mail* aplaudem a seleção nacional, com especial destaque para Eusébio e os outros “astros de cor”.²³⁴

Analisando estes dados, é possível afirmar que a participação portuguesa no mundial foi, de facto, uma excelente campanha para a imagem que o Estado Novo pretendia projetar de Portugal e serviu, pelo menos nalguns círculos, para melhorar a opinião internacional sobre o país. Tal como referido por alguns jornais, terá também servido como um excelente agente turístico, ajudando a convencer pessoas de vários pontos do mundo a visitar Portugal. Ainda assim, é difícil de quantificar, em termos práticos, o verdadeiro impacto do Mundial no

²³³ César Faustino, “Portugal deve ao futebol a sua maior campanha de propaganda dos tempos modernos!”, *Diário de Lisboa*, 2 de Agosto de 1966, pp.13

²³⁴ S/a, “Um nome no noticiário”, *Voz Africana*, 6 de Agosto de 1966, pp.14

turismo e na própria imagem do país em termos internacionais. Se, em termos desportivos, a equipa portuguesa mantém-se na memória de inúmeros fãs de futebol em todo o mundo, com especial destaque para Inglaterra, onde Eusébio continua a ser, mesmo após a sua morte, uma figura muito popular, o impacto em termos políticos e de imagem terá sido muito mais efémero. Como já vimos, o futebol pode desviar as atenções dos principais problemas políticos e sociais dos países mas não tem a força suficiente, por si só, para os resolver. Ao mesmo tempo, o seu efeito não é duradouro, pelo contrário. Embora sirva para melhorar ou piorar a imagem de um determinado país internacionalmente, também isso terá apenas um efeito efémero. Como tal, passados uns dias, ou semanas, após a competição, a opinião internacional sobre Portugal voltaria a centrar-se na sua situação política, económica e colonial, esquecendo quase por completo o ocorrido na prova. É difícil, ou mesmo impossível, conseguir perceber qual a permanência temporal do efeito da popularidade e simpatia para com Portugal, proveniente da prestação da equipa de futebol do país no mundial. Seja como for, embora efémera, não se pode negar que, pelo menos durante esse tempo, Portugal foi visto de forma mais positiva do que o habitual em quase todos os pontos do mundo. Também no que concerne ao turismo se torna difícil quantificar o impacto que o mundial teve. Mesmo que o número de turistas tenha aumentado após a competição, não se poderá afirmar com exatidão se isso se terá devido ao sucesso no Mundial ou se por qualquer outra razão. Ainda assim, não será muito errado afirmar que a imagem transmitida pelos jogadores, demonstrando muita simpatia e correção para com adversários e adeptos, terá, pelo menos, despertado a curiosidade em visitar o país em muitos espetadores da prova.

Em Portugal, o impacto do mundial perde fulgor com o passar dos dias. Nos jornais generalistas, o principal tema de assunto passa a ser a inauguração da ponte Salazar, enquanto nos jornais desportivos dá-se um grande destaque à Volta a Portugal em bicicleta. Ainda assim, ele continuou presente no quotidiano geral durante mais algum tempo. Após o término da competição, a Agência Portuguesa de Revistas lança um guia retrospectivo da competição, com informações sobre os jogos disputados, dados sobre os jogadores e fotos de todo o percurso da equipa nacional. Foi também editada uma caderneta de cromos, distribuída pela livraria Bertrand, em homenagem à prestação portuguesa na prova, contendo um agradecimento aos jogadores, apresentação destes e restantes membros da equipa técnica e imagens de toda a campanha da equipa, desde a fase de apuramento até à consagração

popular.²³⁵ Também a Federação Portuguesa de Futebol editou um livro, intitulado “*Os Magriços*” que reunia vários artigos dos enviados especiais ao mundial de futebol, que analisavam diversos temas, desde a prestação de Eusébio, à importância da televisão na transmissão da prova, passando pela importância dos jogadores oriundos das colónias para a boa prestação portuguesa.²³⁶ Foram também escritas letras dedicadas à selecção nacional por parte de António Jesus Vieira, que foram aprovadas pela censura e classificadas como apropriadas para todas as idades. A primeira aborda a campanha portuguesa na prova e destaca o bom futebol, desportivismo e boa imagem dada pela equipa perante os ingleses, afirmando que apenas não venceram o mundial por um roubo descarado por parte do árbitro:

Portugal país valente
Na estreia do mundial
Deu a ver a toda a gente
A Selecção Nacional
Para ser bem disputado
O jogo com os ingleses
Ganhavam os portugueses
Ou teriam empate
Com um penalte roubado
Tão descaradamente
Pelo árbitro indecente
(...)
Foi o melhor futebol
O da selecção portuguesa
Que ao jogar com a inglesa

²³⁵ Portugal no mundial de futebol 1966, in cadernetas e cromos:
<http://cadernetasecromos.blogspot.pt/search/label/1966> (29/04/2015)

²³⁶ Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.76

Com energia e control
Brilharam bem à luz do sol
As estrelas de Portugal
Com os olhos na final
A saborear a vitória
Mas deixaram o nome na história
Na estreia do Mundial
Sairmos de cabeça erguida
Do estádio de Vamlei
Com Eusébio o novo rei
Figura bem conhecida
Recordações para toda a vida
Que recordamos eternamente
Ganharam moralmente
As nossas estrelas latinas
E por ser a Selecção das Quinas
Deu a ver a toda a gente
(...)
Deixaram boas impressões
Perante a Família Real
Foram campeões na moral
Porque souberam jogar
E Torres deu o terceiro lugar
À Selecção Nacional

Por sua vez, a segunda letra era dedicada à figura de Eusébio e ao modo como este se tornou no “novo rei do futebol mundial”:

Até que enfim que já há rei
Desta vez em Portugal
Eusébio é rei da bola
No futebol mundial
O Pelé foi destronado
No ano de sessenta e seis
(...)
Eusébio trouxe uma coroa
Ganha na Inglaterra
Foi como a cruz de guerra
Que ele trouxe para Lisboa
Mas quando nosso hino entoa
Ó aqui ou na Angola
Porque o desporto é uma escola
Espectáculo do mundo novo
É como diz o nosso povo
Que Eusébio é rei da bola
Foi o melhor marcador
No campeonato do mundo
O seu talento é profundo
E tem imenso valor
Foi o melhor jogador

Eusébio não tem igual
O seu valor é natural
Por ter as quinas no peito
Foi Eusébio o rei eleito
No futebol mundial²³⁷

Também na música popular se fizeram homenagens à equipa portuguesa. A banda *Sheiks* lançou um single de homenagem aos jogadores, intitulado “Portugal é que é o tal”. O lado B deste continha a canção “Eusébio”, onde se homenageava a figura maior da seleção nacional.²³⁸

Desta forma, podemos perceber que as homenagens no campo da cultura foram em número considerável. Tudo isto contribuiu para preservar na memória dos portugueses o sucesso na competição.

Concluindo, vemos que o mundial ajudou a exacerbar o sentimento nacionalista dos portugueses, dando origem a várias exaltações patrióticas durante e após a competição. Ao mesmo tempo, terá contribuído, segundo a opinião de Francisco Pereira, para se falar menos da guerra colonial, das dificuldades económicas sentidas por grande parte dos portugueses, da emigração e do atraso geral do país.²³⁹ Todavia, também aqui é difícil de quantificar o efeito prático do mundial. Mesmo que tenha contribuído para desviar as atenções das massas populares para os problemas que assolavam o país, também isso deverá ter sido efémero. Durante a realização da prova e nas semanas imediatamente consequentes, esse efeito terá sido mais notório. A comunicação social afirma que, durante os jogos de Portugal, o país quase parava, com a esmagadora maioria da população a assistir aos jogos. Após as vitórias da equipa portuguesa, verificavam-se grandes festas populares. Mesmo depois da recepção popular aos jogadores, podemos assumir que o sentimento de nacionalismo e orgulho na prestação nacional tenha durado mais algumas semanas. No entanto, após esse tempo, os

²³⁷ ANTT, Arquivo Secretariado Nacional de Informação, IGAC, caixa 261, processo 36

²³⁸ Ambas as músicas podem ser ouvidas no seguinte vídeo: Sheiks – Eusébio/ Portugal é que é o tal! * 1966 in Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=iZJyOUHDT-g> (30/04/2015)

²³⁹ Pinheiro, Francisco (2012), “Futebol e política na ditadura: Factos e mitos”, em Nuno Domingos e, Nina Clara Tiesler (coords.), *Futebol Português: Política, Género e Movimento*, Porto, Afrontamento, pp.75

êxitos desportivos voltam a submeter-se aos problemas políticos, sociais e económicos do país, tornando-se estes nos principais temas discutidos e abordados por parte da comunicação social e da opinião pública. Ao mesmo tempo, a equipa portuguesa, após o Mundial, não conseguiu manter os seus resultados positivos. Sem conseguir o apuramento para o Europeu de 1968 ou o Mundial de 1970²⁴⁰, o entusiasmo popular e o fervor nacionalista em volta da equipa diminuem e o Estado Novo não volta a ter outra oportunidade de usar o êxito da equipa nacional no futebol para efeitos de propaganda.

O impacto do mundial na situação colonial

Como já foi visto, a situação colonial era a questão central da política portuguesa e a manutenção do império era defendida intensamente por parte do Estado Novo que, mesmo num período em que as guerras coloniais se alastravam já aos três territórios africanos, tentava demonstrar o carácter único da colonização portuguesa e o facto de Portugal ser uma nação una e indivisível, indo do Minho a Timor. Também já vimos que a equipa portuguesa que participou no Mundial possuía vários jogadores provenientes dos territórios coloniais, incluindo algumas das suas grandes estrelas como Coluna ou Eusébio. Esta situação é frequentemente referida nos jornais, seja para assinalar que, independentemente da cor de pele ou da proveniência dos jogadores, a equipa estava unida (o que serviria como exemplo demonstrativo da unidade do império português), seja para assinalar a sua importância no estilo de jogar da equipa, ou mesmo para destacar a singularidade da equipa portuguesa no restante contexto europeu, onde eram poucas as equipas com jogadores oriundos do continente africano. Embora não tenha sido o primeiro caso (já Gilberto Freyre tinha assinalado, após o Mundial de futebol de 1938,²⁴¹ a importância dos jogadores negros e, sobretudo, dos mestiços, para o estilo de jogo brasileiro na competição), nem o último (a equipa francesa que venceu o mundial de futebol de 1998 era também composta por um grande número de jogadores provenientes das ex-colónias francesas, o que levantou alguma

²⁴⁰ No primeiro caso, Portugal viria a ficar em segundo lugar no grupo de classificação para a competição, atrás da Bulgária, que vingou-se assim da derrota sofrida frente aos portugueses em 1966. Já para o Mundial de 1970, a prestação portuguesa foi desastrosa, terminando em último lugar do seu grupo, atrás de Suíça, Grécia e Roménia, primeira classificada e equipa apurada para a competição.

²⁴¹ Gilberto Freyre, “Foot-ball mulato”, *Diário de Pernambuco*, 17 de Junho de 1938, apud Maranhão, Tiago (2006), “«Apolíneos e dionisíacos» - o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro»”, *Análise Social*, Vol. XLI, (179), pp. 441

discussão política sobre o quão representativa da nação francesa era essa equipa²⁴²), a situação política nacional e internacional da época, dava uma redobrada importância à constituição da equipa portuguesa. Desta forma, o sucesso da seleção nacional é aproveitado pelo Estado Novo para defender o seu discurso colonial. O melhor exemplo disso, será a foto referida no capítulo anterior, que mostrava Eusébio a chorar após a partida frente á equipa inglesa.



Imagem 5.3: Eusébio a chorar após o jogo frente aos ingleses,
<http://www.abola.pt/nnh/ver.aspx?id=451322>

Esta foto foi massivamente difundida e, como afirma Marcos Cardão, terá feito mais por uma reivindicação identitária do que muitos discursos oficiais, tornando-se um símbolo do “lusotropicalismo banal”²⁴³. Através desta foto ficava mostrada a “suposta autenticidade do multirracismo português”.²⁴⁴ Como visto acima, Silva Resende utiliza esta imagem como resposta às críticas inglesas de que Eusébio era moçambicano e não português e como prova de que, seja qual for a sua “raça”, credo ou proveniência, todos sentiam da mesma forma o que era ser português. Ao mesmo tempo, vários jornais vão assinalando ao longo da competição e especialmente no final desta, o espírito de companheirismo entre todos os jogadores e a forma como estes representaram o país, servindo como exemplo de um país com uma unidade política e social muito forte, respondendo assim às críticas internacionais que afirmavam que a seleção portuguesa usava não jogadores portugueses, mas sim oriundos das

²⁴² Neves, José (2004), “As chuteiras não têm pátria: futebol, nacionalismo e tempo”, em José Neves e Nuno Domingos (orgs.), *A Época do Futebol: O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*, Lisboa, Assírio e Alvim, pp.81-82

²⁴³ Como explica Marcos Cardão, as contínuas referências e extrapolações do lusotropicalismo para a cultura mediática portuguesa, como o futebol, música ou moda, tornaram-no numa conceção identitária generalizada e banalizada, que deixou de fazer parte apenas do discurso das elites para se tornar parte comum do discurso e atividades populares, inspirando ainda uma série de estereótipos sobre os portugueses, muitos deles ainda atuais.

²⁴⁴ Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O lusotropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pp.111

colónias. Outra forma de demonstrar ao resto do mundo que o sentimento nacionalista era o mesmo em todos os territórios portugueses, era através do entusiasmo demonstrado pelas populações dessas regiões em África com o desempenho da seleção nacional. Ao longo da prova, os jornais nacionais, da metrópole e dos territórios coloniais, assinalam as grandes celebrações populares e patrióticas após as vitórias portuguesas, estando as ruas repletas de pessoas, de várias idades, sexos, estatutos sociais e “raças” diferentes a festejar o sucesso nacional. Destacam-se também os inúmeros telegramas enviados das províncias portuguesas para os jogadores a felicitá-los pelo sucesso na prova. Tudo isto serviria para demonstrar que o entusiasmo provocado pela seleção nacional não se circunscreveu à metrópole, mas também a todos os territórios portugueses. Ao mesmo tempo, como podemos ver nalguns dos artigos de rescaldo da competição nos jornais portugueses, servia também para demonstrar que o império português era mesmo uno e indivisível, o que auxiliava os interesses do Estado Novo e o seu discurso colonial, dado que viam a sua ideologia defendida e difundida em meios não oficiais.

Em termos práticos, é difícil de quantificar o modo como o sucesso da equipa portuguesa no Mundial serviu para aumentar o sentimento de pertença a Portugal ou de alguma diminuição das reivindicações nacionalistas. É possível que neste último ponto não tenha tido grande influência. Em todo o caso, é necessário separar o impacto que o Mundial de futebol e o desporto em geral tiveram, em termos de propaganda, no campo político e no campo cultural e social. No primeiro caso, o impacto parece ter sido reduzido. Apesar do sucesso da equipa no mundial e do entusiasmo que isso provocou nas populações, a guerra colonial continuou, tal como as reivindicações pelo fim do colonialismo. Internacionalmente, também se mantinham as críticas e pressões para garantir a independência dos territórios. Ainda assim, o futebol e o desporto em geral continuaram a ser usados para tentar dar uma imagem positiva da situação colonial portuguesa. Veja-se o exemplo da realização do campeonato do mundo de vela, classe “Vaurien” em Lourenço Marques no ano de 1973. O relatório da visita do Diretor-Geral de Educação do Ministério dos Negócios Estrangeiros é esclarecedor. Não só destaca a grande hospitalidade dada aos concorrentes nacionais e internacionais como “a preocupação de dar aos visitantes uma imagem expressiva da sociedade multirracial moçambicana e uma informação (...) sobre a realidade portuguesa nos seus aspetos mais salientes.” Assinala também o exemplo do delegado holandês que, no fim da prova, reconheceu estar totalmente enganado sobre a ideia que tinha de Moçambique e que

reconheceu a propaganda holandesa como tendenciosa, pedindo desculpa pelos incómodos causados.²⁴⁵

Ao mesmo tempo, o desporto era, por vezes, afetado negativamente pela situação política colonial. A título de exemplo, veja-se o convite feito ao clube holandês Ajax Amsterdão para este disputar um torneio de futebol, juntamente com Benfica e Sporting, também em Lourenço Marques, em 1969. Após ter inicialmente aceite o convite, o clube holandês rejeitou participar no último momento, alegando razões clínicas. Os organizadores do torneio desconfiavam dessas razões e afirmaram que a recusa do Ajax em participar no torneio se devia a razões políticas, pois, na Holanda, verificaram-se campanhas de protesto por parte da imprensa e de alguns grupos de pessoas contra a ida do clube a Moçambique, criticando a política colonial portuguesa com aquilo a que os organizadores apelidam de “frases do mais baixo que se possa imaginar”.²⁴⁶ Apesar destes contratemplos e de o desporto português ter tido um impacto político relativamente inócuo (mesmo o próprio Mundial de futebol), no campo cultural e social verifica-se o oposto. É aqui que mais se nota a ascendência e influência do futebol nas populações coloniais. Como já referido, as vitórias portuguesas são festejadas com grandes manifestações populares e de euforia pelas ruas das mais importantes cidades dos territórios portugueses em África. Os próprios jornais coloniais destacam essas celebrações e os sucessos da equipa portuguesa como um todo. Apesar da preponderância dos jogadores provenientes das colónias, a sua origem raramente é referida na análise dos jornais à competição, com exceção de Eusébio, cujas origens moçambicanas são referidas com alguma frequência. Tendo isto em conta, podemos ver que uma parte significativa da população nestes territórios apoiava a equipa portuguesa, mesmo apesar da situação de guerra colonial. Todavia, isso não implicaria necessariamente um apoio à manutenção do colonialismo português em África. Existia antes uma maior identificação dos locais com a seleção de futebol de Portugal do que com a política portuguesa. Significa isso que os vínculos sociais e culturais portugueses foram mais facilmente assimilados pelos nativos dos territórios. Como explica Nuno Domingos, para o caso moçambicano (que não deverá divergir em demasia dos restantes casos coloniais): “A identificação com a narrativa futebolística portuguesa não emanava de uma imaginação nacional ou imperial, pois a grande maioria desta população saudou o fim do colonialismo, mas dos vínculos emocionais e

²⁴⁵ Arquivo Histórico Diplomático, Processo Nº E-5-10, Cota 04613

²⁴⁶ *Ibidem*

práticos a clubes, jogadores, jogos e a toda uma memória social incorporada”²⁴⁷. A isto não será alheio a forma como o futebol foi introduzido pelas autoridades coloniais portuguesas no território, que tudo fizeram para criar na população a ideia de que o futebol português era culturalmente superior ao futebol local. O sucesso dessa estratégia verifica-se com a assimilação das equipas de futebol portuguesas (e da própria seleção nacional), que continua presente, mesmo várias décadas após o Estado Novo. Novamente segundo Nuno Domingos, “o futebol é um dos sinais mais evidentes de uma presença atualizada de Portugal na capital de Moçambique, perante o desinteresse geral sobre os assuntos da antiga colónia”.²⁴⁸ Apesar de isso se dever em grande parte aos clubes portugueses e da identificação dos locais com estes, que são muitas vezes vistos como entidades supranacionais, ignorando qualquer característica nacionalista sobre eles, a própria seleção nacional portuguesa ainda goza de alguma popularidade e apoio por parte dos Moçambicanos, embora esteja longe de ser unânime e de não se comparar à popularidade da equipa portuguesa em 1966. As ligações futebolísticas entre Portugal e as suas antigas colónias são ainda visíveis através de um número significativo de atletas desses países em vários clubes portugueses, de diversos escalões, num processo em tudo similar ao verificado durante o Estado Novo, quando os clubes portugueses procuravam e adquiriam inúmeros jogadores desses territórios para fortalecerem as suas equipas.²⁴⁹

Concluindo, vemos que o impacto do Mundial de futebol nas colónias foi relativamente forte. Se, por um lado, acabou por não ter grande importância na situação política dos territórios, ou mesmo na opinião dos locais sobre a política colonial portuguesa (até porque o próprio futebol acaba por não ter essa capacidade e poder), a sua influência é visível noutras áreas. Primeiramente, na ligação cultural e social dos habitantes locais à equipa portuguesa, em especial aos seus jogadores provenientes das colónias, algo que estava

²⁴⁷ Domingos, Nuno (2012), “Os usos da narrativa futebolística portuguesa em Maputo”, *Etnográfica*, Volume 16 (1), pp. 178

Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612012000100008&lng=pt&nrm=iso

²⁴⁸ *Ibidem*, pp.174

²⁴⁹ Para mais informações sobre a problemática do êxodo dos jogadores africanos para a Europa, com especial destaque para o caso dos jogadores que emigram para Portugal, ver o artigo de Paul Darby para a revista *Análise Social* em 2006: Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial”, *Análise Social*, XLI, (179), pp. 417-433

Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721687I4bIK7nc2Cd19RE4.pdf>

inserido num processo mais amplo de aculturação e assimilação do futebol português sobre o futebol local. Em segundo lugar, permitiu uma grande difusão do discurso ideológico do Estado Novo em Portugal e no mundo. Mesmo que não por fonte oficial, a grande maioria dos jornais, através dos seus artigos e análises, muitos deles respondendo a críticas de jornalistas estrangeiros, validavam a unicidade e indivisibilidade do império português, ao mesmo tempo que defendiam de forma exacerbada a autenticidade e legitimidade da multirracialidade portuguesa, tentando demonstrar que todas as acusações de racismo, desigualdade e injustiça social feitas à política portuguesa eram falsas. Por fim, e relacionado com este segundo ponto, transmitiu uma imagem positiva do país e da sua suposta variedade de “raças” para o mundo, com Portugal a ser alvo de uma grande popularidade em vários países, mesmo sendo uma popularidade efémera e sem grandes consequências políticas a longo prazo. Em todo o caso, o discurso colonial do regime teve uma grande expansão e divulgação, que dificilmente teria caso a equipa portuguesa não tivesse realizado uma grande prestação no Mundial. Assim, este será o legado político mais importante que o Mundial de futebol de 1966 trouxe à situação colonial portuguesa: uma forma de reivindicação da legitimidade da política colonial portuguesa e uma grande divulgação do discurso do Estado Novo, sem que este tivesse de realizar uma campanha oficial para o efeito.

CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO

O sucesso da equipa portuguesa no mundial de futebol de 1966 foi tão inesperado como útil para o Estado Novo. Se é verdade que, durante a década de 1960, o futebol português vivenciou vários sucessos, com especial destaque para as vitórias europeias de Benfica e Sporting, a realidade é que não se esperava muito da equipa portuguesa no Mundial. Internacionalmente, pouco se falava da seleção nacional, vista como uma equipa destinada a ser eliminada logo na fase de grupos. Mesmo no próprio país, apesar das esperanças, não estavam definidos grandes objetivos para a equipa, especialmente tendo em conta o facto de ter ficado num grupo com Brasil (campeão do mundo nos dois últimos mundiais) e Hungria (uma das melhores equipas europeias da época). Apesar dos prognósticos, a equipa portuguesa surpreendeu tudo e todos e acabou a prova num honroso terceiro lugar, após ser eliminada pela equipa da casa, a Inglaterra. Foi também alvo de elogios pela crítica nacional e internacional, que constataram a grande campanha dos jogadores e reconheceram que Portugal, com um pouco mais de sorte, poderia ter sido campeão do mundo. Após várias décadas de maus resultados, esta brilhante prestação, na estreia da equipa em grandes competições internacionais, serviu para avivar o nacionalismo português e proporcionou grandes celebrações de patriotismo ao longo de toda a competição. Após o fim desta, os jogadores foram recebidos pelos portugueses em Lisboa como nunca antes tinha sido recebida uma delegação desportiva, isto segundo a imprensa. De todos os sucessos do futebol português nesta década, o terceiro lugar no mundial terá sido o mais significativo. Apesar de não ter resultado em nenhum título, como as campanhas de Benfica e Sporting, o facto de ter sido realizada na mais importante competição internacional de futebol, de ter sido feita após anos de maus resultados e de ter sido a equipa nacional, ao invés de uma instituição clubística, faz com que tenha sido a campanha mais festejada e de maior uso propagandístico por parte do Estado Novo.

Como visto no início da tese, foram vários os regimes políticos que se aperceberam do valor do desporto para propagandar a sua ideologia e demonstrar a sua superioridade em relação a políticas ou países rivais. O regime fascista italiano terá sido um dos primeiros a perceber isso e também um dos que teve mais sucesso. Contribuindo para o sucesso da equipa de futebol italiana (facilitando o processo de naturalização de alguns jogadores sul-americanos) e aproveitando depois o êxito desta nos mundiais de 1934 e 1938, para evidenciar as qualidades do fascismo italiano e da figura de Mussolini, este será o caso paradigmático de sucesso no uso do futebol para benefício político. Muitos outros países,

apercebendo-se da capacidade do desporto para exacerbar sentimentos nacionalistas latentes, de contribuir positivamente para a imagem internacional de determinado país e da sua capacidade de unir povos, independentemente das suas diferenças, tentaram usar o futebol para os mais diversos fins políticos, uns com mais sucesso que outros. Em todo o caso, todos eles reconheceram as capacidades e usos do futebol como participante na vida política, cultural e social.

No caso português, e apesar da crescente popularidade do desporto, esse reconhecimento apenas se dá de forma mais tardia. Salazar não via o futebol como um bom representante dos ideais do Estado Novo, devido ao seu carácter popular e de concentração de massas. Ao mesmo tempo, era um desporto que, não raramente, tinha ocorrências de violência e distúrbios populares. Para o Estado Novo, o desporto deveria servir essencialmente para melhorar a condição física e mental dos seus praticantes, além de ter uma função regeneradora, sendo que, para o regime, o desporto que melhor servia estes princípios era a ginástica. Apesar destes contratempos, o futebol português continuou a ganhar popularidade e a evoluir de forma autónoma. Dada essa evolução, cada vez mais evidente, depressa as grandes figuras do futebol português começaram a pugnar pela profissionalização dos jogadores e dos clubes de futebol. Essa seria uma luta que iria durar décadas, devido à oposição do Estado Novo, que considerava que apenas o amadorismo defendia os verdadeiros valores desportivos da cooperação, amizade e funções de revitalização de corpo e mente, sendo o profissionalismo um caminho para, segundo as ideias do Estado Novo, massificar o desporto e torná-lo num espetáculo popular, deturpando assim a sua função original. Todavia, apesar dessa oposição, a evolução do futebol foi de tal forma intensa que, mesmo contra a sua vontade, o Estado Novo não teve alternativa a não ser legalizar o profissionalismo em finais da década de 1950. Apesar de toda a sua aversão ao futebol, o regime não era totalmente alheio e desconhecedor das capacidades do desporto em ultrapassar o seu âmbito original e entrar noutros campos. Apesar de não concordar com isso, o Estado Novo reconhecia que as competições futebolísticas são muitas vezes associadas à força do país e à sua capacidade económica, política e cultural, o que o levou a proibir as viagens das equipas portuguesas ao estrangeiro sem autorização prévia durante grande parte da década de 1950, pois temia que, dado os fracos resultados até aí obtidos, essas partidas apenas contribuíssem para dar uma imagem negativa do país. Também não era alheio ao seu uso para fins políticos e de propaganda, como demonstram alguns acontecimentos durante a vigência do Estado Novo, com especial destaque para a inauguração do Estádio Nacional.

Ainda assim, o uso do futebol para efeitos políticos apenas é usado com mais frequência a partir da década de 1960, devido aos sucessos obtidos pelas equipas portuguesas. Ao mesmo tempo, a situação política nacional e internacional, especialmente o deflagrar da guerra colonial e as frequentes críticas internacionais à política colonial portuguesa, fazem com que a propaganda seja usada com mais intensidade por parte do Estado Novo. No futebol, o grande destaque é dado ao carácter “nacional” das equipas portuguesas. Após as conquistas europeias, o Benfica é elogiado por ser um clube totalmente português, sem qualquer jogador estrangeiro. É também elogiada a união da equipa e dos jogadores, que, independentemente da sua cor de pele, ou local de origem, têm uma relação de camaradagem. Alguns anos depois, voltam-se a usar os mesmos argumentos, agora de forma ainda mais notória e exacerbada, para aplaudir e enaltecer a seleção portuguesa de futebol. São diversas as áreas onde a prestação portuguesa no Mundial é utilizada, seja através de discursos diretos de figuras do Estado Novo, seja através da imprensa, como forma de reforçar o discurso político do regime. Primeiramente, através do desportivismo e correção da equipa portuguesa, muitas vezes citado e referido ao longo da prova. A forma como os “magriços” se comportaram dentro e fora do campo contribuiu muito para passar uma ideia de simpatia dos jogadores portugueses, tendo estes conquistado uma enorme popularidade, que se estendeu à imagem do país em geral. Ou seja, Portugal, graças aos seus jogadores, conseguiu conquistar atenção mediática positiva em vários pontos do mundo, deixando as notícias e críticas da situação colonial portuguesa para segundo plano, isto de acordo com a imprensa portuguesa. Pelo menos durante o período da competição, Portugal terá sido mais conhecido pela sua equipa de futebol e pela simpatia que esta demonstrou, do que por motivos políticos negativos. Por outro lado, os assobios que a equipa portuguesa foi alvo ao longo da competição por parte do público inglês serviram para, através dos artigos inflamados de alguma parte da imprensa, despertar sentimentos nacionalistas, usando o método clássico da hostilidade do “outro” contra “nós”, para tentar criar uma maior união e solidariedade entre o povo português, além de, com isso, dar mais mérito às vitórias portuguesas. Esta tese já tinha sido defendida no plano político por Salazar aquando do seu discurso do “orgulhosamente sós”, onde, através da mesma ideia do “nós contra tudo e todos”, o Presidente do Conselho tentou angariar o apoio popular para a continuação das guerras em África. Assim, vemos uma grande semelhança entre a campanha desportiva e a campanha política. Em segundo lugar, a boa prestação portuguesa no mundial terá servido também para criar nos portugueses um maior sentimento de orgulho, não só na sua equipa nacional, como também no seu próprio país. Mesmo que isso nem sempre corresponda à realidade, o sucesso no futebol é muitas

vezes extrapolado e relacionado com o sucesso do próprio país, ainda mais no caso de Portugal, onde a maior parte dos seus habitantes parece ver o futebol, nomeadamente os resultados dos clubes e da seleção nacional, como um indicador da qualidade e competência do país e das suas populações.²⁵⁰ Como tal, após o mundial de 1966, ainda hoje o melhor resultado de sempre da equipa portuguesa em mundiais, ter-se-á vivido o zénite desse sentimento de brio e patriotismo em relação ao país, como se pôde verificar nas celebrações dedicadas à equipa após a sua chegada.

Também a situação colonial portuguesa foi bastante explorada ao longo da competição, mesmo sem grande interferência direta por parte do Estado Novo. A defesa da política e do discurso colonial português dá-se sobretudo através dos jornais, como forma de resposta às críticas internacionais, ou através dos discursos do presidente da F.P.F. Justino Pinheiro Machado, que foi aquele que, em cerimónias oficiais, mais enalteceu as características e valores da “raça” portuguesa, além de dedicar o sucesso obtido a todos aqueles que lutavam para manter a soberania portuguesa nos territórios coloniais africanos. Curiosamente, nos discursos oficiais de Américo Thomaz e Salazar, não se faz qualquer referência ao confronto colonial, com estes a centrarem-se no prestígio que a equipa conquistou para Portugal e na imagem de grande desportivismo dada ao longo da competição. De facto, as únicas referências na área política que relacionaram o sucesso da equipa portuguesa com a situação colonial foram alguns discursos de deputados da Assembleia Nacional. Nem sequer pareceu existir uma campanha de propaganda oficial por parte do SNI para aproveitar a situação. Ainda assim, se nos meios formais e oficiais, a ação propagandística parece ter ficado aquém do que seria expetável, nos meios informais e não-oficiais, verifica-se uma campanha de defesa dos valores ideológicos do Estado Novo. O sucesso da equipa é usado por vários jornalistas como um exemplo do êxito da política colonial portuguesa e da unidade do império. A apregoada união e variedade rática da equipa portuguesa, que tão bons resultados obteve, seria assim a prova que o império português funcionava como um todo, sem qualquer diferença ou exclusão racial. Afinal, para esses jornalistas, o mundial tinha demonstrado que, todos os portugueses, fossem eles da metrópole ou das colónias, viveram o sucesso da equipa nacional com o mesmo entusiasmo e fervor patriótico, provando assim a existência de um país unido do “Minho a Timor”. Ao mesmo tempo, essa reivindicação do discurso colonial português dá-se também de forma autónoma, sofrendo uma grande divulgação pelo mundo

²⁵⁰ Coelho, João Nuno; Tiesler, Nina Clara, (2006), “O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios”, *Análise Social*, Vol. XLI, (179), pp. 522

graças aos resultados obtidos no Mundial e simpatia demonstrada pelos jogadores. Ou seja, ajudava a passar a ideia que, no fim de contas, se Portugal era um país tão opressor e atrasado, com fortes diferenças raciais, como se afirmava nalguma imprensa internacional, a sua equipa não teria feito uma campanha tão positiva e os seus jogadores não teriam demonstrado a união e camaradagem que demonstraram ao longo da prova. Vemos assim que, a propaganda da ideologia colonial do Estado Novo sai reforçada após a competição. Por outro lado, há que notar as incorreções destas campanhas de propaganda. Em primeiro lugar, apesar de todos os discursos em contrário, são muito poucos aqueles que, nascendo nos territórios coloniais, conseguiam a igualdade de direitos com os que habitavam na metrópole. De facto, mesmo com as alterações introduzidas no início da década de 1960, as diferenças entre colonizados e colonizadores continuavam a ser abismais, sendo o futebol uma das poucas áreas onde os habitantes coloniais conseguiam a sua assimilação, ou seja, obterem a plenitude dos direitos de cidadania. Isso fazia com que este fosse usado como um exemplo da igualdade racial em Portugal, embora, na realidade, fosse uma exceção e não uma regra, não correspondendo à realidade do país. Em segundo lugar, apesar de se terem verificado grandes festejos nos territórios ultramarinos após as vitórias da equipa portuguesa, isso não significava que os habitantes locais se sentissem mais portugueses ou que defendessem a presença portuguesa no território. As razões para esses festejos devem-se à forma como foi introduzido e, posteriormente, assimilado o futebol nas colónias, que frisava sempre a superioridade do futebol nacional em detrimento do local. Todavia, mesmo com essas ligações culturais que levavam ao apoio à equipa portuguesa, isso não significava um qualquer apoio político ao Estado Novo.

Em termos gerais, podemos concluir que o mundial de 1966 foi de facto usado e politizado como um instrumento de propaganda do Estado Novo, especialmente ao nível cultural e social. Todavia, essa campanha dá-se, na sua maior parte, através de meios e discursos de fontes não diretamente associadas ao regime. Na realidade, este parece ter deixado escapar uma boa oportunidade para propagandear as suas ideologias e políticas. Talvez devido à relação, nem sempre fácil, entre o Estado Novo e o futebol, ou talvez porque considerasse que a campanha portuguesa no Mundial fazia a propaganda por si só, sem precisar de qualquer participação oficial, o governo português acaba por não retirar todos os dividendos que podia da prestação da equipa nacional na prova. Se não é estranho verificar que o Estado Novo, ao contrário do que tinha feito Mussolini, não se apropriou diretamente do sucesso da equipa portuguesa, atribuindo-o à sua política ou à capacidade de liderança de

Salazar (o que não faria grande sentido, não só pelo seu estilo de governar, mas também porque o sucesso do futebol português é conseguido após uma luta de vários anos contra a política desportiva do Estado Novo), a inexistência de qualquer referência à situação colonial nos discursos oficiais é mais difícil de compreender. Com a presença de muitos jogadores provenientes desses territórios na equipa, seria de esperar que isso fosse usado como um meio para defender a doutrina “lusotropicalista” portuguesa (como aliás o fizeram grande parte dos meios de comunicação). No entanto, tanto Salazar como Américo Thomaz apenas destacaram o desportivismo e prestígio conquistados para Portugal durante a competição, além da excelente imagem dada no estrangeiro. Além da legitimação e propaganda do discurso colonial, este terá sido o outro campo onde mais se verificou o uso e sucesso do mundial para a situação de Portugal. A imagem de Portugal no estrangeiro ganha uma visão mais positiva e elogiosa, passando para segundo plano os problemas políticos do país, pelo menos durante a prova. É necessário ainda frisar a efemeridade dos efeitos do Mundial. Como visto anteriormente, o futebol consegue centrar em si as atenções, mas apenas durante um curto período de tempo. Desta forma, após o período de euforia pós-mundial, a imagem de Portugal em termos internacionais terá voltado à situação anterior, ou seja, com a guerra colonial a ser o tema mais abordado. Também no território nacional, os efeitos do mundial desaparecem alguns dias após o seu término. Por outro lado, o futebol, apesar de todas as suas virtudes e importância, não tem a capacidade de resolver os problemas políticos dos países. A situação política, a guerra colonial, o atraso económico de Portugal e todas as dificuldades sentidas pelos portugueses não ficaram resolvidas com a boa prestação da equipa nacional. O futebol não é um agente todo-poderoso que consiga resolver os problemas de um determinado país. No entanto, consegue dar alegria e fazer esquecer temporariamente as dificuldades do mundo real, ajudando a criar novas identidades e laços sociais, fomentando novas sociabilidades e alimentando os sonhos e esperanças de milhões de pessoas em todo o mundo. Tendo isso em conta, é natural que o maior impacto do futebol se dê no campo cultural e social e não tanto no campo da política. Também foi esse o caso de Portugal no Mundial de 1966. O seu impacto cultural e social foi muito mais visível, sendo que a sua prestação ainda hoje é lembrada com orgulho por muitos dos que a assistiram. Não é por acaso que Eusébio se manteve uma figura extremamente popular não só em Portugal, como também em Inglaterra (e em grande parte do mundo) até à sua morte. A situação política alterou-se de forma dramática nas décadas seguintes, mas a prestação portuguesa nessa competição continua a ser afetuosamente lembrada, mesmo que hoje não se abordem tanto os contextos políticos e coloniais existentes aquando da disputa da prova.

FONTES

Arquivos

Arquivo Histórico Diplomático

Fundo Ministério do Ultramar

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Fundo Secretariado Nacional de Informação

Publicações Periódicas

A Bola: jornal de todos os desportos

Boletim Oficial da Federação Portuguesa de Futebol

Brado Africano

Diário da Manhã

Diário de Lisboa

Diário de Luanda

Diário de Notícias

Mundo Desportivo

Notícias da Beira

Notícias da Tarde

O Namibe

O Século

Record

Voz africana

Blogues e sites

<http://www.abola.pt>

<http://cadernetasecromos.blogspot.pt>

<http://debates.parlamento.pt/>

<http://www.record.xl.pt/>

Vídeos

1944 – Inauguração do Estádio Nacional (Lopes Ribeiro)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9jWdZS3ATPc>

Sheiks – Eusébio/ Portugal é que é o tal! * 1966

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZJyOUHDT-g>

Fontes primárias impressas

Ferrari, Nuno e José Manuel Delgado (2006), *1966. Portugal no mundo nas imagens de Nuno Ferrari*, Lisboa, A Bola: Público

BIBLIOGRAFIA

- Antunes, José Freire (2002), *A guerra de África: 1961-1974*, Amadora, Lexicultural
- Benoit, Macon (2008), “The politicization of football: The European game and the approach to the Second World War”, *Soccer and Society*, vol. 9, (4), pp.532-550
<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970802257606>
- Boniface, Pascal (1998), “Football as a Factor (and a Reflection) of International Politics”, *The International Spectator*, Vol. XXXIII, (4), pp. 87-98
<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03932729808456836>
- Cardão, Marcos (2013), *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*, Tese de Doutoramento ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)
- Coelho, João Nuno (2001), *Portugal: A equipa de todos nós: Nacionalismo, futebol e media, a reprodução da nação nos jornais desportivos*, Porto, Afrontamento
- Coelho, João Nuno e Nina Clara Tiesler, (2006), “O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios”, *Análise Social*, Vol. XLI, (179), pp. 519-551
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721849K5aJJ4wj8DI59TJ3.pdf>
- Darby, Paul (2006), “Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial”, *Análise Social*, XLI, (179), pp. 417-433
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721687I4bIK7nc2Cd19RE4.pdf>
- Delgado, Iva, Carlos Pacheco e Telmo Faria (coords) (1998), *Humberto Delgado: As eleições de 1958*, Lisboa, Vega
- Domingos, Nuno (2012), “Os usos da narrativa futebolística portuguesa em Maputo”, *Etnográfica*, Volume 16 (1), pp. 163-183 http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612012000100008&lng=pt&nrm=iso
- Domingos, Nuno e Nina Clara Tiesler (coords.) (2012), *Futebol Português: Política, Género e Movimento*, Porto, Afrontamento
- Ferreira, Carolina (2013), *Os media na guerra colonial: A manipulação da emissora nacional como altifalante do regime*, Coimbra, Minerva
- Gaillard, William (2013), “Football, Politics and Europe”, *The Hague Journal of Diplomacy*, vol. 8, pp. 333-340 <http://booksandjournals.brillonline.com/content/journals/10.1163/1871191x-12341261>
- Kassimeris, Christos (2012), “Franco, the popular game and ethnocentric conduct in modern Spanish football”, *Soccer and Society*, vol.13, (4), pp. 555-569
<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2012.677228#.VV5RrIViko>
- Kissoudi, Penelope (2008), “Sport, Politics and International Relations in the Twentieth Century”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 25, (13), pp. 1689-1706
<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523360802367281>
- Kumar, Rahul (2014), *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*, Lisboa, Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade de Lisboa - Instituto de Ciências Sociais
- Maranhão, Tiago (2006), “«Apolíneos e dionísíacos» - o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro»”, *Análise Social*, Vol. XLI, (179), pp. 435-450
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721721E2nAF2ru5Xh45XE4.pdf>
- Meneses, Filipe Ribeiro de (2010), *Salazar*, Lisboa, Edições D.Quixote
- Neves, José e Nuno Domingos (orgs.) (2004), *A Época do Futebol: O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*, Lisboa, Assírio e Alvim

- Neves, José e Nuno Domingos (coords.) (2011), *Uma História do Desporto em Portugal*, Vila do Conde, QuidNovi
- Paulo, Heloísa (1994), *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil: O SPN-SNI e o DIP*, Coimbra, Minerva
- Pinto, António Costa (2001), *O fim do império português: A cena internacional, a guerra colonial, e a descolonização, 1961-1975*, Lisboa, Livros Horizonte
- Pinto, António Costa e Nuno Severiano Teixeira (orgs) (2005), *A Europa do Sul e a Construção da União Europeia 1945-2000*, Lisboa, ICS
- Raab, Alon K. (2014), “The Universe is Shaped like a Football: Football and Revolution”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 31, (7), pp.795-814, <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2014.909964#.VV6P7IViko>
- Riordan, Jim (2006), “«Entrar no jogo»: pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder”, *Análise Social*, XLI, (179), pp.477-498, <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721785K3jQR4oe5Sa38ER8.pdf>
- Rodrigues, Luís Nuno (2002), *Salazar-Kennedy: A crise de uma aliança*, Lisboa, Notícias
- Rosas, Fernando e J.M. Brandão de Brito (dirs) (1996), *Dicionário de História do Estado Novo*, Venda Nova, Bertrand
- Serra, Pedro (2008), *Os estádios de futebol como veículo de propaganda do Estado Novo*, in www.academia.edu/1125949/Os_estádios_de_futebol_como_veículo_de_propaganda_do_Estado_Novo
- Serrado, Ricardo (2009), *O jogo de Salazar: A política e o futebol no Estado Novo*, Alfragide, Casa das Letras
- Serrado, Ricardo e Pedro Serra (2014), *História do Futebol Português: Uma Análise Social e Cultural*, São Pedro do Estoril, Prime Books